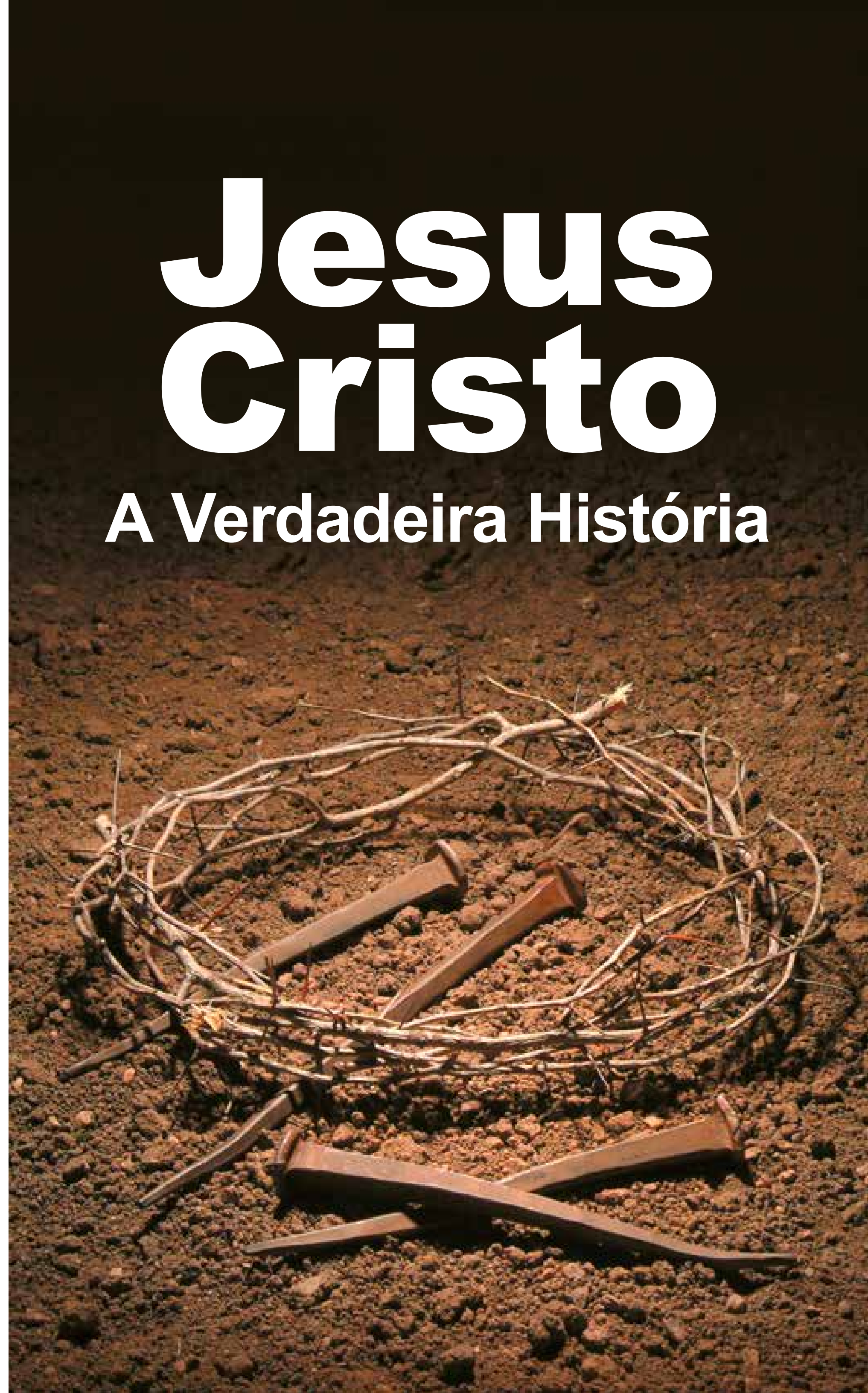
Jesus Cristo

A Verdadeira História



PJC/1907/1.3



ESTA PUBLICAÇÃO NÃO É PARA SER VENDIDA.
E um serviço educacional de interesse público, publicada pela Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional.*

Jesus Cristo

A Verdadeira História

As Escrituras aqui citadas, salvo referido em contrário, são extraídas da versão da Bíblia Portuguesa por João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida (ARC), SBB 1998.

Índice

Versões Bíblicas

As escrituras citadas são extraídas da versão da Bíblia Portuguesa por João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida (ARC).
Quando outra versão é usada, a versão bíblica é referenciada com as seguintes abreviações:
ARA – Almeida Revista e Atualizada
ACF – Almeida Corrigida Fiel
BLH – Bíblia na Linguagem de Hoje
NVI – Nova Versão Intrenacional

Introdução

Quem foi Jesus? Poucos disputarão que um homem de nome Jesus viveu há 2.000 anos e que foi um grande mestre que influenciou o mundo desde a Sua era em diante.

Ele fez uma declaração de uma audácia de cortar a respiração—de que era o verdadeiro Filho de Deus. Durante a maior parte da sua vida Ele dirigiu somente um pequeno grupo, pessoas que acreditavan n’Ele e O consideravam como o seu prometido Salvador e Rei. Mais tarde muitos outros vieram a acreditar, como resultado do testemunho daqueles seguidores, que Ele era o Filho de Deus.

Contudo, na Sua época, as autoridades religiosas rejeitaram-No como o Filho de Deus. Muitas das Suas afirmações eram tão contrárias aos seus ensinamentos e tradições que eles opuseram-se a Ele e eventualmente conseguiram executá-Lo.

De igual modo as autoridades romanas locais também O viam como uma ameaça e tornaram-se cúmplices na Sua execução, sendo elas as actuais executoras. As religiões daquele tempo opuseram-se ao desenvolvimento dos Seus ensinamentos e serviram-se de meios ilegais e violentos para tentar destruir a Igreja que Ele fundou. Também o governo de Roma perseguiu vigorosamente os seguidores deste mestre Judeu da Galiléia.

Controvérsia sobre Jesus

Cristo hoje mantém-se uma figura controversa. Os registos da vida de Jesus nos Evangelhos têm sido postos em dúvida de muitas formas. Por exemplo, os autores dos Evangelhos apresentaram os milagres de Cristo como sobrenaturais. Hoje, contudo, muitos racionalizam-nos como uma função normal da natureza mal conhecida na altura, ou simplesmente descartam-nos por completo como fábulas.

Ainda uma outra e mais moderna reconstrução da vida de Jesus aparece agora em livros e filmes. Assim, muitas pessoas têm acabado por aceitar uma aparência popular de Jesus muito diferente daquela que Ele realmente tivera há 2.000 anos atrás. Estes retratos dão uma imagem incorrecta de Cristo. Filmes como *A Última Tentação de Cristo* e a peça teatral *Jesus Cristo Super Star*, juntamente com incontáveis produções televisivas, têm deixado fortes impressões nos nossos espíritos e no processo distorceram o verdadeiro Jesus histórico, como veremos.

Certamente, podem-se indicar variações de crenças e práticas daqueles que disseram ser seguidores de Jesus através dos séculos e com todo o direito perguntar: “Afinal quem é o verdadeiro Jesus? E por que é que eu O devo querer seguir?”

Certamente se tomarmos literalmente os Seus depoimentos tal como registados pelos Seus seguidores do primeiro século e então consideramos tudo o que aconteceu depois, facilmente nos podemos aperceber que a maior parte dos que professaram seguir Jesus ao longo dos séculos não O seguiram na realidade—e o mesmo é verdadeiro nos nossos dias.

Até se pode concluir que isto é de esperar—que Jesus ensinou bonitas mas impraticáveis ideias, coisas que não podem realmente funcionar no mundo real. E então, talvez o ditado, "o problema com o Cristianismo é que ele nunca foi posto em práctica," contém muita verdade em si. Tal como uma vez disse Mahatma Gandhi, "de Jesus eu gosto, mas dos seus seguidores não sei."

Descobrindo o verdadeiro Jesus

Qual é a história verdadeira? Pode-se ter a verdadeira imagem de Jesus, passados 2.000 anos de diferentes pontos de vista? Em quem confiar quando tentamos encontrá-la?

Para conhecermos o verdadeiro Jesus tem-se de incluir o facto que o que Ele realmente ensinou, e o que realmente fez, *é essencial para a vida eterna.* Orando a Seu Pai, Jesus disse, "*E a vida eterna é esta*: que conheçam a ti só por único Deus verdadeiro *e a Jesus Cristo, a quem enviaste*" (João 17:3, grifo nosso ao longo do livro).

Fez Jesus o que os registos mostram? Foi Ele, e é Ele, o que declarou ser? Pode isso ser provado historicamente? Ou estamos simplesmente limitados a aceitar isso com uma fé cega?

E então, talvez a mais importante das questões: *Isso tem alguma importância real?*

Ponha-se o assunto deste modo: Se a história de Jesus é um mito, se os acontecimentos reportados da Sua vida, juntamente com as Suas reclamações e ensinamentos são fabricação de um pequeno grupo de conspiradores, então claramente isso *não é* importante. Então, encontramo-nos na situação de poder determinar o significado da vida humana pela nossa própria imaginação.

Mas se Jesus Cristo é quem diz que Ele foi—o Filho de Deus que veio à terra para viver como ser humano, que morreu pela mão dos Seus semelhantes, e que ressuscitou da morte passados três dias e três noites—*então isso muda tudo.*

Só pelo simples acontecimento de Deus viver e morrer como homem, estaremos perante o mais espantoso acontecimento da história inteira da humanidade. Ele põe-nos a todos numa situação que requer de nós toda a nossa atenção porque, em última análise, deixa-nos totalmente responsáveis pela escolha que fizermos.

Podemos saber? Este livro procura analizar e responder às maiores questões que pessoas, inteligentes e racionais, naturalmente fazem ao tentar compreender *a verdadeira história de Jesus Cristo*.

Quem—e o que—foi Jesus Cristo?

"Nenhum dos poderes que agora governam o mundo conheceu essa sabedoria. Pois, se a tivessem conhecido, não teriam crucificado o glorioso Senhor" (1 Coríntios 2:8, BLH).

O governador Romano da Judeia, Pôncio Pilatos, enfrentou uma situação difícil quando Jesus foi levado perante ele. Apreensivamente ele tentou descartar-se do quadro que emergia à sua frente. Quando Pilatos ouviu a acusação, atemorizou-se em seu coração: *"[Jesus] afirma que é o Filho de Deus"* (João 19:7, BLH).

A pergunta seguinte de Pilatos denunciou-lhe o medo de que não estava lidando com um homem vulgar. A sua esposa tinha acabado de lhe dar uma mensagem, que tinha recebido em sonho, avisando-o de que nada tivesse a ver com este homem inocente (Mateus 27:19). O próprio Pilatos sabia que Jesus fora-lhe entregue porque os chefes dos sacerdotes tinham inveja e desprezo por Ele (versículo 18). Apesar disso Pilatos não poderia evitar o seu encontro com o destino.

Perguntou a Jesus: "De onde és tu?" (João 19:9). Pilatos já sabia que Ele era Galileu. Mas de que área geográfica este mestre Judeu tinha vindo não era a questão. De onde *é proveniente*, na verdade, era o que Pilatos queria saber. Jesus ficou silencioso. O Sua afirmação de ser Filho de Deus já respondera a essa pergunta. Mas Pilatos não teve coragem de enfrentar esta resposta.

Se a enfrentasse tudo seria diferente. O apóstolo Paulo disse que nenhum dos príncipes deste mundo sabia quem era Jesus, de onde viera e qual o Seu propósito: "Pois, se a tivessem conhecido [se soubessem], não teriam crucificado o glorioso Senhor" (1 Coríntios 2:8, BLH).

Pilatos não podia enfrentar este assunto. Ele sabia que era correcto naquele instante, mas receava perder o poder. Ele temia a reacção de César se lhe fosse reportado que ele não tratou de alguém que representava uma ameaça ao controle romano na região (João 19:12). Ele temia um levantamento popular, se não concordasse com as exigências políticas dos líderes Judeus. Ele também temia Jesus porque não tinha a certeza com quem estava lidando.

Evitar uma escolha difícil

A conveniência política acabou por vencer. O palco foi posto, tanto para

acusar toda a humanidade de culpa, assim como para fazer provisão para a sua absolvição. Pilatos deu a ordem para que Jesus fosse crucificado. A realidade foi negada, deixada para que mais tarde todos a venham a confrontar.

A maior parte de nós tende a ignorar realidades desagradáveis e escolher aquilo que pensamos que é melhor para nós. Confrontado com a evidência de quem realmente Jesus foi, enfrentar-te-ías com uma realidade muito difícil de aceitar? Bem no íntimo, intuitivamente, talvez nos apercebamos que ela mudará a vida, tal como a conhecemos. Por isso considerarmos que talvez seja melhor não abordar este assunto muito profundamente de forma a deixarmo-nos uma saída. Foi o que fez Pilatos.

Mas isto é onde temos de começar. Quem foi realmente Jesus de Nazaré? De onde é que Ele realmente veio? Se compreendermos isso, então fica explicado tudo quanto Ele fez e disse.

Muitos vêem Jesus como um mestre, um homem sábio, um Judeu filósofo que morreu uma morte injusta e horrível e fundou uma grande religião.

Há mais factos do que estes? Um dos tópicos mais controversos é a verdadeira identidade de Jesus Cristo—e ao mesmo tempo talvez o mais crucial. Está na base do sentimento da fé Cristã. O que isto comporta é o entendimento de que Jesus não foi simplesmente um ser humano extraordinário, mas de que foi, *com efeito, Deus em carne humana*.



Em 1961 uma expedição Italiana ao escavar em Cesaréia Marítima, em Israel, encontrou esta placa de pedra com o nome de Pôncio Pilatos, o procurador romano que condenou Jesus Cristo à morte, e a sua denominação de "prefeito da Judeia". Esta inscrição é uma das muitas provas históricas que confirmam a existência de pessoas mencionadas no Novo Testamento.

Mas se foi Deus em carne, *como* foi Ele Deus? Esta é a parte que é muitas vezes negligenciada em muitas explicações—e, como resultado, muitos têm dificuldade em compreender como isto podia ser.

Jesus certamente se considerou a Si mesmo como muito mais que meramente um homem, profeta ou mestre.

Alguns dizem que Jesus não invocou ser Deus. Alguns eruditos até insistem que, anos mais tarde, líderes da Igreja Cristã urdiram e editaram nos registos os títulos que Jesus usou: os milagres e Suas afirmações e acções, que mostravam que Ele cria que Ele era Deus. Por outras palavras, o argumento é que os registos foram fabricados e que o Jesus retratado no Novo Testamento é uma lenda, um produto teológico da Igreja original.

Contudo, isto é historicamente impossível por diversas razões—não sendo das quais a menor a de que imediatamente após a morte e a ressurreição de Jesus, a Igreja cresceu exponencialmente devido à convicção de que Ele era Deus. Não houve tempo para se desenvolver uma lenda à volta de reclamações exageradas de quem Jesus pudesse ser.

Pedro pregou, imediatamente, dizendo que Jesus tinha sido ressuscitado dos mortos, que Ele era sem dúvida o Cristo, e o Senhor, e O igualou a Deus (Actos 2:27, 34-35). Os discípulos e a Igreja sabiam quem Jesus era, como mostra o poderoso crescimento da Igreja.

O facto, conquanto pareça incrível, é que Jesus de Nazaré era Deus em carne. Este facto, que mais além investigaremos, é o que faz o Cristianismo único e dominante. Se Jesus não fosse Deus, então a fé Cristã não diferia em espécie de quaisquer outras religiões. Se Jesus não fosse Deus, os da Igreja Cristã original não teriam base para a sua fé—fé que, nas palavras dos seus inimigos, "tem alvoroçado o mundo" (Actos 17:6).

Jesus, o *EU SOU*

Certamente a declaração mais ousada que Jesus fez a respeito da Sua identidade foi a afirmação: "Em verdade, em verdade vos digo que antes que Abraão existisse, *EU SOU*" (João 8:58). Esta afirmação em Português pode parecer ou soar confusa, mas em Aramaico ou Hebreu, língua em que Jesus a proferiu, ela foi de tal impacto que de imediato levou pessoas a tentarem apedrejá-Lo por blasfemia.

O que estava acontecendo? Jesus estava revelando a Sua identidade como o actual Aquele a Quem os Judeus conheciam como Deus no Velho Testamento. Ele estava dizendo, em poucas palavras, que existia antes de Abraão e que era o mesmo Ser Deus de Abraão, Isaque e Jacó.

Na antiguidade, quando o grande Deus primeiro se revelou a Moisés, em Êxodo 3:13-14, Moisés perguntou-Lhe qual era o Seu nome. "*EU SOU O QUE SOU,*" foi a impressionante resposta. "Assim dirás aos filhos de Israel: '*EU SOU* me enviou a vós.'"

Jesus claramente reclamou ser este mesmo Ser—o *"EU SOU"* de Êxodo 3:14, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó (versículo 15).

"EU SOU" está relacionado com o nome pessoal de Deus no Velho Testamento, o nome Hebraico *YHWH*. Quando este nome aparece nas nossas Bíblias em Português, é normalmente representado em letras maiúsculas por SENHOR e, nalgumas versões, por "Jeová."

Quando Jesus fez esta ousada afirmação, os Judeus sabiam exactamente o que Ele queria dizer. Eles pegaram em pedras para O matar, porque pensavam que Ele era culpável de blasfémia.

"EU SOU" e o relacionado *YHWH* são os nomes de Deus que inferem auto-existência absoluta e eterna. Sendo impossível traduzir rigorosa e directamente para a nossa língua, *YHWH* transmite o significado de "O Eterno," de "O Que Sempre Existe," ou de "O Que Foi, É e Sempre Será". Estes atributos só são aplicáveis a Deus, cuja existência é eterna e imortal.

Em Isaías 42:8 este mesmo Ser diz: "Eu sou o Senhor [*YHWH*]; este é o meu nome; a minha glória, pois, a outrém não darei, nem o meu louvor às imagens de escultura." Dois capítulos à frente diz: "Assim diz o Senhor [*YHWH*], Rei de Israel, e seu Redentor, o Senhor dos Exércitos: Eu sou o Primeiro, e eu sou o Último, e fora de Mim não há Deus" (Isaías 44:6).

Para os Judeus não havia dúvida sobre Quem Jesus dizia ser. Ele disse que Ele era Aquele que a nação de Israel tinha por ser o verdadeiro Deus. Jesus ao dizer que era o "*EU SOU,*" estava dizendo que *era o Deus a quem os Hebreus conheciam por YHWH*. Este nome era considerado tão santo que um Judeu devoto nem o pronunciaria. Este era um nome especial de Deus, que pode só fazer refência ao verdadeiro Deus.

O Dr. Norman Geisler, no seu livro *Christian Apologetics (Apologias Cristãs),* conclui: "Em virtude do facto de que Jeová, do Velho Testamento Judaico, não daria o seu nome, honra, ou glória a alguém, não é de admirar que as palavras e feitos de Jesus de Nazaré levassem os Judeus do primeiro século a atirarem pedras e a gritarem: "blasfémia!" O que o Jeová do Velho Testamento dizia ser, o próprio Jesus de Nazaré também o dizia . . ." (2002, pg. 331).

Jesus identificado com *YHWH*

O Dr. Geisler continua a referir algumas passagens em que Jesus se iguala a Si mesmo com o *YHWH* do Velho Testamento. Vejamos algumas delas.

Jesus disse de Si mesmo: "Eu sou o bom Pastor" (João 10:11). David, no primeiro versículo do famoso Salmo 23, declarou: "O Senhor [*YHWH*] é o meu pastor . . ." Jesus invocou ser juiz de todos os homens e nações (João 5:22, 27). Contudo Joel 3:12 diz: "eu, o Deus Eterno [*YHWH*], vou julgar todas as nações vizinhas" (BLH).

Jesus disse: "Eu sou a luz do mundo" (João 8:12). Isaías 60:19 diz: ". . . o Senhor será a tua luz perpétua, e o teu Deus a tua glória." Também David em Salmos 27:1 diz: "O Senhor (*YHWH*) é a minha luz . . ."

Em oração Jesus pediu ao Pai para compartilhar da Sua eterna glória: "E agora glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse" (João 17:5). Porém Isaías 42:8 diz: "Eu sou o Senhor; este é o meu nome; a minha glória, pois, a outrém não darei . . ."

Jesus falou d'Ele próprio como o noivo vindouro (Mateus 25:1), o que é exactamente como *YHWH* é caracterizado em Isaías 62:5 e em Oseias 2:16.

Em Apocalipse 1:17 Jesus diz que Ele é o primeiro e o último, o que é idêntico ao que *YHWH* diz d'Ele mesmo em Isaías 44:6: "Eu sou o Primeiro, e eu sou o Último."

Não há dúvida de que Jesus entendeu ser Ele próprio o Senhor, (*YHWH*) do Velho Testamento.

Quando Jesus foi preso, o Seu uso do mesmo termo teve um efeito electrificante nos que o prendiam. "Quando, pois, lhes disse: 'Sou eu', recuaram, e caíram por terra" (João 18:6). De notar que os tradutores no seu esforço em tornar a resposta de Jesus mais compreensiva e gramaticalmente correcta, obscurecem o facto de que Ele mais provavelmente reclamou outra vez ser o "*EU SOU*" das Escrituras do Velho Testamento.

"Eu e Meu Pai somos um"

Os Judeus confrontaram Jesus numa outra ocasião, perguntando-Lhe: "Até quando terás a nossa alma suspensa? Se tu és o Cristo [o Messias profetizado], dize-no-lo abertamente" (João 10:24). A resposta de Jesus é bastante reveladora: *"Já vo-lo tenho dito, e não o credes"* (versículo 25). Ele, com efeito, já tinha confirmado a Sua identidade divina numa prévia ocasião (João 5:17-18).

Jesus diz ainda: "As obras que eu faço, em nome de meu Pai, essas testificam de mim" (João 10:25). As obras que Ele fizera foram milagres que *só Deus poderia fazer*. Eles não podiam refutar as miraculosas obras que Jesus fez.

Jesus Cristo: 'A Rocha' do Antigo Testamento

O apóstolo Paulo afirma que o Deus que os Israelitas conheciam do Velho Testamento—aquele a quem eles viam como a sua 'Rocha' da força (ver Deuteronómio 32:4; Salmos 18:2)—era aquele que nós conhecemos por Jesus Cristo. Notemos o que Paulo escreveu em 1 Coríntios 10:1-4:

"...os nossos antepassados.... foram protegidos pela nuvem e passaram pelo mar Vermelho. Como seguidores de Moisés, eles foram batizados na nuvem e no mar. Todos comeram da mesma comida espiritual e beberam da mesma bebida espiritual. Pois bebiam daquela Rocha espiritual que ia com eles; e a Rocha era Cristo" (BLH).

Jesus foi quem falou com Moisés e lhe disse para voltar para o Egipto para trazer os Israelitas para a liberdade. Jesus Era o Senhor (*YHWH*) que fez com que as pragas viessem sobre o Egipto. Ele foi o Deus que conduziu os Israelitas para fora do Egipto nas viagens (no deserto) durante 40 anos. Foi Ele quem deu as leis a Moisés e quem falou regularmente a Moisés. Ele foi o Senhor que lidou com Israel ao longo da sua história nacional.

Sim, por muito espantoso que isso pareça, Jesus Cristo é o Senhor (*YHWH*) tantas vezes referido no Velho Testamento.

Ele fez um outro depoimento que os enraiveceu: "Eu e o Pai somos um" (versículo 30). Isto é, o Pai e Jesus eram ambos divinos. Não havia, outra vez, erro na intenção do que Ele dizia, porque "os judeus pegaram então outra vez em pedras para o apedrejar" (versículo 31).

Os Apóstolos Consideraram Jesus Cristo o Criador

A epístola aos Hebreus fala do Filho como o Ser através do qual Deus criou o mundo (Hebreus 1:2) e quem "sustenta todas as coisas pela palavra do seu poder" (versículo 3). Só Deus é suficientemente grande para fazer tais coisas.

João confirma que Jesus foi o Verbo divino através do qual Deus criou o universo: "Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez" (João 1:3; ver versículos 1-3, 14).

Paulo declara clarissimamente que Deus "... tudo criou por meio de Jesus Cristo" (Efésios 3:9, ACF): "Porque nEle foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades. Tudo foi criado por Ele e para Ele (Colossenses 1:16). E junta no versículo 17, "... e todas as coisas subsistem por Ele."

O Velho Testamento apresenta Deus como o único Criador do universo (Génesis 1:1; Isaías 40:25-26, 28). Quando os primeiros seguidores de Cristo dizem que Jesus é Aquele através de quem todas as coisas foram criadas, eles estão a dizer claramente que *Jesus é Deus*.

Jesus declarou ser tudo o que Deus é, e os discípulos creram e assim ensinaram. Eles compreenderam que Jesus era "a expressa [exacta] imagem da Sua pessoa [de Deus]" (Hebreus 1:3) e "é imagem do Deus invisível" (Colossenses 1:15), "porque nEle habita corporalmente toda a plenitude da divindade" (Colossenses 2:9).



Os autores do Novo Testamento compreenderam claramente que Jesus Cristo era o Criador, Aquele que falou e viu o universo despontar para a vida.

Pelas próprias palavras e acções de Jesus Cristo os discípulos compreenderam claramente quem Ele era e é. Não havia a menor dúvida na cabeça deles. Eles O viram provar isso uma e outra vez. Eles entregar-se-iam ao martírio firmes nessa convicção.

"Respondeu-lhes Jesus: Tenho-vos mostrado muitas obras boas procedentes de meu Pai; por qual destas obras me apedrejais? Os judeus responderam, dizendo-lhe: Não te apedrejamos por alguma obra boa, mas pela blasfémia; porque, sendo tu homem, *te fazes Deus a ti mesmo*" (versículos 32-33).

Os Judeus compreendiam perfeitamente o que Jesus queria dizer. Ele falava-lhes abertamente da Sua divindade.

O Evangelho de João regista ainda uma outra ocasião em que Jesus enfurece os Judeus com a Sua reclamação de divindade. Aconteceu precisamente depois de Jesus ter curado um homem, no tanque de Betesda, no Sábado. Os Judeus pensaram matá-Lo porque Ele fez isto num Sábado, um dia no qual a lei de Deus declara que nenhuma obra se pode fazer (a qual eles interpretaram erradamente por nela incluir o que Jesus estava fazendo).

Jesus, então, proferiu uma declaração a qual os Judeus só a podiam aceitar de uma maneira: "Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também." E que fizeram eles? "Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não só quebrantava o Sábado [de acordo com a interpretação deles], mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus (João 5:1-18).

Jesus estava a igualar as Suas obras com as obras de Deus e, de um modo especial, a declarar Deus como Seu Pai.

Jesus invoca autoridade para perdoar pecados

Jesus declara ser divino de várias outras formas.

Quando Jesus curou um paralítico, também disse: "Filho, perdoados estão os teus pecados" (Marcos 2:5). Os escribas que ouviram isto consideraram que Ele estava blasfemando, porque, correctamente compreenderam e perguntaram: "Quem pode perdoar pecados, senão Deus?" (versículos 6-7).

Respondendo aos escribas, Jesus disse: "Por que arrazoais sobre estas coisas em vossos corações? . . . Ora, para que saibais que o Filho do homem tem na terra poder para perdoar pecados"—disse ao paralítico—"a ti te digo: Levanta-te, toma o teu leito, e vai para tua casa" (versículos 8-11).

Os escribas sabiam que Jesus estava a afirmar que tinha uma autoridade que somente pertencia a Deus. Porque, uma vez mais, o SENHOR (*YHWH*), é o Ser que de acordo com o Velho Testamento perdoa pecados (Jeremias 31:34).

Cristo reivindica poder de ressuscitar os mortos

Jesus afirmou ter mais um outro poder que somente Deus possui—ressuscitar e julgar os mortos. Vejam este depoimento em João 5:25-29:

"Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e agora é, em que

os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão. Porque, como o Pai tem a vida em si mesmo, assim deu também ao Filho ter a vida em si mesmo. E deu-lhe o poder de exercer o juízo, porque é o Filho do Homem. Não vos maravilheis disso, porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal, para a ressurreição da condenação."

Não havia dúvida acerca do que Ele dizia. Ele diz também no versículo 21: "Pois, assim como o Pai ressuscita os mortos, e os vivifica, assim também o Filho vivifica aqueles que quer." Quando Jesus ressuscitou Lázaro da morte, Ele disse a Marta, irmã de Lázaro: "Eu sou a ressurreição e a vida" (João 11:25).

Compare isto com 1 Samuel 2:6 que nos diz que "O Senhor [*YHWH*] é o que tira a vida e a dá; faz descer à sepultura e faz tornar a subir dela."

Jesus aceitou honra e adoração

Jesus demonstrou a Sua divindade ainda de um outro modo, quando disse: "todos honrem o Filho, como honram o Pai." Uma vez e outra, Jesus disse aos Seus discípulos para crerem em Si como criam em Deus. "Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em Mim" (João 14:1).

Jesus recebeu adoração em muitas ocasiões sem proibir tais actos. Um leproso adorou-O (Mateus 8:2). Um governador adorou-O pedindo-Lhe para que ressuscitasse a sua filha da morte (Mateus 9:18). Quando Jesus acalmou a tempestade, os que estavam no barco adoraram-No como Filho de Deus (Mateus 14:33).

Uma mulher Cananeia adorou-O (Mateus 15:25). Quando Jesus se encontrou com as mulheres que foram ao túmulo, depois de Sua ressurreição, elas O adoraram, como assim fizeram os Seus apóstolos (Mateus 28:9, 17). O Gadareno endemoniado, "quando viu Jesus ao longe, correu e adorou-O" (Marcos 5:6). O cego que Jesus curou em João 9 adorou-O (versículo 38).

O primeiro e o segundo dos Dez Mandamentos proíbem adoração a quem quer e ao que quer haja para além de Deus (Êxodo 20:2-5). Barnabé e Paulo ficaram muito perturbados quando as pessoas de Listra quiseram adorá-los depois deles curarem um coxo de nascimento (Actos 14:13-15). Em Apocalipse 22:8-9, quando o apóstolo João, se baixa para adorar o anjo, este recusa-se a ser adorado, dizendo: "Olha, não faças tal . . . Adora a Deus" (Apocalipse 22:8-9).

Contudo Jesus aceitou ser adorado e não repreendeu os que se ajoelharam perante Ele e O adoraram.

A Instrução de Jesus para orar em Seu nome

Jesus não só diz aos que O seguem para crerem nEle, mas também quando oramos ao Pai, o devemos fazer em nome de Cristo. "E tudo

quanto pedirdes em Meu nome eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho" (João 14:13). Jesus põe isto claro ao dizer que o acesso ao Pai é feito através dEle, quando nos diz: "ninguém vem ao Pai, senão por Mim" (versículo 6).

O apóstolo Paulo diz de Jesus: "Por isso, também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um nome que é sobre todo o nome; Para que ao nome de Jesus

A Família de Deus

O Pai e Jesus planearam, desde o princípio, em aumentar a Sua espécie. A espécie de Deus é uma *família*! É chefiada pelo Pai e agora consiste do Pai e do Filho, Jesus Cristo.

Estes dois sempre existiram e sempre existirão. O Seu plano e vontade é o de aumentarem a Sua espécie—"trazendo muitos filhos à glória" (Hebreus 2:10). Justamente como toda a vida foi feita para se reproduzir segundo a sua espécie, como está declarado em Génesis 1, assim Deus moldou o homem de acordo com a espécie de Deus. Este é o significado fundamental do versículo 26, onde Deus diz: "Façamos o homem *à nossa imagem, conforme a nossa semelhança.*"

Este é um processo em duas etapas. Primeiro, Deus fez o homem físico, do pó da terra. Depois, pela conversão e fé em Cristo e obediência à lei de Deus, a lei espiritual de amor, homens e mulheres tornam-se uma nova "*criação*" espiritual (2 Coríntios 5:17; Efésios 4:24). Isto conduz à etape final, o nascimento de novas crianças no seio da família divina, que serão então "como" o Próprio Cristo, o *primogénito* Filho de Deus (Romanos 8:29; Gálatas 4:19; 1 João 3:2).

Na verdade, tal como as crianças humanas são a mesma espécie de seres como os seus pais (isto é, também são seres *humanos*), igualmente os filhos de Deus serão a mesma espécie de seres como o Pai e Cristo (isto é, também serão seres *divinos*). Este é o impressionante destino da humanidade! A família de Deus expandir-se-á através do maravilhoso plano de Deus tal como está revelado na Sua Palavra.

Todos os filhos desta família, para sempre, no futuro, viverão sob a soberania, autoridade e chefia, primeiro do Pai e depois do Filho (ver 1 Coríntios 15:24-28). Guiados pelo Pai e por Cristo, os membros desta família divina compartilharão uma eternidade gloriosa e cheia de justiça no futuro.

É, pois, neste o sentido que Deus é uma família—na verdade uma família em *crescimento*, presentemente formada por dois Seres divinos, o Pai e Cristo, o promogénito desta família, a quem por fim se juntará uma vasta multidão de outros filhos e filhas. (Para estudar mais acerca deste tema, peça ou descarregue do nosso portal na Internet o nosso livro *Quem é Deus?*)

se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, E toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai" (Filipenses 2:9-11).

Paulo está-nos dizendo que o próprio Deus Pai está confirmando o facto de que Jesus é Deus, exaltando o Seu nome ao nível dAquele através de quem dirigimos os nossos pedidos e de quem nos prostramos. Jesus também nos assegura que Ele será quem nos responderá às nossas preces (". . . eu o farei," João 14:13).

Muitos foram os meios pelos quais Jesus se revelou como o Deus do Velho Testamento. Os Judeus viram-No fazer muitas coisas que só Deus faria ou poderia fazer. Eles ouviram-No dizer coisas acerca dEle próprio que só a Deus se podiam aplicar. Eles enraiveceram-se e responderam com ultraje e acusaram-No de blasfémia. Enfureceram-se tanto pelas Suas declarações que O quiseram matar ali mesmo.

A relação especial de Jesus com Deus

Jesus sabia que Ele mesmo era único na Sua relação íntima com o Pai posto que era o único que podia revelar o Pai pois disse: "Todas as coisas me foram entregues por meu Pai, e ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar" (Mateus 11:27).

O Dr. William Lane Craig, um apologista em defesa da fé Cristã, diz que este versículo "nos diz que Jesus afirmou ser o Filho de Deus num sentido exclusivo e absoluto. Jesus diz aqui que a Sua relação filial a Deus é única. E também afirma ser *o único* capaz de revelar Deus à humanidade. Por outras palavras, Jesus afirma ser a revelação absoluta de Deus" (*Reasonable Faith [Fé Razoável]*, 1994, p. 246).

Reivindicações de Cristo declarando ter o poder sobre o destino eterno das pessoas

Em diversas ocasiões Jesus afirmou que era Ele o único através de quem a humanidade podia alcançar a vida eterna. "Porquanto a vontade daquele que me enviou é esta: Que todo aquele que vê o Filho, e crê nEle, tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia" (João 6:40; comparar versículos 47 e 54). Ele não só diz que as pessoas devem acreditar nEle, como também que Ele será quem, por fim, as ressuscitará. Ninguém que seja simplesmente um homem pode ter este cargo.

O Dr. Craig diz mais: "Jesus acreditou que a atitude das pessoas para com Ele seria um factor determinante no julgamento de Deus no dia de juízo. "E digo-vos que todo aquele que me confessar diante dos homens também o Filho do homem o confessará diante dos anjos de Deus. Mas quem me negar diante dos homens será negado diante dos anjos de Deus" (Lucas 12:8-9).

"Não há que errar: se Jesus não fosse o filho divino de Deus, então esta declaração só podia ser vista como o mais limitado e censurável dogmatismo. Porque Jesus diz que a salvação das pessoas depende das suas confissões ao próprio Jesus" (Craig, p. 251).

A conclusão é inescapável: Jesus entendeu ser Ele mesmo divino juntamente com o Pai e possuidor do direito de fazer coisas que só Deus tem o direito de fazer.

A afirmação dos discípulos de Jesus

Os que conheceram Jesus pessoalmente, que foram ensinados por Ele, e que depois escreveram a maior parte do Novo Testamento, são perfeitamente consistentes com os depoimentos de Jesus sobre Si mesmo. Os Seus discípulos eram Judeus monoteístas. Por isso, para eles concordarem que Jesus era Deus, e depois darem as suas vidas por tal crença, isso diz-nos que eles tiveram de ver por eles próprios que as afirmações que Jesus fez de Si mesmo eram tão convincentes que não lhes deixavam a menor dúvida nas suas mentes.

Mateus, autor do primeiro Evangelho, começa-o com a história do nascimento de Jesus pela virgem. Mateus comenta este aconte-cimento miraculoso citando Isaías 7:14, "Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e chamará o seu nome Emanuel", que quer dizer "Deus connosco" (Mateus 1:23). Mateus faz-nos ver que ele compreende que esta criança é Deus—"Deus *connosco.*"

João é igualmente explícito no prólogo do seu Evangelho. "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus . . . *E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós*" (João 1:1, 14).

Alguns deles chamaram-Lhe directamente Deus. Quando Tomé viu as Suas feridas exclamou: "*Senhor meu, e Deus meu!*" (João 20:28). Paulo refere-se a Jesus, em Tito 1:3 e 2:10 como "*Deus nosso Salvador.*"

A epístola aos Hebreus é bastante enfática ao afirmar que Jesus é Deus. Hebreus 8:1, aplicando Salmos 45:6 a Jesus Cristo, declara: "Mas, do Filho, diz: O Deus, o teu trono subsiste pelos séculos dos séculos." Outras partes desta epístola explica que Jesus é maior que os anjos (1:4-8, 13), superior a Moisés (3:1-6), e maior que os sumo sacerdotes (4:14-5:10). Ele é maior que estes porque Ele é Deus.

Ele não nos deixou meios-termos

O reconhecido escritor Cristão C. S. Lewis observa: "Aqui eu tento evitar que alguém diga o que é realmente tolo dizer, o que pessoas muitas vezes dizem acerca dEle: 'Estou pronto a aceitar Jesus como um grande mestre moral, mas não O aceito como Deus.' Isto é uma coisa que não devemos dizer. Um homem que fosse meramente um homem e dissesse as coisas que Jesus disse não seria um grande mestre moral . . .

"Tem que fazer uma escolha. Ou este homem foi, e é, o Filho de Deus; ou então um tolo ou alguma coisa pior. Pode prendê-Lo por tolo, ou cuspir-Lhe e matá-Lo por um demónio; ou cair a Seus pé e chamar-Lhe

Senhor e Deus. Mas não venhamos com uma bobagem condescendente de que Ele foi um grande mestre humano. Ele não deixou isso ao nosso arbítrio. Nem disso teve Ele intenção" (*Mere Christianity [Simplesmente Cristianismo],* 1996, p. 56).

Maravilhoso Cumprimento da Profecia por parte de Jesus

"Mas Deus assim cumpriu o que já dantes pela boca de todos os seus profetas havia anunciado ..." (Actos 3:18).

Dizer que era Deus é uma coisa—mas convencer as pessoas de que era na verdade o que disse que era, é outra coisa completamente diferente. Por isso, como é que os seguidores mais íntimos de Cristo se convenceram tanto ao ponto de darem a vida por essa crença?

Muitas das profecias do Antigo Testamento acerca do Messias foram cumpridas, em detalhe exacto, por Jesus de Nazaré. Nem os Judeus e nem os discípulos de Jesus compreenderam na altura que Jesus estava cumprindo as profecias messiânicas do Antigo Testamento—não obstante, por vezes, Ele lhes tenha dito que esse era o caso (Lucas 18:31; Mateus 26:56). Eles aguardavam um Messias muito diferente daquEle que muitas profecias verdadeiramente descreviam.

Uma das defesas de Jesus para com os Judeus, era a de apelar às próprias escrituras do Antigo Testamento as quais O identificavam como O que viria. "Examinais as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam" (João 5:39).

Depois de Jesus ressuscitar, Ele começou a ajudar os discípulos a compreender as Escrituras e eles foram inspirados a declarar que Jesus era na verdade o Messias. A prova que eles deram consistiu das mesmas Escrituras que eles anteriormente não tinham compreendido.

Juntando o Quebra-cabeça da Profecia

Pouco depois da Sua ressurreição, Jesus encontrou-se com dois dos seus discípulos que caminhavam em profundo colóquio a caminho da cidade de Emaús. Não O reconhecendo, eles abertamente raciocinavam de como podia ser possível tal acontecimento como a morte do Messias. Jesus começou por lhes explicar que o Seu sofrimento e a Sua crucifixão foram profetizados nas Escrituras.

Ele, gentilmente, reprovou-os: "Ó néscios, e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura não convinha que o Cristo padecesse estas coisas e entrasse na sua glória?" (Lucas 24:25-26). Então, "começando por Moisés e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras" (versículo 27).

Mais tarde, nesse dia, Ele apareceu a quase todos os Seus apóstolos e clarificou o que lhes tinha dito antes da Sua morte. E disse-lhes: "São estas as palavras que vos disse estando ainda convosco: Que convinha que se cumprisse tudo o que de Mim estava escrito na lei de Moisés, e nos profetas e nos Salmos" (versículo 44).



Este cilindro gravado com escrita cuneiforme, no ano 538 A.C., no reinado de Ciro, da Pérsia, regista a sua conquista da Babilónia e a sua política de tolerância religiosa. Ele estabelece as condições para um decreto, por um sucessor, que nos diz o ano exacto em que o Messias apareceria—27 E.C., o ano em que Jesus começou o Seu ministério público.

Quando Ele disse "Moisés, e os Profetas e os Salmos" Ele referia-se às três maiores divisões do Antigo Testamento, coisa que todo o Judeu crente, como eram estes apóstolos, compreendia. "Então abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras. E disse-lhes: Assim está escrito, e assim convinha que o Cristo padecesse, e ao terceiro dia ressuscitasse dentre os mortos" (versículos 45-46).

O Espírito de Deus Abre as Escrituras ao Entendimento

Dentro de dias os apóstolos começaram a citar passagens das Escrituras, declarando que estas profecias foram cumpridas por Jesus Cristo.

Pedro fala da morte de Judas, o discípulo que traiu Jesus, em Actos 1:20, citando Salmos 69:25 e 109:8: "Fique desolado o seu palácio; e não haja quem habite nas suas tendas" e ". . . outro tome o seu ofício." Pedro e os discípulos começaram a compreender que as Escrituras falavam em detalhe da vida, da morte e da ressurreição de Jesus.

Depois que receberam o Espírito Santo, no dia de Pentecostes, o entendimento deles das Escrituras aumentou grandemente (João 14:26). Pedro, falando nesse dia, cita de Joel 2:28-29, dizendo que o envio do Espírito Santo foi um cumprimento

dessa profecia (Actos 2:14-18).

Pedro continua com a sua mensagem às multidões agrupadas em Jerusalém, explicando a ressurreição de Jesus com uma referência a Salmos 16:8-11: "Porque dele [de Jesus] disse David: 'Sempre via diante de mim o Senhor, porque está à minha direita . . . Pois não deixarás a minha alma no Hades [no sepulcro]. Nem permitirás que o teu Santo veja a corrupção [decomposição do corpo depois da morte] . . . Com a tua face me encherás de júbilo [pela ressurreição do sepulcro]'" (Actos 2:25-28). Pedro afirma que David foi um profeta e que previu a ressurreição de Jesus o Messias.

Mais espantoso ainda é o quadro da ressurreição de Cristo que David pinta e que Pedro cita: "Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que ponha os teus inimigos por escabelo de teus pés" (Actos 2:34-35). Pedro agora vê claramente que o Antigo Testamento antevia a vinda de Jesus o Messias—O Messias a Quem eles seguiram por mais de três anos. Agora Pedro está citando Escrituras aos seus conterrâneos para provar-lhes que Jesus é o Messias.

Muitos anos mais tarde encontramos Paulo, que a princípio se opôs violentamente aos que aceitaram Jesus como o prometido Messias, argumentando com os Judeus, nas sinagogas, a favor de que Jesus é na verdade o Messias, o Cristo (Actos 17:1-4). Da mesma forma Apolo refutou, "Porque com grande veemência, convencia publicamente os judeus, mostrando pelas Escrituras que Jesus era o Cristo" (Actos 18:28). Alguns dos Judeus a que se dirigiram começaram a compreender as suas próprias Escrituras à luz da vida, da morte e da ressurreição de Jesus o Cristo.

Profecias Cumpridas nos Evangelhos

Os Judeus que acreditavam que Jesus cumpriu as profecias messiânicas eram uma minoria. Os escritores dos Evangelhos, contudo, foram implacáveis ao citarem das Escrituras para demonstrar que Jesus cumpriu em detalhe as muitas profecias messiânicas.

O apóstolo Mateus, por exemplo, parece ter escrito o Evangelho especificamente para uma audiência Judaica do primeiro século. Através de uma série de citações do Antigo Testamento, Mateus documenta a afirmação de Cristo de ser o Messias. A genealogia, o baptismo e os milagres de Cristo, tudo aponta para a inescapável conclusão: Ele *é* o profetizado Messias.

O Evangelho de Mateus cita 21 profecias que foram cumpridas em circunstâncias envolvendo a vida e a morte de Cristo. Onze passagens apontam esse cumprimento ao usar tais introduções como "para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor pelo profeta . . ." ou "então, se cumpriu o que foi dito pelo profeta . . ."

Cumprimento Acidental das profecias?

Os escritores do Novo Testamento citam *mais de 130 vezes* profecias messiânicas do Antigo Testamento. Algumas estimativas consideram que o Antigo Testamento contém 300 passagens proféticas que descrevem quem o Messias é e o que Ele fará. Sessenta destas, são profecias da maior importância. Quais são as probabilidades destas profecias se cumprirem numa pessoa?

Pois, como o Dr. Geisler diz, Deus não comete erros. É completamente inconcebível que Deus permitisse uma decepção total em Seu nome, ou um cumprimento acidental na vida de uma pessoa errada. Tais coisas eliminam a possibilidade dum cumprimento acidental (*Christian Apologetics* [*Apologias Cristãs*] p. 343).

Pode-se ainda argumentar que há essa possibilidade, conquanto remota. Mas as probabilidades matemáticas de todas estas profecias poderem ter convergido por acaso nos acontecimentos da vida de Cristo são incrivelmente diminutas, ao ponto de eliminar qualquer possibilidade desse tipo.

O astrónomo e matemático Peter Stoner, no seu livro *Science Speaks* (*A Ciência Fala*), apresenta uma análise matemática que mostra que é impossível serem cumpridos, numa simples pessoa, por mera coincidência, os exactos depoimentos sobre Aquele que viria.

A probabilidade de somente oito destas profecias (dentre dúzias) serem cumpridas na vida de um homem, estima-se de ser 1 em 10 elevado à potência de 17. Isto é, será uma possibilidade em 100.000.000.000.000.000.

Como podemos pôr isto em termos que possamos compreender? O Dr. Stoner ilustra as possibilidades com este cenário: "Tomem-se 10^{17} [dez à potência de dezassete] moedas de dólares de prata [uma moeda de cerca de 38 mm de diâmetro] e coloquem-se sobre a superfície to estado do Texas (com a sua superfície aproximada de 262.000 milhas quadradas [678,576 Km^2—quase que o mesmo tamanho que Moçambique]). Elas cobrirão todo o estado com uma espessura de dois pés [aproximadamente de 60 cm]. Agora, marque-se uma dessas moedas e seguidamente misturem-se todas cuidadosamente sobre todo o território. Ponha-se uma venda num homem e diga-se-lhe que ele pode andar por onde quiser, mas que tem de apanhar uma moeda e dizer que ela é a moeda que foi marcada."

"Que probabilidades teria ele de encontrar a moeda certa? Precisamente as mesmas que os profetas teriam tido ao escreverem estas oito profecias e acertarem com elas todas num homem."

Mas isto são somente oito profecias sobre o Messias, de entre dezenas delas. Usando a ciência da probabilidade, a probabilidade de 48 profecias acontecerem a uma pessoa, são de 1 em 10 elevadas à potência de 157, isto é, 1 seguido de 157 zeros (*Science Speaks* [*A Ciência Fala*] por Peter Stoner, 1963, pp. 100-109).

Um ou dois cumprimentos proféticos na vida de Cristo podiam ser descartados como coincidentes, mas quando as ocorrências do cumprimento das profecias são contadas, a lei da probabilidade rapidamente atinge o ponto onde mera probabilidade se transforma em *certeza*. Esta é uma das provas de que Jesus foi o Messias prometido—as profecias messiânicas foram exacta e precisamente cumpridas n'Ele.

Analisemos algumas delas.

Semente de Abraão e descendente de David

Em Gálatas 3:8 e 16, Paulo explica que a promessa feita a Abraão de que ". . . todas as nações serão benditas em ti" (Génesis 12:3; 18:18; 22:18), era uma referência ao Messias vindouro. Esta promessa foi mais tarde repetida a Isaque, filho de Abraão (Génesis 26:4) e, depois, mais tarde, prometida a Jacó, neto de Abraão (Génesis 28:14).

Vários séculos mais tarde, foi profetizado que o futuro Messias viria através de Jessé, o pai do rei David, da tribo de Judá—um dos doze filhos de Jacó. "Porque brotará um rebento do tronco de Jessé, e das suas raízes um renovo frutificará" (Isaías11:1).

David foi o filho de Jessé de quem procederia a linha da qual descenderia Jesus de Nazaré, umas trinta gerações mais tarde. Através do profeta Jeremias, Deus profetizou que: ". . . que levantarei a David um Renovo justo" (Jeremias 23:5).

Nesta espantosa progressão de profecias, começando uns 1.500 anos antes da vinda do Messias, somos informados em termos precisos qual seria a linhagem de Cristo. Jesus cumpre estas promessas, como o apóstolo Mateus nos mostra ao registar a descendência de Jesus através da linha do rei David. O número de pessoas que potencialmente poderiam cumprir as profecias messiânicas diminui grandemente quando limitado a esta família.

O Messias viria de Belém

Os Judeus do tempo de Jesus também sabiam que o Messias estava para vir, com origem a partir de Belém (Mateus 2:3-6). Isto era perfeitamente compreendido ao ler Miquéias 5:2: "E tu, Belém Efrata, posto que pequena entre os milhares de Judá, de ti me sairá o que governará em Israel, e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade."

Havia duas Beléns, uma na região de Efrata em Judá e a outra no norte, na região da tribo bíblica de Zebulom. Mas a profecia de Miquéias é precisa. O Messias nasceria em Belém de Efrata. Jesus nasceu nesta Belém de Judá (Mateus 2:1).

As profecias analisadas até agora apontam fortemente para Jesus, mas não são conclusivas. Outras pessoas poderiam qualificar-se se usarmos este critério. Mas estas são somente o princípio.

Profetizado: O Ano Exacto do Aparecimento do Messias

Uma espantosa profecia em Daniel 9:25 dá-nos o ano específico em que o Messias apareceria. O anjo Gabriel revelou esta informação a Daniel aproximadamente 580 anos antes do seu acontecimento. Examinemos esta notável profecia e como foi cumprida.

"Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar, e para edificar a Jerusalém, até ao Messias, o Príncipe, haverá sete semanas, e sessenta e duas semanas ..." (ACF)

A palavra aqui traduzida por "semanas" significa literalmente "setes." Conquanto possa significar semanas de sete dias, não é, evidentemente, o caso aqui. Daniel, anteriormente no capítulo, tinha estado a orar especificamente sobre um período profético de 70 anos. Na resposta a esta sua prece, ele é informado de um período de 70 setes—claramente significando setenta setes *de anos* neste contexto, i.e. 70 períodos de sete anos.

Juntando 7 a 62 teremos 69 destes períodos de 7 anos—isto é, um total de 483 anos—a partir do decreto para reconstruir as muralhas de Jerusalém dá-nos o ano em que o Messias aparecerá em cena.

Depois da destruição de Jerusalém pela Babilónia, em 586 a.C., o império Babilónico foi sucedido pelo império Medo-Persa. Os reis deste império emitiram diversos desses decretos que foram registados na Bíblia (por Ciro, em 538 a.C., encontra-se em Esdras 1:1-2, e por Dario, em 520 a.C., descrito em Esdras 6:8).

Mas o que foi emitido por Artaxerxes Longimanus, em 457 a.C. (Esdras 7:11-26), aponta-nos especificamente para o ministério de Cristo. Contando 483 anos a partir 457 a.C., data deste decreto, traz-nos ao ano 27 E.C. [Era Comum] (tenha em conta que não há ano "0" [zero] pelo que se tem de juntar um ano ao cálculo, i.e. 483-457+1=27).

O ano 27 da era Cristã foi um ano significativo. Jesus foi baptizado nesse ano e começou o Seu ministério público.

Os Judeus do tempo de Cristo estavam certamente familiarizados com a profecia de Daniel. E, sem importar que decreto se possa escolher como ponto de partida dos 483 anos, o tempo para o Messias aparecer tinha decorrido durante os dias de Jesus. O fervor messiânico era enorme devido a que o cumprimento desta profecia estava próximo (comparar João 1:41; 4:25).

Se o Messias estava para vir, Ele teria de aparecer em cena exactamente quando Jesus apareceu—no ano exacto!

Uma Virgem concebe

Uma profecia notável em Isaías 7:14, chamada "a profecia de Emanuel", profetiza o nascimento único de Jesus por uma virgem: ". . . Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e chamará o seu nome Emanuel."

Antes de Jesus nascer, um anjo apareceu a José, em sonho, e disse-lhe que a sua noiva, Maria, estava grávida com uma criança—concebida não por homem, mas pelo Espírito Santo. O anjo referiu-se a esta profecia de Isaías (Mateus 1:18-23; compare-se com Lucas 1:26-35).

Jesus foi um Profeta

Moisés, considerado o maior dos profetas e mestres Hebreus, escreveu a profecia messiânica dizendo que Deus faria vir a público um profeta como ele mesmo de entre Israel, e que Ele representaria directamente Deus (Deuteronómio 18:15, 18).

Nasceu Jesus a 25 de Dezembro?

A maior parte das pessoas assumem que Cristo nasceu a 25 de Dezembro. Tanto mais que essa data é celebrada por todo o mundo como a do Seu nascimento. Contudo, uma análise cuidadosa das Escrituras, claramente indicam que 25 de Dezembro é uma data improvável para o nascimento de Cristo. Aqui estão duas razões principais:

Primeiro, sabemos que pastores andavam nos campos vigiando os seus rebanhos durante a noite em que Jesus nasceu (Lucas 2:7-8). Contudo, pastores não permaneciam nos campos, na Judéia, durante a noite, em Dezembro, devido à falta de forragem e ao mau tempo. De acordo com o livro *Celebrations: The Complete Book of American Holidays* (Celebrações: O Livro Completo dos Dias Santos Americanos), o registo de Lucas "sugere que Jesus tenha nascido no Verão ou princípio do Outono. Posto que o Dezembro é frio e chuvoso na Judeia, é provável que os pastores houvessem procurado abrigo para os seus rebanhos durante a noite" (p. 309).

Semelhantemente, *The Interpreter's One-Volume Commentary* (Comentário do Intérprete de um *só Volume) diz que esta passagem argumenta "contra o nascimento [de Cristo] ocorrer a 25 de* Dezembro, visto que o tempo não permitiria" os pastores olharem pelos rebanhos nos campos durante a noite.

Segundo, os pais de Jesus vieram de Belém para se registarem num senso Romano (Lucas 2:1-4). Os Romanos saberiam melhor do que fazer um senso no meio do Inverno, quando as temperaturas baixam a zero graus e as estradas estavam em pobres condições para viajar. Fazer um senso em tais condições seria um fracasso.

Pois, se Jesus não nasceu a 25 de Dezembro, indica a Bíblia quando é que Ele *nasceu?* Os registos bíblicos, baseados nos detalhes da concepção e nascimento de João Baptista, apontam o Outono do ano no hemisfério Norte, como a ocasião mais provável do nascimento de Jesus.

Posto que Isabel (mãe de João Baptista) estava no seu sexto mês de gravidez quando Jesus foi concebido (Lucas 1:24-36), podemos determinar o tempo aproximado do ano em que Jesus nasceu se soubermos quando João nasceu. O pai de João, Zacarias, era um sacerdote em serviço no templo de Jerusalém durante o período de serviço da ordem de Abias (Lucas1:5). Cálculos históricos indicam que esse turno de serviço correspondia ao periodo de 13 a 19 de Junho desse ano (*The Companion Bible,* 1974, Appendix 179, p. 200—A Bíblia Companheira, 1974, Apêndice 179, p. 200).

Foi durante este tempo, do serviço no templo, que Zacarias soube que ele e sua mulher, Isabel, iriam ter uma criança (Lucas 1:8-13). Depois dele completar o seu turno e regressar a casa, Isabel concebeu (versículos 23-24). Se assumirmos que a concepção de João deu-se à volta do fim do mês de Junho e adicionarmos nove meses a essa ocasião, isso aponta-nos para o fim de Março, como a altura mais provável do nascimento de João. Juntando outros seis meses (a diferença de idade entre João e Jesus) temos o fim de Setembro como ocasião provável do nascimento de Jesus.

Conquanto seja difícil determinar quando foi a primeira vez que alguém celebrou o 25 de Dezembro como Natal, é todavia do acordo geral dos historiadores de que foi em alguma data durante o século quarto.

Isto é uma data incrivelmente tardia. O Natal não foi observado em Roma, a capital do império Romano, até cerca de 300 anos depois da morte de Cristo. As suas origens não podem ser determinadas nem pelos ensinamentos nem pelas práticas dos primeiros Cristãos.

Jesus foi visto como um profeta (Mateus 14:5; 21:46; Lucas 7:16; 24:19; João 4:19; 9:17). Depois de Ele ter multiplicado, miraculosamente, peixe e pão, para alimentar as 5.000 pessoas que O ouviam, Jesus foi visto especificamente como o profeta de quem Moisés tinha falado (João 6:14; comparar com 7:40). Pedro, mais tarde, referiu-se explicitamente a Jesus como este Profeta (Actos 3:20-23).

Um sacrifício pelos pecados

As profecias do Velho Testamento sobre os detalhes do sofrimento e morte do Messias, não foram de maneira nenhuma bem entendidas nos dias de Jesus. Os Judeus acreditavam que o Messias por quem eles aguardavam seria um rei vitorioso que os libertaria dos odiados Romanos e restauraria o reino Israelita—não um humilde Mestre que suportaria sofrimento e morte pelos pecados da humanidade.

Não obstante, isto é uma das principais áreas de profecia do Velho Testamento e do cumprimento do Novo Testamento. Todo o aspecto do sofrimento e morte de Jesus foi virtualmente explicado séculos antes de ter chegado a acontecer.

O verdadeiro quadro revelado nestas profecias é de que o Messias seria "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (João 1:29). O povo não esperava que o prometido Salvador, o Rei conquistador, viesse a ser Um que primeiro dava a Sua vida pela dos outros.

Hebreus 10:12 diz-nos que a morte de Cristo foi, de uma vez por todas, a oferta pelos pecados: "Mas este, havendo oferecido para sempre um único sacrifício pelos pecados, está assentado à destra de Deus". Os versículos 5 a 7 citam Salmos 40:6-8 ao descreverem a vontade de Cristo em se submeter como um sacrifício para pagar o preço dos pecados de todos.

O sistema sacrificial que Deus instituiu no antigo Israel, foi uma representação do sacrifício de Jesus que pagaria este preço uma vez por todas. O derramar de sangue de touros, bezerros, cordeiros e bodes não poderiam tirar os pecados (Hebreus 10:4).

Só o sangue derramado pelo Próprio Criador podia expiar os pecados dos Hebreus bem como os de todos os seres humanos. Os sacrifícios, que foram instituidos sob Moisés, retratam de forma verdadeiramente gráfica a futura morte sacrificial do Salvador da humanidade pelos nossos pecados. Neste sentido o sistema sacrificial, em si mesmo, foi profético do Messias.

O Cordeiro de Deus

Os cordeiros da Páscoa que eram mortos no dia 14 do primeiro mês, pelos Israelitas (Êxodo 12:3-6; Levítico 23:5), eram um poderoso e pungente retrato do sacrifício do Messias, conquanto os Israelitas nunca o entendessem na altura.

Foi neste mesmo dia do calendário Hebraico, o dia em que os cordeiros da Páscoa eram mortos, que Jesus foi preso, julgado e executado. Ele foi verdadeiramente "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" como foi dito por João Baptista (João 1:29).

Os Israelitas não entenderam durante séculos este quadro, assim como os Judeus do tempo de Jesus, e, só *depois* de ter acontecido é que os discípulos compreenderam que Jesus cumpriu secções inteiras das Escrituras que ninguém suspeitava seriam cumpridas pelo Messias.

Profecias à volta da Sua traição, sofrimento e morte

Nada menos que 29 profecias foram cumpridas no período de 24 horas antes da morte de Jesus. Algumas das mais notáveis são:

Ele seria crucificado. "Traspassaram-me as mãos e os pés" (Salmos 22:16). Este depoimento foi escrito cerca de 1.000 anos antes do acontecimento se dar (João 20:25, 27). Talvez mais notável ainda, é o desta profecia descrever uma forma de execução que não começaria a ser praticada por muitos séculos—cerca de 800 anos passar-se-iam antes que os Romanos adoptassem a crucifixão como uma forma de punição para os criminosos condenados.

Seu corpo seria perfurado. ". . . Olharão para mim, a quem traspassaram" (Zacarias 12:10). João diz-nos o que aconteceu: ". . . um dos soldados lhe furou o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água" (João 19:34). João diz-nos que foi testemunha ocular deste acontecimento (versículo 35) e verifica que isso foi o cumprimento dessa profecia: "E outra vez diz a Escritura: 'Verão aquele que traspassaram'" (versículo 37).



Muitos aspectos do sistema sacrificial do antigo Israel, bem como do festival anual da Páscoa, prenunciam o sacrifício de Jesus Cristo como "o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo."

Nenhum dos Seus ossos será quebrado. "Ele lhe guarda todos os seus ossos; nem sequer um deles se quebra" (Salmos 34:20). João diz-nos: "Foram, pois, os soldados, e, na verdade, quebraram as pernas ao primeiro, e ao outro que como ele fora crucificado; Mas, vindo a Jesus, e vendo-o já morto, não lhe quebraram as pernas (João 19:32-33).

João confirma que isto é uma profecia que foi cumprida: "Porque isto aconteceu para que se cumprisse a Escritura, que diz: 'Nenhum dos seus ossos será quebrado'" (versículo 36).

Pessoas jogariam aos dados as Suas roupas. "Repartem entre si as minhas vestes, e lançam sortes sobre a minha roupa" (Salmos 22:18). João também testifica que este detalhe foi cumprido.

"Tendo, pois, os soldados crucificado a Jesus, tomaram as suas vestes, e fizeram quatro partes, para cada soldado uma parte; e também a túnica. A túnica, porém, tecida toda de alto a baixo, não tinha costura. Disseram, pois, uns aos outros: Não a rasguemos, mas lancemos sortes sobre ela, para ver de quem será. Para que se cumprisse a Escritura . . . " (João 19:23-24).

Ele oraria pelos seus executores. ". . . Ele . . . intercedeu pelos transgressores" (Isaías 53:12). Jesus orou, "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lucas 23:34).

Ele viria a ser executado com criminosos. "E foi contado com os transgressores . . ." Isaías 53:12). Mateus 27:38 diz-nos que "foram crucificados com ele dois salteadores, um à direita, e outro à esquerda."

Ele não retaliaria. "Ele foi oprimido e afligido, mas não abriu a sua boca; como um cordeiro foi levado ao matadouro, e como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, assim ele não abriu a sua boca" (Isaías 53:7). Mateus 27:12 diz-nos que "sendo acusado pelos príncipes dos sacer-

dotes e pelos anciãos, nada respondeu." Pilatos, o governador Romano, também tentou obter d'Ele uma resposta: "Disse-lhe então Pilatos: Não ouves quanto testificam contra ti? E nem uma palavra lhe respondeu, de sorte que o presidente estava muito maravilhado" (versículos 13-14).

Ele seria abandonado pelos Seus seguidores. "Fere ao pastor, e espalhar-se-ão as ovelhas . . ." (Zacarias 13:7). Quando Jesus foi preso, todos os Seus discípulos "O abandonaram e fugiram" (Marcos 14:50).

Ele seria traído por um amigo de confiança. A traição de Jesus por Judas, um dos Seus discípulos, foi profetizada em Salmos 41:9: "Até o meu próprio amigo íntimo, em quem eu tanto confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o seu calcanhar." Em João 13:18 e versículo 26, Jesus declara cumprida esta profecia quando dá a Judas o pedaço de pão.



Nas últimas 24 horas da vida de Jesus Cristo foram cumpridas mais de duas dezenas de profecias bíblicas, revelando antecipadamente muitos detalhes do Seu sofrimento e sacrifício para connosco.

O preço da traição seria de 30 moedas de prata. O acto de 30 moedas de prata pagas a Judas pela traição de Jesus (Mateus 26:14-15), entende-se ter sido profetizado em Zacarias 11:12: "E pesaram o meu salário, trinta moedas de prata."

Ser-Lhe-ia dado vinagre e fel. Quando Jesus estava a ser crucificado deram-Lhe vinagre com fel (Mateus 27:34), coisa que fora profetizada em Salmos 69:21: "Deram-me fel por mantimento, e na minha sede me deram a beber vinagre."

Uma vez mais, o número absoluto de profecias e da sua precisão, tudo aponta a que fossem cumpridas por uma pessoa, Jesus de Nazaré. Contudo, a despeito de tantas testemunhas oculares específicas das profecias cumpridas, ainda há pessoas que levantam várias objecções.

Foi o seu cumprimento urdido?

Uma objecção vulgar que alguns levantam é a de que Jesus e os Seus seguidores deliberadamente tentaram fazer por cumprir estas profecias. Vários livros têm proposto variações desta teoria, entre elas a de *O Complô da Páscoa.* Advogados desta idéia alegam que Jesus manipulou acontecimentos de forma a fazer parecer que Ele cumpriu as profecias. De alguma forma Jesus manobrou disfarçar a Sua morte para reviver mais tarde.

Não há dúvida que Jesus deu alguns passos para directamente cumprir profecia, tal como adquirir um jumento para nele entrar em Jerusalém e fazer com que os Seus discípulos tivessem espadas para serem contados como criminosos (ver Mateus 21:1-7; Lucas 22:36-38). Isto não era, contudo, enganador. Tanto mais que, Deus, no Velho Testamento, explica como Ele é capaz de predizer o futuro: ". . . eu sou Deus, . . . Que anuncio o fim desde o princípio, e desde a antigüidade as coisas que ainda não sucederam . . . porque assim o disse, *e assim o farei vir*" (Isaías 46:9-11).

Cristo, como Deus em carne, estava simplesmente fazendo acontecer o que Ele tinha predito.

Contudo, se fosse só um ser humano comum, Jesus não seria capaz de realizar *tudo quanto fora* profetizado acerca do Messias. Embora a idéia possa soar intrigante, ela é impossível quando consideramos o que Jesus teria de ter feito para a executar. Para começar, Ele teria de ter manipulado com sucesso, o Seu próprio local de nascimento e a Sua linhagem familiar. Ele teria de ter organizado a sua data de nascimento, de forma a que, como adulto, Ele começaria o Seu ministério e organizado a Sua morte tudo de acordo com o quadro do tempo da profecia de Daniel 9. E, ainda por cima, Ele teria de ter engendrado o Seu próprio miraculoso nascimento por uma virgem.

Se esta teoria tivesse algum sentido de plausibilidade, mesmo assim não faria sentido que Jesus não tivesse cumprido a *expectação* Judaica de um Messias que estava para vir como rei para governar o povo nessa altura. Certamente que Jesus teve essa oportunidade de, se Ele quisesse, fazer-se um rei e chefe físico da nação Judaica. Muitos desejavam-No seguir e fazê-Lo rei (João 6:15; 12:12-19). Contrariamente, Ele tomou a via que O levou ao Seu horrível sofrimento e morte.

Ele, cumpriu fielmente as profecias de acordo com a intenção de Deus, mas contrariamente ao entendimento comum da sua época. Ele fez-se servo e desejou dar a Sua vida como paga pelos pecados de todos (Mateus 20:28). O carácter demonstrado não O qualifica como charlatão e falsário—alguém que manipula acontecimentos para seu próprio benefício.

O Cumprimento da profecia é prova

Deus, que é capaz de controlar todos os acontecimentos, fez com que estas profecias fossem escritas séculos antes de se realizarem na pessoa de Jesus de Nazaré. Como Pedro declara: ". . . Deus assim cumpriu [por Jesus Cristo] o que já dantes pela boca de todos os seus profetas havia anunciado" (Actos 3:18).

Paulo reafirma que "Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras" (1 Coríntios 15:3-4).

Predizer com precisão estes acontecimentos 200 a 800 anos em avanço não é nada menos que um milagre—um que requer conhecimento e poder divino para os fazer acontecer como predito. Deus não faz as coisas ao acaso. Ele sabia, mesmo a partir da fundação do mundo, que o Seu Filho teria de vir à terra (1 Pedro 1:20), e anunciou os acontecimentos do Seu nascimento, morte e vida para que tivéssemos firme evidência em que firmar a nossa fé.

Uma Vida Impecável e Miraculosa

"E muitos da multidão creram nele, e diziam: 'Quando o Cristo vier, fará ainda mais sinais do que os que este tem feito?'" (João 7:31).

Viver-se uma vida impecável, tão única quanto for esta, não provará necessariamente que se é Deus. Contudo, posto que Jesus declarou ser Deus, e viveu uma vida sem mácula e virtuosa, e apoiou a Sua declaração com milagres, isso já é um caso diferente.

A Bíblia declara que ". . . o pecado é a quebra da lei" (1 João 3:4, BLH). Paulo diz-nos que "todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus" (Romanos 3:23).

Mais tarde Paulo diz, "o salário do pecado é a morte" (Romanos 6:23). Deus não faz concessões com a Sua santa e recta lei. Jesus disse que "nem um jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido" (Mateus 5:18). A penalidade da quebra dessa lei será paga.

Posto que todos pecámos, todos merecemos a morte, como diz Paulo. Este é o destino de todos os seres humanos—*a não ser que* alguém viesse e satisfizesse as exigências da lei. *Jesus fez isso*. E foi necessário que *Deus* próprio o fizesse, como veremos num capítulo posterior. Nenhuma vida duma pessoa seria suficiente para satisfazer as exigências da lei por *toda* a humanidade. Uma vida que pudesse satisfazer a penalidade dos pecados de todos nós teria de ser muito *maior* que as vidas de todos nós—teria de ser a vida *do Próprio Criador.*

Isto—que o Deus Criador seria o que tivesse de morrer pelos seres humanos para eles poderem viver—foi previsto antes da criação da humanidade. Jesus, como vimos, é o *Criador* de todas as coisas—e, por conseguinte, *maior que* todas as coisas, e nEle está o valor inerente para satisfazer a exigência.

Por isso, era essencial que Jesus vivesse uma vida sem pecado. "Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fossemos feitos justiça de Deus" (2 Coríntios 5:21).

Ele tornou-se o sacrifício do pecado que a lei exigia. "E, porque Jesus Cristo fez o que Deus quis, nós somos purificados do pecado pela oferta que ele fez, uma vez por todas, do seu próprio corpo" (Hebreus 10:10, BLH).

Jesus sabia que isto era um dos maiores propósitos da Sua vinda à terra para viver uma vida humana. "Agora estou sentindo uma grande aflição. O que é que vou dizer? Será que vou dizer: Pai, livra-me desta hora de sofrimento? Não! Pois foi para passar por esta hora que eu vim" (João 12:27, BLH).

Uma vida inocente abatida por nós

O profeta Isaías diz-nos que Deus Pai "fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos" (Isaías 53:6) e "pela transgressão do meu povo ele foi atingido" (versículo 8). Então Isaías expressa a Sua inocência: "ainda que nunca cometeu injustiça, nem houve engano na sua boca" (versículo 9).

Pedro, usando as palavras de Isaías depois da morte de Jesus, confirma que assim aconteceu. "Porque para isto sois chamados; pois também Cristo padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as suas pisadas. 'O qual não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano.' O qual, quando o injuriavam, não injuriava, e quando padecia não ameaçava, mas entregava-se àquele que julga justamente; Levando ele mesmo em seu corpo os nossos pecados . . ." (1 Pedro 2:21-24).

Que espantoso legado! Nenhum pecado! Nem por palavra, por feito ou até nem por pensamento, mesmo quando sob a maior tentação e pressão! Hebreus 4:15 diz isto assim: Ele, "um que, como nós, em tudo foi tentado, *mas sem pecado."*

Há algumas pessoas que se intitulam rectas, até mesmo perfeitas. Mas poucos os tomarão a sério, especialmente aqueles bem relacionados com elas. Porém, com Jesus, aqueles chegados a Ele—os que viajaram, comeram, caminharam e falaram com Ele, constantemente através do Seu ministério—testificaram e dispuseram-se a morrer pela fé de que Ele era *o Filho de Deus sem pecado.*

Jesus desafiou os Seus inimigos, "Qual de vocês pode provar que eu tenho algum pecado?" (João 8:46). Os registos mostram que o que todos os inimigos de Jesus podiam fazer era arremessar loucas, insustentáveis alegações*: "Nós não somos filhos ilegítimos . . ."* —insinuando que Ele o era (versículo 41); *"Ele engana o povo!"* (João 7:12); e *"Tem demónio, e está fora de si"* (João 10:20). Até no Seu julgamento os Seus acusadores tiveram de recorrer a falsas testemunhas porque ninguém podia testificar qualquer falta que Ele tivesse cometido (Mateus 26:59-61).

Mesmo os que não eram Seus discípulos concordavam que o carácter de Jesus de Nazaré estava sem mácula. O veredicto de Pilatos foi: "nenhum crime acho nele" (João 19:6). O centurião que chefiou a execução de Jesus, tendo testemunhado uma mente e espírito como nenhum que jamais vira, "deu glória a Deus, dizendo: 'Na verdade, este homem era justo'" (Lucas 23:47).

Um dos criminosos que foi crucificado com Cristo, juntou o seu testemunho à rectidão que observou. Censurou o outro condenado

dizendo: "Tu nem ainda temes a Deus, estando na mesma condenação? E nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o que os nossos feitos mereciam; mas este nenhum mal fez" (versículos 40-41).

Jesus viveu uma vida virtuosa e sem pecado como é confirmado por quem O conheceu e O observou no dia-a-dia, assim como em circunstâncias difíceis. Mesmo membros da Sua família que O conheceram desde a infância—os Seus meio-irmãos, que inicialmente não criam nEle (João 7:5)—acabaram por aceitá-Lo como o perfeito, imaculado filho de Deus (ver "As relações familiares de Jesus," na página 62). O carácter da Sua vida foi em si mesmo evidência da verdade que Ele proclamou acerca dEle próprio.

A vida miraculosa de Jesus

A vida de Jesus foi marcada por milagres desde o início. Foi dado à luz por uma virgem, transformou a água em vinho, caminhou sobre a água, acalmou a tempestade. Ele multiplicou pão para dar de comer à multidão,

Podia Jesus fazer milagres?

Uma das maiores objecções sobre milagres é de que eles violam a lei natural. A lei natural é imutável, por conseguinte a lei natural não pode ser violada, argumentam os críticos.

Se não houvesse Deus, isso, então, poderia ser verdade. Mas de onde vêm as leis naturais da física, da energia e da matéria? Como apareceram? Estas leis de tão espantosa precisão criaram-se a si mesmas? Os que negam um criador não têm resposta.

Mas se Deus é real, devemos esperar que milagres—da forma exacta como são registados nos Evangelhos—devam ser uma parte razoável da vida dAquele que desejou provar a Sua identidade divina aos que O rodeavam.

Estritamente falando, Jesus por Si mesmo não fez milagres, pois Ele renunciou esse poder divino (Filipenses 2:6-8). Ele claramente disse que não tinha a capacidade de fazer obras sobrenaturais por Si mesmo ao dizer: "o Filho por si mesmo não pode fazer coisa alguma" (João 5:19) e "Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma" (versículo 30). Obviamente então, Jesus confiou em Deus Pai para realizar os muitos milagres que caracterizaram o seu ministério (João 14:10).

E quanto a Deus, o omnipotente Criador que definiu as leis naturais, não é nada intervir sobrenaturalmente na criação para levar a efeito o que nos possa parecer impossível. Jesus disse: "a Deus tudo é possível" (Mateus 19:26). Na verdade, milagres acontecem. No caso de Cristo, o Pai satisfez-Lhe todas as Suas preces e apoiou todas as Suas ordens, para que, como os discípulos de Cristo reconheceram em Mateus 8:27, até mesmo o vento e o mar Lhe obedeceram.

abriu os olhos aos cegos, curou os coxos, e sarou os leprosos. Ele curou toda a espécie de doenças entre todas as classes da sociedade, expulsou demónios e até ressuscitou mortos novamente para a vida.

Estes milagres foram tão impressionantes que o povo até comentou: "Quando o Cristo vier, fará ainda mais sinais do que os que este tem feito?" (João 7:31).

Jesus apontou os milagres como prova de quem Ele era. Ele disse a alguns que O questionaram: "As obras que eu faço, em nome de meu Pai, essas testificam de mim" (João 10:25). Jesus assinalou os milagres como credenciais de que Ele era o Filho de Deus: "Se não faço as obras de meu Pai, não me acrediteis. Mas, se as faço, e não credes em mim, crede nas obras; para que conheçais e acrediteis que o Pai está em mim e eu nele" (versículos 37-38).

Quando os mensageiros de João Baptista foram ter com Jesus a perguntar-Lhe se Ele era na verdade O que estava para vir em cumprimento de todas as profecias messiânicas, repare-se na resposta de Jesus: ". . . Ide, e anunciai a João as coisas que ouvis e vedes: os cegos vêem, e os coxos andam; os leprosos são limpos, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho" (Mateus 11:1-5). Jesus esperava perfeitamente que João entendesse que tais feitos seriam toda a evidência que ele necessitava.


iStockphoto

O sinal definitivo que Jesus deu em como Ele era o Messias prometido foi "o sinal do profeta Jonas" — i.e., de que Ele estaria sepultado durante três dias e três noites, e sendo depois ressuscitado de entre os mortos. Os Evangelhos registam que os Seus discípulos entraram no túmulo depois de terminar esse tempo e encontraram vazio o sudário em que o Seu corpo foi embrulhado.

Os milagres demonstraram claramente quem Jesus era, justamente como era Sua intenção. Ele curou um paralítico com as seguintes palavras: "Filho, perdoados estão os teus pecados" (Marcos 2:5). Ele esclareceu os que lá se juntaram dizendo, curei o homem: "para que saibais que o Filho do homem tem na terra poder para perdoar pecados" (versículo 10). Os Seus críticos, acusando o toque, observaram: "Quem pode perdoar pecados, senão Deus?" (versículo 7).

Noutra ocasião disse Ele: ". . . se eu expulso os demónios pelo Espírito de Deus, logo é chegado a vós o reino de Deus" (Mateus 12:28). Jesus queria fazer-lhes saber que eles estavam lidando com uma pessoa com o poder do Espírito de Deus, representando o verdadeiro Reino de Deus.

Os Fariseus pedem um sinal

Contudo, estas curas milagrosas não eram suficientes para os cépticos.

Eles queriam mais. Por duas vezes Lhe pediram um sinal miraculoso (Mateus12:38; 16:1). A Sua resposta foi a mesma em ambas as ocasiões: "Uma geração má e adúltera pede um sinal, porém, não se lhe dará outro sinal senão o do profeta Jonas" (Mateus 12:39; 16:4).

Os cépticos, em Mateus 12, tinham acabado de observar o milagre de Jesus expulsar um demónio e, desse jeito, curar o homem cego e mudo (versículo 22). Justificavam a sua incredulidade reclamando que Jesus só podia fazer este milagre pelo poder do demónio (versículo 24). Jesus mostrou-lhes o ridículo do argumento e prosseguiu dando-lhes um severo aviso por negarem o que tinham acabado de ver com os seus próprios olhos.

Relutantes a aceitarem a conclusão a que estes feitos plenamente conduziam, então pediram um outro sinal. Jesus, pois, chegou-lhes a conclusão: "Os Ninivitas ressurgirão no juízo com esta geração, e a condenarão, porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis que está aqui *quem é mais do que Jonas"* (versículo 41).

Jesus estava dizendo que o milagre que eles reconheciam ter ocorrido, mas que pretendiam descartar, era prova suficiente para mostrar a qualquer pessoa razoável de quem Ele era. Os seus pedidos para sinais tiveram como resposta uma repreensão de Jesus. Então Ele simplesmente os deixou (Mateus16:4). O único sinal que lhes deu—"o sinal do profeta Jonas"—seria a Sua prova final de que Ele era, na verdade, o Filho de Deus. Que prova foi essa? Ele estaria na sepultura, depois da Sua morte, só e precisamente três dias e três noites, porque Ele ressuscitaria ao fim desse tempo (ver "Quando foi Jesus Cristo Crucificado e Ressuscitado?" na página 42).

Começando e acabando com milagres

Os milagres sempre têm sido um desfio para os cépticos. Se uma pessoa toma uma posição de negar qualquer coisa que desafia as leis da natureza—o sobrenatural, por outras palavras—então a conclusão é, certamente, que os milagres não aconteceram. Então essa pessoa tem que procurar outro meio para explicar as ocorrências registadas na Bíblia—ou negar completamente que aconteceram.

Mas o registo histórico de Jesus na verdade mostra que a Sua vida física aqui na terra começou com uma intervenção da vontade divina sobrepondo o seu poder sobre a lei natural—com o caso da virgem conceber e dar à luz um Filho. A história dos Evangelhos termina da mesma forma—com o poder divino expandido para ressuscitar Jesus de novo à vida. A Sua vida inteira foi um milagre do início ao fim—e, para um novo início. Aprenderemos mais sobre isso no próximo capítulo.

Jesus morreu mesmo e voltou a viver novamente?

"Deus ressuscitou a este Jesus, do que todos nós somos testemunhas (Actos 2:32).

Uma das maiores provas de que Jesus é exactamente Aquele que disse que era—o Filho de Deus e O único através de quem a vida eterna é oferecida—é a Sua ressurreição da morte.

Os Seus seguidores estavam convencidos de que Ele era o Messias e o Filho de Deus. Os Seus milagres, a Sua vida sem pecado e os Seus ensinamentos, tudo lhes provou quem Ele era. Mas a Sua ressurreição confirma todas as declarações que Jesus fez a todas as pessoas para sempre.

O que é espantoso é que Jesus pôs tudo em risco com os Seus próprios depoimentos de que morreria e seria ressuscitado para a vida novamente. Em diversas ocasiões Ele predisse a Sua própria ressurreição. "E começou a ensinar-lhes que importava que o Filho do homem padecesse muito, e que fosse rejeitado pelos anciãos e príncipes dos sacerdotes, e pelos escribas, e que fosse morto, mas que depois de três dias ressuscitaria" (Marcos 8:31).

Quando os escribas e os Fariseus quiseram um sinal dEle, Ele disse que só um sinal seria dado: "Porque assim como esteve Jonas três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra" (Mateus 12:40, ARA).

É muito arriscado predizer a tua própria ressurreição. Contudo, Jesus não só a predisse mas também anunciou com precisão *quando* ressuscitaria (ver "Quando foi Jesus Cristo Crucificado e Ressuscitado?" na página 42)

Tudo se resume a este acontecimento. Como sabemos que a ressurreição de Jesus aconteceu?

Se a resurreição não se deu tal como Ele disse, então não há razão para acreditar que a forma de vida que Cristo trouxe é melhor ou mais recta que qualquer outra religião. Não haveria nada sensasional acerca de Jesus de Nazaré; Ele seria simplesmente mais um outro impostor religioso.

Mas *se a resurreição aconteceu realmente*, então temos uma diferença muito grande entre Jesus e todos os outros líderes religiosos: os ensinamentos de Jesus são verdadeiros, tudo quanto Ele disse é verdade, e Ele é exactamente o que disse que é.

No seu livro *Reasonable Faith (Fé Razoável)* o Dr. William Craig apresenta três grandes factos, independentemente estabelecidos, nos quais assenta a evidência da ressurreição de Jesus: o túmulo vazio, as aparições da ressurreição e a origem da fé Cristã (p.272). Examinemos os detalhes e implicações de cada um deles.

Morreu realmente Jesus?



A crucifixão era um modo de morte muito dolorosa, em que por vezes as vítimas sofriam em agonia durante vários dias.

Que Jesus morreu e foi sepultado, é um dos factos mais bem estabelecidos acerca de Jesus. A Bíblia diz repetidamente que Ele morreu. Alguns críticos argumentam que Jesus não estava completamente morto quando foi posto no sepulcro. O Corão, considerado sagrado pelos Muçulmanos, diz que Jesus somente parecia estar morto. Alguns cépticos têm reclamado que Ele meramente *parecia* estar morto, possivelmente drogado, mas acordou quando estava no túmulo e escapou para convencer os Seus discípulos de que tinha ressuscitado dos mortos.

Mas quando examinamos os factos, o que tais teorias sugerem é fisicamente impossível. A extensão das torturas e feridas de Jesus foi de tal sorte que homem algum poderia sobreviver à crucifixão e a três dias e três noites de isolamento num escuro e frio sepulcro.

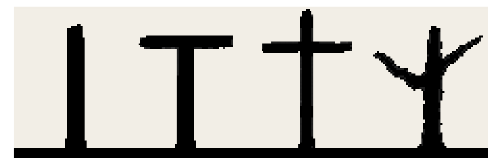
Dizer-se que Ele estava narcotizado, é ignorar o registo, pois Ele declinou o analgésico usualmente dado aos condenados por crucifixão (Marcos 15:23). Mais tarde ofereceram-Lhe vinagre, numa esponja, mas não há indicação de um efeito de remédio disto em Jesus por causa da Sua óbvia agonia e do Seu grito final de morte (versículos 36-37).

A morte às mãos dos verdugos e executores Romanos era certa e podia acontecer por diversas causas. O jornalista Lee Strobel, numa entrevista com o Dr. Alexander Metherell, descreve a morte de Jesus sob um ponto de vista médico (*The Case for Christ, [O Caso por Cristo],* 1998, pp. 193-200).

Jesus fora espancado repetidamente e flagelado com o chicote romano antes da Sua crucifixão (Mateus 27:26). O açoite de couro, uma espécie de chicote, era feito de forma a infligir a máxima dor e estrago na vítima. Era guarnecido com pedaços de osso e de ferro, entrelaçados nas pontas, para dilacerar a carne em cada chicotada. O açoite penetraria nos músculos subjacentes e produziria tiras arrepiantes de carne muscular a sangrar.

Eusébio, um historiador do terceiro século, escreveu que “as veias da vítima eram postas a nu e os próprios músculos, tendões e entranhas eram expostos” (citado por Strobel, p. 193). Muitas das vítimas morreriam da flagelação antes de poderem ser crucificadas.

A dor extrema, em conjunto com a perda de sangue, levava muitas vezes a que a vítima entrasse em choque—a sua pressão arterial cairia e causaria desmaio, colapso e sede intensa. Os Evangelhos registam que Jesus sentiu estes sintomas no Seu caminho para o Gólgota. Enfraquecido ao ponto de colapso, Ele não pôde com o peso do madeiro que carregava e, um observador, Simão, o Cireneu, foi forçado a carregá-lo por Ele parte do caminho (Marcos 15:21). Quando foi crucificado, disse, “tenho sede” (João19:28).


Historiadores do tempo de Cristo registam que as crucifixões romanas eram feitas em simples postes espetados na terra, em postes com barras transversais em várias posições e mesmo em troncos de árvore.

Mas além disso, Ele já tinha sofrido selvagens açoites antes da flagelação. No Seu julgamento, perante o sinédrio, “cuspiram-lhe no rosto e lhe davam punhadas, e outros o esbofeteavam, Dizendo: Profetiza-nos, Cristo, quem é o que te bateu?” (Mateus 26:67- 68). Quando O entregaram aos soldados Romanos, eles ainda mais O maltrataram, socando-O, esbofeteando-O e enfiando-Lhe uma coroa de espinhos na cabeça (Mateus 27:29-30; Marcos 15:16-19; João 19:3).

Temos uma indicação da magnitude desta punição em Isaías 50:6: “Ofereci as minhas costas aos que me batiam e o rosto aos que arrancavam a minha barba. Não tentei me esconder quando me xingavam e cuspiam no meu rosto” (BLH).

Uma outra profecia ainda mais graficamente descritiva vê-se em Isaías 52:14: “. . . ele estava tão desfigurado, que nem parecia um ser humano” (BLH). O que isto nos diz é que Ele foi tão espancado, estava tão deformado e sangrava tanto *que dificilmente era reconhecido como um ser humano*.

Pilatos parece ter pensado que quando apresentasse Jesus à multidão, depois dos açoites e flagelação, Ele apresentaria um espectáculo tão penoso que satisfaria a sede pelo sangue dos Seus acusadores (João 19:1, 4-6). Mas o ódio deles pelo homem de Nazaré ensanguentado não ficaria satisfeito. Insistiram que fosse crucificado.

A agonia da crucifixão

Por causa dos efeitos destes açoites e flagelação, sob um ponto de vista médico, Jesus já estaria numa condição muito séria, e mesmo já muito

Formas Romanas de Crucifixão

A crucifixão não foi sempre levada a efeito do modo como a vemos tipicamente representada em pinturas. De facto, como dito neste capítulo, uma vítima da crucifixão provávelmente não era pregada pelas mãos, posto que a estrutura delas não podia suportar o peso do corpo. As vítimas, mais provavelmente, eram pregadas pelos pulsos ou, em alguns casos, eram-lhes atados os braços em vez de pregados.

Igualmente, nem sempre eram as vítimas crucificadas na espécie de cruz vulgarmente mostrada nas representações da crucifixão de Cristo. Note-se o que *The Anchor Bible Dictionary* (O Dicionário Âncora da Bíblia) diz no seu artigo sobre a crucifixão:

"Por vezes a cruz era somente um madeiro vertical. Frequentemente, contudo, havia uma peça transversal atada no topo, dando uma forma de 'T' (*crux commissa*), ou logo a baixo do topo, como na forma mais familiar no simbolismo Cristão (*crux immissa*). As vítimas levavam a cruz, ou pelo menos o travessão (*patibulum*) para o lugar de execução, onde eram despidas e atadas ou pregadas ao travessão, erguidas e assentadas numa cedilha (*sedile*) ou pequeno apoio de madeira na estaca vertical ..."

"Os executores podiam variar a forma de punição, como o historiador Romano Séneca o Novo indica: 'eu vejo lá cruzes, não da mesma espécie, mas feitas em muitas diferentes formas; algumas têm as suas vítimas com a cabeça para o chão; outras com as partes privadas espetadas; outras com os seus braços estendidos no travessão'...

"Na sua descrição do que aconteceu aos refugiados Judeus de Jerusalém (*Na Guerra Judaica de 67-70*), Josefo, historiador do primeiro século, também nos permite ver que não havia um padrão fixo para a crucifixão de pessoas. Muito dependia da imaginação sádica do momento" (David Noel Freedman, redactor chefe, 1992, Vol. 1, pp. 1208-1209).

A "árvore amaldiçoada"

O historiador Romano Séneca, descrevendo o horror da crucifixão, argumenta que seria melhor cometer suicido que suportar uma morte tão agonizante. "Pode alguém ser encontrado que prefira esgotar-se em dor morrendo membro a membro, ou deixando-se esvair gota a gota, em vez de expirar de uma vez por todas? Pode algum homem desejar ser atado à árvore maldita, fortemente debilitado, já deformado, inchando com horríveis contusões nos ombros e no peito, e tomando o alento da vida por entre longa e arrastada agonia? Ele teria muitos motivos para morrer mesmo antes de ir para a cruz" (ibid., p. 1209).

A referência de Séneca à "árvore amaldiçoada" é fortemente reminescente das palavras de Pedro quando ele fala de Jesus, "Levando ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro" (1 Pedro 2:24; compare com Actos 5:30). Em alguns casos a crucifixão perece ter-se dado mesmo numa árvore conquanto essa fosse basicamente um tronco a que lhe tivessem tirado os ramos.

Nestas crucifixões o condenado seria pregado ao tronco ou carregaria o seu travessão, o qual seria então atado ao tronco e pregado a ambos. É possível que a "cruz" que Jesus carregou para a Sua execução, levada por algum tempo por Simão o Cireneu, fosse simplesmente um grande tronco de madeira.

Não se sabe de que forma era a 'cruz'

A palavra traduzida por "cruz", no Novo Testamento, é a palavra Grega *stauros*, que 'denota, primáriamente, uma *barra ou estaca vertical*" (*Vine's Expository Dictionary of Old and New Testament Words*, 1985, "Cross, Crucify"-—W.E. Vine, Dicionário Expositivo das Palavras do Antigo e do Novo Testamento, 1985, "Cruz, Crucificar").

"Ambos, o substantivo e o verbo *stauroo*, 'amarrar a uma estaca ou barra', são, originalmente distintas da forma eclesiástica de uma 'cruz' de duas barras" (ibid.).

A Bíblia não tem nenhuma descrição específica do *stauros* em que Jesus morreu. A palavra *stauros* foi usada em escritos não bíblicos da época para referir a peças de madeira de vários feitios, quer em cruz ou não. Se fosse importante saber-se a forma exacta, os autores dos Evangelhos podiam-nos dar facilmente essa informação—contudo, nenhum deles a deu. O que é importante para nós sabermos é que Jesus de boa vontade sacrificou a Sua própria vida para nossa salvação.

Se não sabemos se Jesus foi executado num madeiro ou numa cruz, ou qual o formato da cruz, como é que a forma em "tê" dela acabou por se tornar o símbolo mais popular do Cristianismo?

Vine's explica: "O formato de duas travessas cruzadas teve a sua origem na antiga Caldeia, e era usada nesse país e em terras adjacentes, incluindo o Egipto, como o símbolo do deus Tamuz (sendo no formato do místico Tau, a inicial do seu nome). Por volta do meio do terceiro século da era Cristã, as igrejas tinham deixado, ou tinham pervertido certas doutrinas da fé Cristã.

"De forma a aumentar o prestígio do sistema eclesiástico apóstata, pagãos foram recebidos nas igrejas ... e foi-lhes permitido manter largamente os seus sinais e símbolos pagãos. Daí o Tau, ou T, na sua mais frequente forma, com a transversal descida, foi adoptada para representar a 'cruz' de Cristo'" (ibid.).

Assim, vemos que o símbolo mais comum de Cristo e do Cristianismo foi um símbolo que de longe antecedeu a Jesus e ao Cristianismo bíblico.

crítica, antes de ser levado para ser crucificado (Dr Alexander Metherell, doutor de medicina, citado por Strobel, p. 196).

Numa crucifixão, os Romanos usavam normalmente cravos de ferro, com 12 a 18 centímetros de comprimento e cerca de 9 milímetros de grossura, pregando-os nos pulsos e nos pés das vítimas para as segurar ao madeiro. A Bíblia diz que pregos foram pregados nas mãos de Jesus, mas na linguagem dos tempos de Jesus o pulso era considerado parte da mão. Eles eram pregados no pulso, entre os ossos do braço, porque as mãos em si não podiam suportar o peso do corpo.

Esta colocação dos pregos é apoiada com o achado, em 1968, em Jerusalém, dos ossos de um homem que fora crucificado e sepultado num túmulo no primeiro século. O osso do seu calcanhar direito ainda tinha um grande prego nele incrustado, e um dos ossos do seu antebraço direito tinha uma estria e marcas de corrosão consistentes com o pregar de um prego entre os dois ossos do braço, junto ao pulso.



Há quem creia que Jesus Cristo morreu por falha de coração, mas detalhes dos Evangelhos contam-nos uma história diferente — a de que Jesus morreu com um golpe de uma lança por um soldado Romano.

Os pregos martelados através dos pulsos esmagariam o nervo intermediário, o maior nervo que se dirige à mão, causando dor indiscritível. “A dor seria absolutamente insuportável,” diz o Dr. Metherell. “De facto, não haviam palavras para a descrever; tiveram que inventar uma nova palavra: *excruciante,* que, literalmente significa ‘da cruz’.

“Pense-se nisso: tiveram de criar uma palavra porque não havia nenhuma na língua que pudesse descrever a intensa agonia causada durante a crucifixão” (citado por Strobel, pp. 197-198). Os pregos aplicados através dos pés provocariam dor semelhante.

Não se sabe com toda a certeza se Cristo foi crucificado num simples madeiro ou numa cruz (ver “Formas Romanas de Crucifixão” na página 36). De qualquer forma, sendo pendurado pelos Seus braços causaria fortes tensões no Seu corpo. Os Seus braços teriam sido estirados alguns centímetros e os Seus ombros provavelmente foram deslocados.

A profecia do sofrimento de Cristo em Salmos 22:14 refere-se à Sua condição de torturado: “Como água me derramei, e todos os meus ossos se desconjuntaram; o meu coração é como cera, derreteu-se dentro de mim”.

O Dr. Metherell continua com uma descrição das agonias que Jesus suportou: “Uma vez que uma pessoa é pendurada numa posição vertical . . . crucifixão é essencialmente uma lenta e agonizante morte por asfixia.

A razão é devida à tensão dos músculos e do diafragma porem o tórax na posição de inalação; basicamente, para expirar, a pessoa tem de estender-se nos seus pés para a tensão nos músculos aliviar por um pouco. Ao fazer isso, o prego rasgaria através do pé, eventualmente estacando nos ossos do tarso.

“Depois de conseguir exalar, a pessoa seria então capaz de relaxar um pouco e fazer uma outra inalação. Ela teria outra vez de se elevar para exalar, roçando as suas costas ensanguentadas contra a áspera madeira da cruz. Isto processar-se-ia continuamente até que completa exaustão se apoderaria dela e não mais poderia respirar” (Strobel, pp. 265-266).

Qual foi a causa da morte de Jesus?

Muitas pessoas assumem que Jesus morreu simplesmente do trauma, ou sufocado, que eram causas comuns da morte por crucifixão. Vários médicos têm estudado a execução por crucifixão e chegam a conclusões semelhantes. Alguns teólogos e igrejas têm ensinado que Jesus morreu por causa dum coração quebrado. Podemos saber o que realmente O matou?

Zacarias 12:10 contém uma profecia da crucifixão de Jesus. Referindo-se aos habitantes de Jerusalém, ela diz: “. . . olharão para mim, a quem traspassaram . . .” Uma e outra vez as Escrituras falam da importância do sangue derramado de Jesus (Actos 20:28; Efésios 2:13; Hebreus 9:11-14; 1 Pedro 1:18-19). O Próprio Jesus disse que o vinho da Páscoa do Novo Testamento representou “. . . o meu sangue; o sangue do novo concerto, que é derramado por muitos, para remissão dos pecados” (Mateus 26:28, nota de margim).

Um foco central do sacrifício de Cristo, claramente foi o Seu sangue, o qual Ele derramou em sacrifício pelos pecados de toda a humanidade. Lamentavelmente isto é de certa forma obscurecido em João 19:30-34, que faz querer parecer que Jesus tinha morrido e depois foi lanceado por um dos soldados Romanos, “e logo saiu sangue e água” (versículo 34). Contudo, há um problema, se essa fosse a ordem dos acontecimentos, porque uma vez que o coração pára a sua acção de bombear, os corpos mortos não sangram mais assim.

Este problema é resolvido quando consideramos muitos manuscritos mais antigos do Evangelho de Mateus [como por exemplo o manuscrito Grego *Aleph B C L*], os quais contêm palavras que aparecem em algumas traduções da Bíblia, mas que foram omitidas nas versões em Português. Estas palavras omitidas falam-nos da sequência correcta dos acontecimentos.

Na versão Bíblica Inglesa ‘The Twentieth Century New Testament” [O Novo Testamento do Século Vinte], que inclui estas palavras omitidas, lê-se: “E cerca das três [horas da tarde] Jesus exclamou em voz alta: ‘Eli, Eli, lamá sabactáni; isto é, Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?’ E alguns dos que ali estavam, ouvindo isto, diziam [erradamente]: ‘Este chama por Elias!’”

"E logo um deles, correndo, tomou uma esponja, e embebeu-a em vinagre, e, pondo-a numa cana, dava-lhe de beber. Os outros, porém, diziam: 'Deixa, vejamos se Elias vem livrá-lo.' *Contudo, um outro homem, pegou numa lança e perfurou-Lhe o lado; e água e sangue brotou dele.* Mas Jesus, clamando outra vez com grande voz, rendeu o espírito" (Mateus 27:46-50).

As palavras omitidas, anotadas aqui em itálico, mostram que Jesus foi lanceado, gritou em voz alta e depois morreu. Outras versões que contêm as palavras omissas, incluem a Tradução Inglesa de Moffatt e a Bíblia Enfática de Roterdão, também em Inglês. Várias outras versões da Bíblia em Inglês incluem notas à margem referenciando estas omissões.

Então entra em conflito a descrição de Mateus com a de João? Não. Ambas descrevem os mesmos acontecimentos, mas a partir de diferentes perspectivas.

A descrição de Mateus salta imediatamente da morte de Jesus para a descrição da rotura do véu do templo, em duas partes. A descrição de João concentra-se no facto de nem um só osso de Jesus ter sido quebrado, em contraste com os dois criminosos condenados com Ele. Então, João explica, de forma parentética, como Jesus *já tinha* morrido e por isso assim os Seus ossos não tinham de ser quebrados—o Seu lado tinha sido furado com uma lança (João 19:31-34).

João, no versículo 36, diz-nos que isto teve lugar em cumprimento do Salmo 34:20 e do simbolismo do cordeiro da Páscoa, o qual seria morto sem se lhe quebrar um só osso (Êxodo 12:6, 46; Números 9:12). Os cordeiros da Páscoa que tinham o seu sangue derramado para salvação dos Israelitas (Êxodo 12:6-7, 13), representavam Jesus, "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (João 1:29).

O último golpe fatal

Continuando em João 19:37, João dá a conhecer que a profecia de Zacarias 12:10, em que o corpo de Jesus seria traspassado, acabara de ser cumprida. Qual foi o golpe fatal final que acabou com a vida de Jesus?

O doutor de medicina, Dr. John Lyle Cameron, explica: "O soldado Romano; estava bem treinado, proficiente e sabia o seu dever. Ele sabia que parte do corpo devia traspassar de forma a obter um resultado rápidamente fatal ou assegurar que a vítima estava inegávelmente morta . . .

"O soldado, pondo-se por baixo do nosso Senhor crucificado quando estava pendurado na cruz, desferiria a lança de baixo das costelas da esquerda para cima. A lança larga e de dois gumes afiados entraria pelo lado esquerdo da parte superior do abdómen, abriria o . . . estômago, perfuraria o diafragma, cortaria ao meio o coração e os grandes vasos sanguíneos, artérias e veias . . ., e laceraria o pulmão.

"A ferida seria suficientemente grande de forma a permitir que uma mão aberta pudesse por ela entrar [comparar João 20:24-27]. Sangue . . . , juntamente com água do . . . estômago, derramar-se-iam em abundância. O acontecimento, na íntegra, descrito por São João, na verdade teve de ter acontecido, pois escritor algum poderia apresentar com detalhes tão coerentes tão reconhecível feito, sem que ele ou alguém tivesse testemunhado a ocorrência" (citado por R.V.G. Tasker, *Tyndale New Testament Commentaries: John, [Comentários por Tyndale do Novo Testamento: João]* 2000, pp. 212-213).

A ideia de que Jesus não tenha morrido, mas que desmaiou, ou que tenha sido drogado, e mais tarde ressuscitado, não tem qualquer fundamento, quando se consideram as claras afirmações que Ele morreu. O apóstolo João foi uma testemunha ocular dessa morte, tendo lá estado presente com outros, consoante estes acontecimentos se desenrolaram (João 19:25-27, 35).

Os soldados Romanos também sabiam que Ele estava morto. Eles não eram especialistas em medicina, mas estavam habituados a ver execuções e a saber quando alguém estava morto. Antes de entregar o corpo de Jesus a José de Arimateia, Pilatos confirmou com o centurião, que superintendeu os pormenores da execução, de que Jesus estava na verdade morto (Marcos 15:43-45).

Mesmo assumindo que Jesus pudesse ter sobrevivido fisicamente a crucifixão, como poderia Ele então ter vivido durante três dias e três noites num túmulo fechado, sem qualquer espécie de cuidado ou tratamento médico?

Há um outro ponto que aqui devemos apresentar: Assumindo, a ideia evidentemente impossível, de que um homem duma maneira ou outra pudesse ter vivido através disto tudo, as descrições das aparições de Jesus aos Seus discípulos, depois desta experiência, seriam ainda muito mais impossíveis. Pois, se Ele de algum modo tivesse conseguido sobreviver, Ele certamente não podia parecer na Sua condição física, como Aquele que inspiraria os Seus discípulos a proclamar que tinha ressuscitado num estado glorioso e poderoso. Ele seria um homem severamente desanimado e ferido—psicologicamente traumatizado, fisicamente inválido e mutilado para o resto da vida.

Qualquer teoria que pretenda dizer que de fato Jesus não morreu, não pode ser tomada a sério à luz da clara evidência que temos.

O enterro de Jesus

Jesus foi enterrado por José de Arimateia num túmulo novo que José tinha reservado para si mesmo.

Visto que José de Arimateia era um membro do mesmo tribunal supremo Judaico que condenou Jesus, é improvável que ele fosse uma invenção Cristã. O Evangelho de Marcos diz-nos que: "José de Arimateia, senador honrado, ... ousadamente foi a Pilatos, e pediu o corpo de Jesus" (Marcos 15:43).

Dada a permissão para levar o corpo, José "comprara um lençol fino, e,

Quando foi Jesus Cristo Crucificado e Ressuscitado?

Em Mateus 12:38, alguns dos escribas e dos Fariseus pediram a Jesus um sinal como prova de que Ele era o Messias. Mas Jesus disse-lhes que o único sinal que lhes daria seria o do profeta Jonas: "Pois, como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, assim estará o Filho do Homem três dias e três noites no seio da terra" (versículo 40).

Mas como podemos encaixar "três dias e três noites" entre a crucifixão, numa Sexta-feira à tarde, e a ressurreição no Domingo seguinte de manhã? Este parecer tradicional só permite a Jesus estar no túmulo durante um dia e meio.

Alguns crêem que a declaração dos "três dias e três noites" de Jesus não requer o espaço de tempo literal de 72 horas, argumentando que a parte de um dia pode ser contada como um dia inteiro. Assim, posto que Jesus morreu à tarde, eles pensam que o resto de Sexta-feira constitui o primeiro dia, o Sábado o segundo dia e a parte do Domingo o terceiro. Contudo, esquecem-se de considerar que só duas noites—a de Sexta-feira e a de Sábado—são consideradas nesta explicação. Alguma ciosa está obviamente errada com esta opinião tradicional, relativamente ao tempo que Jesus esteve no túmulo.

Jonas 1:17, a que Cristo se referiu, declara especificamente que "Jonas esteve três dias e três noites nas entranhas do peixe." Não temos base para pensar que Jesus queria dizer duas noites e um dia, mais parte de dois dias. Se Jesus esteve no túmulo só desde de Sexta-feira à tarde até ao Domingo de manhã cedo, então o sinal que deu de que Ele era o profetizado Messias *não foi cumprido.*

Examinemos cuidadosamente os detalhes a partir dos Evangelhos. Quando o fazemos, descobrimos a verdadeira história de como as palavras de Jesus foram cumpridas com exactidão.

Dois Sábados mencionados

Reparemos na sequência de acontecimentos descritos em Lucas 23. O momento da morte de Jesus, bem como o Seu apressado enterro, por causa do Sábado que começava com o pôr-do-sol, são narrados nos versículos 46 a 53. O versículo 54 declara: "E era o dia da preparação, e amanhecia o sábado."

Muitos assumem que este é um Sábado semanal aqui referido, e que, por tanto, Jesus foi crucificado numa Sexta-feira. Mas João 19:31 mostra que este não é o caso. João declara sobre este Sábado que se estava a aproximar: "visto como era a preparação (*pois era grande o dia de Sábado ...*)." Isto não se refere ao Sábado *semanal,* (do pôr-do-sol de Sexta-feira ao pôr-do-sol de Sábado), mas ao primeiro dia de Pães Asmos, o qual é um dos sete Dias Santos que Deus manda celebrar anualmente (Êxodos 12:16-17; Levítico 23:6-7). Estes Dias Santos anuais podem, e normalmente caiem em dias da semana, *em vez do* Sábado semanal.

Este *'grande dia de Sábado'* foi durante a noite de Quarta-feira e o dia da Quinta-feira, posto que Lucas mostra que as mulheres, depois de terem visto o corpo de Cristo ser guardado no túmulo, mesmo antes do pôr-do-sol, "voltando elas, prepararam especiarias e unguentos" para embalsamar o corpo.

continua na página 44

A Cronologia da Crucifixão e da Ressurreição

Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado	Domingo
No início da noite, Jesus Cristo comeu a refeição da Páscoa com os Seus discípulos e instituiu os símbolos do Novo Testamento (Mateus 26:26-28). Então, foi traído por Judas, preso, e, durante a noite, levado à presença do sumo-sacerdote.	Jesus morreu cerca das 3 horas da tarde (Mateus 27:46-50). Era dia de preparação para Dia Santo anual que começava ao pôr-do-sol, não para o Sábado semanal (Marcos 15:42; Lucas 23:54; João 19:31). O corpo de Jesus foi sepultado no túmulo antes do pôr-do-sol (Mateus 27:57-60).	Este foi um Dia Santo, o primeiro dia dos sete dias de Pães Asmos (João 19:31; Levítico 23:4-7). É descrito como o dia depois do "Dia da Preparação" (Mateus 27:62).	O Dia Santo passara, então as mulheres antes de descansar no dia de Sábado semanal, que começa na Sexta-feira ao pôr-do-sol, compraram e prepararam aromas para ungir o corpo de Jesus (Marcos 16:1; Lucas 23:56).	As mulheres descansaram no Sábado semanal, de acordo com o Quarto Mandamento (Lucas 23:56; Êxodo 20:8-11). Jesus ressuscitou próximo do pôr-do-sol, exactamente três dias e três noites depois de sepultado, cumprindo o sinal de Jonas e autenticando o sinal que Ele dera da Sua missão messiânica.	As mulheres trouxeram os aromas de manhã cedo, quando ainda era escuro (Lucas 24:1; João 20:1), e viram que Jesus já tinha ressuscitado (Mateus 28:1-6; Marcos 16:2-6; Lucas 24:2-3; João 20:1). Ele não ressuscitou no Domingo de manhã, mas sim próximo do pôr-do-sol do dia antes.

tirando-o *da cruz*, o envolveu nele, e o depositou num sepulcro lavrado *numa* rocha; e revolveu uma pedra para a porta do sepulcro" (versículo 46).

Ninguém tentando inventar e arriscar uma falsificação inventaria uma pessoa que não existisse e diria que ela era um membro do Sinédrio, o conselho governante da nação Judaica. Os membros do Sinédrio eram bastante conhecidos. Porque José era uma figura pública respeitada, muitas pessoas deveriam saber onde era o seu túmulo. Se Jesus não tivesse sido sepultado no seu túmulo, o ardil teria sido demasiado fácil de expor.

Note-se também as precauções tomadas para que nada acontecesse ao corpo de Jesus, uma vez que ele fosse posto no túmulo: "no dia seguinte, . . . os príncipes dos sacerdotes e os fariseus, em casa de Pilatos," disseram: "Senhor, lembramo-nos de que aquele enganador, vivendo ainda, disse: 'Depois de três dias ressuscitarei.'"

"Manda, pois, que o sepulcro seja guardado com segurança até ao terceiro dia, não se dê caso que os seus discípulos vão de noite, e o furtem, e digam ao povo: 'Ressuscitou dentre os mortos'; e assim o último erro será pior do que o primeiro. E disse-lhes Pilatos: 'Tendes a guarda; ide, guardai-o como entenderdes'. E, indo eles, seguraram o sepulcro com a guarda, selando a pedra" (Mateus 27:62-66).

Foram postas sentinelas Romanas, de guarda ao túmulo, no dia seguinte ao enterro de Jesus. Certamente teriam tomado nota se Jesus tivesse acordado do estado de quase morte, ou se o Seu corpo tivesse sido roubado pelos Seus seguidores. As ordens que receberam eram bem claras. Eles tinham de guarantir que nada aconteceria ao corpo de Jesus. Se eles falhassem esta obrigação podiam ser condenadas à morte tal como Jesus tinha sido.

Os Judeus, tal como os discípulos de Cristo, sabiam o local do túmulo. As mulheres que figurariam proeminentemente na descoberta do túmulo vazio, também sabiam o local do túmulo e que Jesus estava de facto nele

continuado da página 43

Tal trabalho não teria sido feito num dia de Sábado em virtude disso ser considerado uma violação do mesmo. Isto é testificado pela descrição de Marcos que declara: "passado o sábado, Maria Madalena, e Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram aromas [os quais não teriam comprado no *grande dia de Sábado*] para irem ungi-lO" (Marcos 16:1).

As mulheres teriam de esperar *até que este Sábado anual [Quinta-feira nesse ano] tivesse passado* para poderem comprar e preparar os aromas no dia seguinte, na Sexta-feira, para serem usados na unção do corpo de Jesus. Então, depois de comprarem os aromas e os óleos, "... no sábado, repousaram, conforme o mandamento" (Lucas 23:56).

Este *segundo* Sábado mencionado nas narrativas dos Evangelhos é o Sábado regular de cada semana, observado do sol poente de Sexta-feira até ao sol poente do Sábado.

Comparando os detalhes em ambos Evangelhos—onde Marcos nos diz que as mulheres compraram aromas *depois* do Sábado e Lucas relaciona que elas prepararam os aromas *antes* de repousar no Sábado—podemos claramente ver que são mencionados *dois Sábados diferentes.* O primeiro, como João em 19:31 nos diz, foi um "grande dia de Sábado"—o primeiro dia da Festa dos Pães Asmos—o qual, no ano 31 E.C. [Era Comum] calhou numa Quinta-feira. O segundo, foi no Sábado, o sétimo dia da semana.

O Sinal do Messias

Depois do Sábado de descanso, as mulheres foram ao túmulo de Jesus, no primeiro dia da semana, no Domingo, "de madrugada, sendo ainda escuro" (João 20:1), e descobriram que Ele *já tinha* ressuscitado (Mateus 28:1-6; Marcos 16:2-6; Lucas 24:1-3).

Quando consideramos os detalhes em todos os quatro Evangelhos o quadro torna-se claro. Jesus foi crucificado e sepultado numa Quarta-feira ao fim da tarde, mesmo antes do sol poente marcando o início dum Sábado. Contudo, esse era um *dia grande de Sábado* (Dia Santo anual de Deus), começando ao pôr-do-sol de Quarta-feira e terminando na Quinta-feira ao pôr-do-sol, e não um Sábado semanal.

Ele esteve no túmulo desde Quarta-feira ao pôr-do-sol até Sábado ao pôr-do-sol, quando ressuscitou dentre os mortos. Conquanto ninguém lá estivesse para testemunhar a Sua ressurreição (a qual aconteceu dentro dum sepulcro selado), ela teve de acontecer próximo do pôr-do-sol de Sábado, para que três dias e três noites se tivessem passado depois que o Seu corpo foi sepultado no túmulo. Não podia ter acontecido no Domingo de manhã, porque quando Maria Madalena foi ao túmulo, no Domingo de manhã, antes do nascer do sol, "de madrugada, sendo ainda escuro" (João 20:1), ela encontrou a pedra removida e o túmulo vazio.

Podemos ter a certeza que o tempo que Jesus disse que estaria no túmulo como prova da Sua Messianidade foi exactamente tão longo quanto Ele predisse. Jesus ressuscitou precisamente três dias e três noites depois de ser sepultado.

Devido a que a maioria das pessoas não entendem as Festas bíblicas que Jesus e os Seus seguidores guardaram, igualmente não entendem os detalhes cronológicos tão minuciosamente preservados para nós nos Evangelhos. (Para mais detalhes queiram pedir, ou "descarreguem" o nosso livro *Feriados ou Dias Santos: Tem Importância Quais Dias Guardamos?*)

(Lucas 23:55). Elas também sabiam que uma pedra pesada tinha sido posta na entrada do túmulo (Marcos 15:46-47) e sabiam que teria de ser retirada quando voltassem ao mesmo lugar para aplicar os unguentos que prepararam, pois: "diziam umas às outras: 'Quem nos revolverá a pedra da porta do sepulcro?'" (Marcos 16:3).

Não havia dúvidas na mente das mulheres e dos Seus outros discípulos de que Jesus estava no túmulo.

As Mulheres descobrem o túmulo vazio

Marcos também nos descreve o detalhe em que três mulheres—Maria Madalena, Maria mãe de Tiago, e Salomé—foram ao túmulo antes do nascer do sol para ungir o corpo de Jesus com aromas. Encontrando a pedra pesada removida, entraram no túmulo e ficaram chocadas e com medo quando "viram um jovem assentado à direita, vestido de uma roupa comprida, branca . . ." Ele disse-lhes: "Não vos assusteis; buscais a Jesus Nazareno, que foi crucificado; já ressuscitou, não está aqui . . . Mas ide dizei aos discípulos . . ." (Marcos 16:1-8).



A pesada pedra que fechava o túmulo onde Jesus foi sepultado fora desviada não para que Ele saísse, mas para que os Seus seguidores e outros vissem que o túmulo estava vazio e que Ele tinha ressuscitado.

Na sociedade desse tempo, o testemunho das mulheres era considerado tão baixo que nem lhes era permitido servir como testemunhas num tribunal de lei. Como é notável, então, as mulheres foram reconhecidas as descobridoras do túmulo vazio de Jesus!

Se alguém tivesse inventado esta história mais tarde, como muitos críticos assumem ter sido o caso, a conspiração certamente apresentaria discípulos *varões*, tais como Pedro e João, como descobridores do túmulo vazio. Mas porque foram mulheres as principais testemunhas do facto do túmulo estar vazio, isto explica ainda mais a pura verdade de que as mulheres mencionadas foram deveras as que de facto o descobriram.

Os escritores dos Evangelhos registaram fielmente o que para eles era um detalhe deselegante e potencialmente embaraçoso.

Os inimigos de Jesus reconheceram que o túmulo estava vazio

Qual foi a reacção dos inimigos de Jesus à impressionante declaração dos discípulos de que Jesus estava vivo outra vez, depois de ter sido executado publicamente?

As suas reacções são bastante reveladoras. Disseram eles que os discípulos de Jesus estavam mentindo, e que o corpo de Jesus estava ainda no túmulo lavrado na rocha? *Não!* Disseram que os discípulos estavam alucinando? *Não!* Ao contrário, *eles subornaram os soldados Romanos responsáveis pela guarda ao túmulo selado, para espalharem o que eles sabiam ser uma mentira.* Eles disseram-lhes para propagar a contra informação declarando que os discípulos de Jesus tinham vindo ao túmulo e roubado o Seu corpo enquanto eles dormiam, e que os protegeriam se eles se vissem em problemas com o governador Romano.

Leia a descrição dos eventos em Mateus 28:11-15. Esta foi a melhor desculpa que as autoridades puderam encontrar para explicar o desaparecimento do corpo de Jesus e porque não podia ser encontrado!

Aqui temos evidência dos próprios inimigos de Cristo de que o Seu túmulo estava vazio. A coisa mais racional que eles puderam inventar, foi algo que *eles sabiam ser uma mentira*. Não há outra explicação para que o túmulo aparecesse vazio exceto que *Jesus tinha ressuscitado corporalmente e deixado o túmulo.*

Testemunhos oculares das Suas aparições

Em múltiplas ocasiões e em várias circunstâncias individuos, e grupos de pessoas, viram Jesus vivo depois de saberem que Ele tinha morrido.

Veja-se o que o apóstolo Paulo escreveu à igreja em Corinto: ". . .foi visto por Cefas [Pedro], e depois pelos doze. Depois foi visto, uma vez, por mais de quinhentos irmãos, dos quais vive ainda a maior parte, mas alguns já dormem também. Depois foi visto por Tiago, depois por todos os apóstolos. E por derradeiro de todos me apareceu também a mim, como a um abortivo" (1 Coríntios 15:5-8).

Como foi que Paulo recebeu esta informação? Ele conhecia e tinha falado com as pessoas envolvidas. Ele ouviu-as com as suas próprias descrições e palavras. A maior parte dos que podiam testificar disso ainda estavam vivos. Ele faz esta afirmação, sabendo que pode ser desmentido se tal não for verdade!

Tais testemunhos não podem ser descartados como fantasia. Eles têm de se referir a acontecimentos que de facto foram testemunhados por muitas pessoas vivas na altura em que Paulo escreveu isto. Paulo até faz uma lista dos nomes das testemunhas mais conhecidas para que outros, para si próprios, verificassem os factos da ressurreição de Jesus!

Aparições em forma corporal

Todas as aparições de Jesus pós ressurreição, nos Evangelhos, são em forma de corpo. "Por que estais perturbados, e por que sobem tais pensamentos aos vossos corações?" perguntou Ele aos Seus apóstolos quando lhes apareceu, como registado em Lucas 24:36-43.

Ele convidou-os, "Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu

Há Outras Fontes que Confirmam a Existência de Jesus Cristo?

Muitas pessoas supõem que, à parte da Bíblia, a história é silenciosa no que respeita a Jesus de Nazaré. Mas, de facto, *muitas* testemunhas independentes, testificam da existência de Jesus. Vejamos algumas.

Testemunho dos Romanos

Cornélio Tácito (ca. 56-120) foi um senador Romano, cônsul e governador da província Romana da Anatólia (hoje, a maior parte da actual Turquia), bem como um dos maiores historiadores de Roma da antiguidade. Na fase final da sua vida escreveu *Os Anais*, uma obra histórica de 16 volumes sobre imperadores Romanos.

Não sendo nem amigo de Nero nem dos Cristãos, Tácito escreve dizendo que Nero culpou "uma classe odiada pelas suas abominações, chamada Cristãos pelo povo." Ele continua dizendo que "Christus [Cristo], de quem se originou o seu nome, sofrera a pena máxima [a crucifixão], durante o governo de Tibério, às mãos do nosso procurador Pôncios Pilatos, e uma perversa superstição, assim posta em alto momentâneamente, novamente invadiu não só a Judéia, a primeira fonte deste mal, mas também Roma ..." (*Annals [Anais]*, 15:44, citado por Lee Strobel, *The Case for Christ [O Caso a favor de Cristo]*, 1998, p. 82).

Um contemporâneo de Tácito, Caio Suetónio Tranquilo (ca. 69-140), administrador das bibliotecas de Roma e oficial de tribunal de diversos imperadores, escreve dizendo que o imperador Cláudio "baniu os Judeus de Roma, que estavam em contínuos distúrbios, sendo Cristo o seu líder" (*Lives of the First Twelve Caesars: Life of Claudius [As Vidas dos Doze Primeiros Césares: A Vida de Cláudio]*), *citado por* Grant Jeffrey, *Jesus: The Great Debate [Jesus: O Grande Debate]* 1999, p. 163). Esta expulsão dos Judeus de Roma é mencionada em Actos 18:2.

Também "Plínio o Jovem, o legado Romano de Bitínia, no Ponto (hoje o Norte central da Turquia), no princípio do segundo século, escreveu ao imperador Trajano, pedindo conselho de como lidar com os Cristãos que recusassem reverenciar a estátua de César. Plínio refere que estes Cristãos se encontravam regularmente e cantavam hinos 'a Cristo como se fosse um deus' (*Cartas* 10:96.7). A expressão 'como se fosse um deus' sugere que Plínio sabia que Jesus fora uma pessoa que vivera na terra, mas estava relutante em tratá-lo por divino" (Craig Blomberg, *The Historical Reliability of the Gospels [A Fiabilidade Histórica dos Evangelhos]*, 1987, p. 196).

A partir destas fontes históricas, nenhuma delas relacionada com a Bíblia, vemos referências a estes factos:

- Um grupo chamado "Cristãos" derivou o seu nome de "Christus" (Cristo).
- Este "Christus" foi executado durante o reinado de Tibério, às mãos de Pôncio Pilatos (Tibério reinou dos anos 14 a 37, da era Cristã; Pilatos esteve em ofício de 26 a 36 ou a 37).
- Este novo movimento envolvia "uma perversa superstição," muito possivelmente uma referência à crença dos Cristãos em Jesus ter ressuscitado da morte depois da Sua crucifixão.
- Esta nova ideologia começada pelos Cristãos iniciou-se na Judéia e espalhou-se a Roma,
- Os primeiros Cristãos consideravam a Cristo como um Ser divino.

Testemunho de Josefo

Flávio Josefo, um proeminente historiador Judeu do primeiro século, é bem conhecido dos historiadores e académicos. Nascido de uma família eclesiástica, no ano 37, Josefo foi bem instruído e comandou um destacamento militar Judeu na Galiléia durante a revolta Judaica, nos anos de 66 a 70, até à sua captura pelos Romanos. No fim da guerra ele foi para Roma, com o general Romano Tito, onde viveu e escreveu até à sua morte por volta do ano 100.

Josefo menciona por duas vezes Jesus na sua monumental obra *Antiguidades dos Judeus*, escrita entre 90 e 95. A sua mais extensa citação diz:

"Então, havia por essa altura Jesus, um homem sábio, se for permitido chamar-Lhe homem, pois ele era um realizador de maravilhosos feitos—um mestre de homens tais que recebiam a verdade com prazer como de ninguém. Ele atraiu a si muitos Judeus e muitos Gentios. Ele foi o Cristo, e, quando Pilatos na sugestão dos principais homens entre nós, condenou-o à cruz, os que o amavam desde o princípio não o abandonaram, porque ele lhes apareceu vivo ao terceiro dia, como os divinos profetas tinham profetizado estas e dez mil outras admiráveis coisas a ele respeitantes; e a tribo dos Cristãos, assim denominada a partir dele, não está extinta até ao dia de hoje" (*Antigüidades*, Livro 18, capítulo 3, secção 3).

Enquanto muitos académicos disputam partes ou toda esta passagem, ela assim é citada pelo historiador Eusébio tão cedo quanto o ano 315.

Uma Segunda menção de Jesus por Josefo é raramente disputada por académicos. Ela relaciona-se com o martírio de Tiago, meio-irmão de Jesus: "Festo estava agora morto e Albino estava somente na estrada; por isso ele reuniu o sinédrio dos juizes e trouxe perante ele o irmão de Jesus, que era chamado Cristo, cujo nome era Tiago, e alguns outros [ou alguns dos seus companheiros]; e quando estabeleceu uma acusação contra eles, como infractores da lei, ele entregou-os para serem apedrejados ..." (*Antigüidades, Livro* 20, capítulo 9, secção 1).

Uma outra figura proeminente

continua na página 50

mesmo; apalpai-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho". Como eles ainda não acreditavam, talvez por causa da alegria, Ele pediu-lhes comida a qual comeu na frente deles.

Então há a ocasião em que Jesus aparece a todos os Seus apóstolos, incluindo Tomé, que aparentemente, não esteve presente na prévia ocasião. Tomé não desistia em não acreditar salvo se visse as feridas de Jesus com os seus próprios olhos e as sentisse com as suas mãos (João 20:24-29). Contudo, ele ficou absolutamente convencido quando Jesus apareceu a todos eles e convidou especificamente Tomé a verificar que Ele era na verdade o mesmo Jesus que Tomé e os restantes tinham conhecido por tanto tempo.

Numa outra ocasião Jesus apareceu aos discípulos na praia do mar da Galiléia. Nessa altura Ele fez um milagre, preparou e comeu um pequeno-almoço de peixe e pão com eles e, delicadamente, repreendeu Pedro por voltar à sua vida de pescador em vez de cuidar dos assuntos da Sua igreja que eram de muito maior importância (João 21:1-23).

Tem sido sugerido que estas aparições foram alucinações por parte dos discípulos. Mas esta teoria não dá satisfação ao facto das aparições terem sido em diferentes lugares, em diferentes ocasiões e perante diferentes grupos de pessoas. Jesus apareceu de forma que convenceu *todos* os apóstolos. Estas aparições não deixaram a menor dúvida nas suas mentes—incluindo a de Tomé, que sustentou a sua posição em não acreditar salvo se de facto visse e sentisse o Jesus que ele conhecera.

A espantosa transformação dos discípulos

Uma das maiores provas da ressurreição de Jesus é a dramática mudança nas vidas dos Seu discípulos.

continuado da página 49

dos Evangelhos, mencionada por Josefo, é João Baptista: "Herodes, que temia que a grande influência que João tinha sobre o povo o pudesse pôr em poder e inclinação para levantar uma rebelião, . . . achou por bem matá-lo, para prevenir qualquer dano que ele pudesse causar . . . Consequentemente, ele foi enviado como prisioneiro a Maquero, devido ao temperamento suspeitoso de Herodes,. . .e lá foi morto" (*Antiguidades*, Livro 18, capítulo 5, secção 2).

Conquanto Josefo nunca fosse um Cristão, nas suas obras encontramos mencionadas muitas personagens dos Evangelhos e de outros livros do Novo Testamento. Estas incluem a família de Herodes; os procuradores Judaicos e membros de famílias de sumo-sacerdotes. Os seus livros, tal como os escritos dos historiadores e oficiais Romanos, fornecem-nos poderosa e independente confirmação da precisão histórica dos Evangelhos e da existência de Jesus Cristo.

As descrições dos Evangelhos não são elogiadoras dos apóstolos, coisa que mais evidencia que eles não inventaram a história. Na ocasião da prisão e do julgamento de Cristo, todos os Seus apóstolos O abandonaram e fugiram (Mateus 26:56). Pedro, que prometeu que estaria sempre ao lado de Jesus, até praguejou e jurou negando que O conhecia (versículos 69-75).

Lembramo-nos que Jesus, predisse a fraqueza de Pedro e até preveniu os Seus apóstolos de que eles também tropeçariam por causa da sua associação com Ele (versículos 31-35).

Contudo, num curto espaço de tempo, observamos uma mudança dramática. Encontramos os apóstolos a falarem a grandes multidões e a declararem abertamente que Jesus tinha ressuscitado da morte. Longe de fugirem e se esconderem, agora eles confrontaram corajosamente as autoridades civis e religiosas com o facto de que Jesus tinha sido morto e ressuscitado para a vida outra vez.

Eles desafiaram ordens ameaçando-os com prisão se eles continuassem a falar acerca da pessoa de Jesus (Actos 4:1-23). Corajosamente enfrentaram espancamentos e sofreram ameaças de morte porque pregaram que Jesus estava vivo e era o Messias (Actos 5:17-42).

Conquanto só algumas semanas antes tivessem negado até conhecê-Lo, agora nada os podia impedir de abertamente dizerem o que eles obviamente sabiam ser verdade. Só uma explicação é plausível para a nova inabalável crença, mesmo em face de prisão e execução: *Eles viram Jesus Cristo vivo depois de saberem que Ele tinha morrido.* Eles falaram com Ele, comeram com Ele, receberam extensas instruções por Ele, passaram tempo com Ele e tocaram-Lhe.

Estes homens deram os anos restantes da sua vida, e por fim a sua propria vida, por Aquele que eles sabiam conquistara a morte. Se todos eles tivessem somente participado numa gigantesca mentira, poderíamos nós acreditar que eles dariam as suas vidas por algo que sabiam ser uma mentira?

A notável mudança de Pedro

O apóstolo Pedro é o mais conhecido dos discípulos cuja vida foi tão notavelmente mudada. A sua audácia na Festa de Pentecostes foi espantosa. No templo, ele dirigiu-se a uma enorme multidão de pessoas, das quais 3.000 se tornaram discípulos de Jesus o Messias.

Pedro falou para pessoas que viviam em Jerusalém e em toda a Judeia, bem como em muitas outras partes do mundo Romano. Elas estavam em Jerusalém para celebrar a Festa de Pentecostes, também chamada a Festa das Semanas, como Deus ordenou em Deuteronómio 16:16. Pedro lembrou-lhes que todos sabiam quem Jesus era e o que Lhe acontecera sete semanas antes, na Festa da Páscoa (Actos 2:22-24).

Pedro, que negara a sua amizade com Jesus antes d'Ele morrer, agora proclamava à multidão presente destemidamente dizendo que foram

eles quem tinham crucificado o prometido Messias—*mas que Deus O ressuscitara.*

A reacção da multidão é muito significante. Não há quem negue, nem clamor, nem tentativa de apedrejar Pedro por esta acusação aparentemente excessiva. Muitos deles sabiam dos acontecimentos que envolveram a prisão, o julgamento e a crucifixão de Jesus. Eles sabiam que muitos—talvez mesmo alguns dos que ali estavam sentados a ouvir Pedro—tinham gritado pelo sangue de Cristo. Eles sabiam do estranho desaparecimento do corpo do túmulo, um mistério que ninguém era capaz de resolver.

Eles sabiam, ou tinham ouvido falar, de outros acontecimentos estranhos que tomaram lugar na altura: da escuridão que desceu sobre a terra quando Jesus estava a ser crucificado, pessoas a serem ressuscitadas da terra e a andarem nas ruas de Jerusalém, e o pesado véu do magnífico templo a rasgar-se de cima a baixo sem aparente causa.

Como se podiam explicar estes acontecimentos? Que significavam? Pedro estava-lhes dando a explicação fantástica—uma explicação que deles requeria tomarem uma decisão que lhes afectaria o resto das suas vidas.

Pedro contrastou o túmulo de Jesus com o túmulo ali próximo do maior rei de Israel, David. "Homens irmãos, seja-me lícito dizer-vos livremente acerca do patriarca David, que ele morreu e foi sepultado, e entre nós está até hoje a sua sepultura" (Actos 2:29). O seu ponto era inconfundível: toda a gente sabia onde estava o túmulo de David que este era o lugar onde o corpo do rei estava sepultado. Mas Jesus, ao contrário de David, já não estava na sepultura!

Jesus de Nazaré, declarou Pedro, tinha sido ressuscitado por Deus, e muitas testemunhas podiam testificar esse facto. Uma vez mais não houve argumento da multidão. Ao contrário, as pessoas agora perguntavam o que haviam de fazer, posto que, elas também, estavam convencidas que Pedro estava certo. Pedro respondeu que elas se deviam arrepender e de ser baptizadas e que também receberiam o Espírito Santo, como os discípulos receberam naquele mesmo dia (Actos 2:37-38).

A única explicação da dramática transformação dos discípulos, de um medroso bando pronto a abandonar tudo e a fugir de volta para a Galiléia, é a de que Jesus deixou evidência sensacional e poderosa: um túmulo vazio e múltiplas aparições corporais. Pessoas comuns, de vários quadrantes normais de vida, que tinham negado o seu Mestre e O tinham desapontado miseravelmente, repentinamente mudaram-se, como que do dia para a noite, em líderes dinâmicos de uma Igreja que ía resistir abertamente e desafiar o antigo mundo pagão.

Tiago, o meio-irmão de Jesus, torna-se crente

Talvez uma ainda mais notável transformação deu-se com Tiago, meio-irmão de Jesus (Tiago foi filho natural de Maria e de José, enquanto que

Jesus foi filho de Maria e de Deus Pai). Repare-se como J. P. Moreland descreve acontecimentos na vida de Tiago tal como foram registados na Bíblia e na história contemporânea:

"Por que é que estes homens mudaram? Por que se submeteram a dificuldades, perseguição, pressão e martírio? Considere-se Tiago, o irmão de Jesus. Josefo, o historiador Judeu do primeiro século, diz-nos que ele teve uma morte de mártir pela fé no seu irmão. Todavia os Evangelhos dizem-nos que durante a vida de Jesus ele era um incrédulo e se opunha a Jesus.

"Por que é que ele mudou? O que podia fazer com que um Judeu crêsse que o seu próprio irmão era o verdadeiro Filho de Deus e se dispusesse a morrer por tal crença? Certamente não foi um conjunto de ensinamentos encantadores de um carpinteiro de Nazaré. Só a aparição de Jesus a Tiago (1 Coríntios 15:7) pode explicar a sua transformação.

"Tal como com Tiago, assim acontece com os outros discípulos. Aquele que nega a ressurreição deve-nos uma explicação desta transformação a qual faz justiça aos factos históricos" (*Scaling the Secular City [Escalando a Cidade Secular]*, 1987, pp. 178-179).

Paulo o perseguidor é transformado

O apóstolo Paulo é outro exemplo notável. Como um devoto rabi Judeu e estrito Fariseu, ele estava resolutamente convencido que a ressurreição de Jesus não se dera. Paulo perseguiu membros da Igreja primitiva por crerem em tal absurdo. Ele apostava toda a sua missão na vida na convicção de que a ressurreição era uma fabricação e o movimento era uma ameaça a toda a tradição que ele considerava sagrada.

Ele estava convicto que este novo movimento devia ser reprimido por todos os meios, incluindo prisão e execução (Actos 22:4)—e esta seria a sua cruzada pessoal. Então algo aconteceu. Jesus apareceu a Paulo e falou com ele.

Paulo não era um homem dado a imaginações vívidas de pessoas supersticiosas. Ele era um intelectual sensato. Contudo, mais tarde estava preparado para defender o seu zelo por Cristo perante multidões hostis bem assim como governadores, reis e outros governantes. Por fim esteve preparado para morrer pelo que ele sabia ser a verdade: Jesus era realmente o Messias e estava vivo e bem à mão direita de Deus.

A existência da Igreja Cristã

O Dr. Moreland põe a questão da seguinte maneira: "Que causa podemos admitir que é possível para explicar o facto de que a igreja Cristã transformou o mundo do primeiro século? As probabilidades de sucesso tinha antecedentes fracos. No primeiro século existiam várias religiões e alguns dos elementos do Cristianismo podem ser encontrados nelas.

Porque é que o Cristianismo foi bem sucedido, especialmente quando se tratava de uma fé tão exclusivista que olhava mesmo com desdém o sincretismo [a combinação de princípios de diversos sistemas]? O que fez com que a igreja tivesse início? Nunca houve uma forma de Cristianismo que não enfatizasse a importância central da morte e da ressurreição de um Jesus divino.

"A ressurreição de Jesus é a explicação que a própria Igreja dá, e é a única adequada. O académico do Novo Testamento da Universidade de Cambridge, C. F. D. Moule, argumenta deste modo: 'Se o aparecimento dos Nazarenos, um fenômeno inegavelmente atestado pelo Novo Testamento, abre à força um grande buraco na história, um buraco do tamanho e forma da Ressurreição, então o que o historiador secular propõe para o tapar?'" (ibid., pp. 180-181).

Que Jesus Cristo foi realmente ressuscitado da morte é a única conclusão verdadeiramente razoável.

Muito mais que um Homem

"Quem dizem os homens ser o Filho do homem?" (Mateus 16:13)

Hoje em dia não é politicamente correcto declarar dogmaticamente que Jesus foi uma pessoa mais extraordinariamente dotada que uma pessoa moral, um sábio filósofo, um místico Judeu ou um reformista político. Nem é aceitável dizer que os seus ensinamentos são a única via para uma vida para além da tumba e para uma duradoura paz no mundo.

É verdade que vivemos num mundo que repugna o absoluto. E alguns repugnam ainda mais a autoridade que Um que declarou ser Deus possa reclamar sobre as suas vidas. Por isso, através da história, toda a espécie de idéias tem surgido acerca de Jesus de Nazaré.

Porque é que há tanta controvérsia sobre um homem? Ele aparece regularmente em capas de revistas semanais de notícias. Há mais livros escritos e mais trabalhos executados por estudiosos acerca deste mestre Judeu da Galiléia do que sobre qualquer outro homem que tenha vivido.

A resposta simples é a de que Ele disse ser Deus—e a partir de registos pôde suportar a afirmação, como se viu.

Ele assegura-nos que provará isso ao mundo inteiro quando regressar à terra uma segunda vez em glória, majestade e poder

divino sobrenatural, de tal maneira que pasmará pessoas à volta do mundo.

Deus vem à terra



Conquanto Ele fosse o verdadeiro Criador do universo, Jesus Cristo submeteu voluntariamente a Sua natureza divina e poder para viver como um ser humano e oferecer a Sua vida como sacrifício, para todo sempre, dos pecados da humanidade.

A questão mantém-se: *Como* é que Jesus era Deus? Se Jesus era Deus, então quem era o Pai, sobre quem Ele tantas vezes falou? Como é que Jesus e o Pai podiam ser Deus ao mesmo tempo?

De onde veio Jesus? Foi Ele criado a uma certa altura? Começou Ele a existir quando Ele nasceu de Maria? Era Ele um anjo? Era Ele uma essência, ou "ideia," na mente do Pai antes da Sua existência humana?

A história de como Jesus nasceu diz-nos que não se tratou de um ser humano vulgar. Os registos são claros ao explicar-nos que Ele não nasceu de um pai humano, mas que o Seu Pai foi o Próprio Deus.

"Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Estando Maria, sua mãe, desposada com José, antes de se ajuntarem, achou-se ter concebido do Espírito Santo" (Mateus 1:18).

"Desposada," na tradição deles, era o acordo que significava obrigatoriedade de eles se casarem, mesmo que o matrimónio em si ainda não se tivesse realizado. Ambos, José e Maria sabiam que fisicamente não se tinham unido, e Maria certamente sabia que era virgem. Mas José, naturalmente, interrogava-se porque é que a sua futura noiva estava grávida, e preocupou-se em como resolver esta crise.

"Então José, seu marido [desposado], como era justo, e a não queria infamar, intentou deixá-la secretamente. E, projectando ele isto, eis que em sonho lhe apareceu um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber a Maria, tua mulher, porque o que nela está gerado é do Espírito Santo; E dará à luz um filho e chamarás o seu nome JESUS; porque ele salvará o seu povo dos seus pecados" (Mateus 1:19-21).

José precisava de se assegurar de que Maria estava dizendo a verdade sobre sua gravidez, e a forma óbvia de o convencer era ter um anjo que lhe falasse. Maria tinha recebido uma mensagem semelhante, como está registado em Lucas 1:26-38: O anjo Gabriel apareceu a Maria e anunciou-lhe que ela iria conceber um filho e que lhe chamasse Jesus. Ela insistiu que nunca tinha estado com um homem—ela era virgem.

Gabriel então explicou como isso aconteceria. Ele disse, "Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso, também o ente Santo que há de nascer será chamado Filho de Deus" (Lucas 1:35, ARA).

Em termos teológicos tradicionais, aqui está um enigma: Jesus reconheceu que Deus foi o Seu Pai, mas é-nos dito que Maria concebeu pelo Espírito Santo. A maior parte das pessoas crêem que o Espírito Santo é a terceira pessoa da Trindade. Mas, visto que foi o Espírito Santo que concebeu Jesus no ventre de Maria, como pode Deus Pai ser o Pai de Jesus?

A resposta é simplesmente que o Espírito Santo não é uma pessoa, como é assumido no ensino tradicional da Trindade. A Bíblia em nenhuma parte ensina que o Espírito Santo é uma pessoa distinta. Contudo, a Bíblia refere-se ao Espírito Santo como sendo o *poder* de Deus, tal como está implícito nesta mesma passagem. (Para um estudo detalhado desta verdade bíblica queira pedir, ou faça a descarga da internet do nosso livro gratuito *Quem é Deus*?)

Deus, a quem Jesus se referiu como Seu Pai, serviu-se do Seu próprio poder, referido como "Espírito Santo," para gerar Jesus no ventre de Maria. Por conseguinte, Jesus é Filho de Deus por nascimento.

Mateus, escrevendo sob inspiração divina, explica o significado da mensagem do anjo a José, demonstrando que cumpre a profecia de Isaías: "Eis que a virgem conceberá e dará à luz *um* filho, e ele será chamado pelo nome de EMANUEL (Emanuel traduzido é: *Deus conosco*)" (Mateus 1:23).

Quando Jesus nasceu, Ele era Deus em pessoa—*"Deus connosco."* Isto foi o que o anjo disse e o que Deus predissera muito tempo antes.

Quem era Jesus antes do Seu nascimento humano?

O depoimento mais definitivo e claro acerca de Jesus, antes do Seu nascimento, está registado nos primeiros versículos do Evangelho de João. O mais íntimo discípulo de Jesus, tem um grande cuidado de explicar que Jesus não é um homem vulgar.

"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava *com* Deus, e o Verbo *era* Deus" (João 1:1). Quem era este "Verbo"? "E o Verbo *se fez carne, e habitou entre nós,* e vimos a sua glória, como a glória do unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade" (versículo 14). João continua e explica que o Verbo que "se fez carne e habitou ente nós" foi Jesus de Nazaré. Ele também nos apresenta depoimentos explícitos e categóricos contendo detalhes importantes sobre Jesus antes do Seu nascimento humano.

"O Verbo" é Jesus e Ele estava *com* Deus e Ele *era* Deus. Esta linguajem é inconfundível e só pode querer dizer uma coisa: Havia *dois* seres—Deus e o Verbo. O Verbo "estava no princípio *com* Deus" (versículo 2). No princípio de quê?

Jesus existia *antes* do princípio

Posto que o Evangelho de João começa com as palavras "No princípio," tal parece razoável que João está a aludir a Géneses 1:1. Mas enquanto Géneses 1:1 continua com "Deus criou . . .," João começa o seu Evangelho

Foi Jesus um Ser Criado?

João 1:3 contém duas afirmações que nos dizem que foi o Jesus preexistente que criou todas as coisas. "Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez." De reparar que João não se contenta em dizer só que todas as coisa foram feitas por Ele, pois João mais diz que "sem ele *nada do que foi feito* se fez."

Paulo confirma exactamente o que João escreveu: "Porque nEle foram criadas *todas as coisas*." Paulo continua para termos a certeza de que compreendemos o que ele quer dizer com todas as coisas. Estas abrangem "todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades. *Tudo foi criado por ele* e para ele" (Colossenses 1:16).

Uma vez que Jesus criou todas as coisas, Ele não podia ter sido uma das "coisas criadas." Assim, Paulo, para que não haja engano, no versículo seguinte, junta: "E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele" (Colossenses 1:17).

O Dr. Norman Geisler comenta: "O contexto desta passagem torna claro que não há excepções; Cristo é o Criador de todas as coisas incluindo anjos e tudo que é visível e invisível. Em nenhuma parte está mais claro que Cristo não é uma criatura—angélica ou de outro tipo—do que na relação dos anjos para com Ele. Posto que Cristo não podia ser o Criador de tudo e ao mesmo tempo Ele próprio ser uma criatura, é necessário concluir que Ele é o Criador inato [não criado] de toda a criação" (*Christian Apologetics [Apologéticas Cristãs]*, 1988, p. 338).

Ele junta uma nota de rodapé: "Em vista do claro ensino de que Cristo é Criador e não uma criatura, as interpretações erróneas Arianas de frases como Cristo é "primogénito" (Colossenses 1:15) ou "o princípio da criação" (Apocalipse 3:14), são incorrectas. Cristo é "primogénito" no sentido de ser o único (não criado) Filho de Deus. Cristo está primeiro, *acima* da criação, não primeiro *nela*" (ibid.).

Miqueias 5:2 declara que o Rei messiânico a vir era "da eternidade." Jesus apareceu na Sua vida divina, antes do seu nascimento humano, como o rei sacerdote Melquisedeque, "não tendo princípio de dias nem fim de vida" (Hebreus 7:3). (Para saber mais peça o nosso livro gratuito *Quem é Deus*?)

Jesus não foi criado. Ele existiu desde a eternidade juntamente com Deus Pai.

com, "No princípio era o Verbo . . ." Ele diz-nos, que "no princípio," o Verbo *já existia.*

Em Géneses a criação do universo e do próprio tempo, marca "o princípio"; em João a existência do Verbo *precede* esse princípio.

O Criador do universo obviamente existia *antes* do universo porque Ele *fez com que* o universo viesse a ter existência.

João diz explicitamente que foi o Verbo—Jesus Cristo—através de quem todas coisas foram criadas (João 1:3). Paulo concorda com João de modo inconfundível ao dizer: "...que desde os séculos esteve oculto em Deus, que tudo criou por meio de Jesus Cristo" (Efésios 3:9, ACF); juntando: "Ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por Ele" (Colossenses 1:16-17). (Ver "Os Apóstolos Consideraram Jesus Cristo o Criador", na página 10)

Paulo diz, com lógica, que uma vez que todas as coisas foram criadas por Cristo, logo Ele teve de, necessariamente, existir *antes* da criação. Jesus também se refere à Sua existência antes da criação, quando, orando ao Pai, disse: "agora glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo *antes que o mundo existisse*" (João 17:5).

Jesus fala da relação de amor, entre Ele próprio e o Pai "antes da fundação do mundo" (João 17:24). Paulo repetiu esta frase em Efésios 1:4.

O Verbo

O Jesus preexistente é caracterizado pelo nome ou título de "O Verbo." Talvez uma das razões porque a palavra Grega *logos*, traduzida como "O Verbo," é usada, é porque descreve melhor um dos maiores cargos de Cristo—Ele foi o revelador do Pai. *Logos* significa "a expressão do pensamento" *(Vine's Expository Dictionary of Old and New Testament Words,* "Word"*) (Dicionário Expositor de Vine das Palavras do Antigo e do Novo Testamento,* "Verbo"*).*

Logos é usado no Novo Testamento como uma expressão ou depoimento de Deus, a palavra de Deus, a vontade revelada de Deus e a revelação direta dada por Cristo, e podia ser dita e enviada (ibid.). João aplicou esta palavra como um título pessoal Àquele que "se fez carne, e habitou entre nós" (João 1:14).

O que João diz é que um determinado Ser, a quem chama *logos* ou "o Verbo," encarnou—tornou-se um ser humano de carne e sangue—na pessoa de Jesus Cristo. O facto de que o Verbo se *tornou* uma pessoa de carne e sangue indica que o Verbo era um ser individual, em si específico, antes de Se tornar fisicamente um bebé humano nascido de Maria.

João também nos diz que o Verbo é pessoalmente distinto do Pai, conquanto seja ao mesmo tempo um *com* o Pai. Eles são iguais, eternos, e da mesma natureza e essência. O Verbo é certamente Deus tal como é Aquele com quem Ele existe na mais íntima união de existência e vida. Como disse Jesus: "Eu e o Pai somos um" (João 10:30).

A unidade entre o Pai e o Verbo tem a ver com a harmonia completa e acordo em trabalharem juntos—não por que constituem um só Ser, como a teoria da Trindade erradamente ensina.

Quem é e o que é Deus?

O simples mas claro depoimento de João dá-nos um entendimento acerca de Deus que agora se tornou evidente pelo aparecimento de Jesus Cristo. A linguagem usada diz-nos que há dois Seres, coexistentes e chamados Deus: Deus e o Verbo, que também é Deus.

Se eles existissem nalguma outra forma para além da de dois seres em si mesmos existentes, quer a língua Grega quer a Portuguesa, seriam capazes de descrever algo completamente diferente. Mas isto não é expresso pela linguagem. Ela fala claramente acerca de dois, juntos, os quais ambos são Deus. Se houvesse unicamente um, sozinho, então João não teria dito "o Verbo estava *com* Deus".

Põe-se a questão: se Jesus era o Verbo, e portanto Deus, como pôde Deus que é infinito tornar-se finito? O que aconteceu ao Verbo no momento em que se tornou num óvulo, gerado com a vida do Pai, no ventre de Maria?

Não sabemos exactamente como Deus fez este milagre, mas é evidente a partir das Escrituras que Deus pôde tornar-se num humano físico e por conseguinte tornar-se sujeito a uma existência finita, física—limitada a tempo e espaço, sujeito a dor, sofrimento e morte, e a ser tentado.

E Jesus fez isto, como Paulo descreve: ". . .Ele tinha a natureza de Deus, mas não tentou ficar igual a Deus. Pelo contrário, ele abriu mão de tudo o que era seu e tomou a natureza de servo, tornando-se assim igual aos seres humanos. E, vivendo a vida comum de um ser humano, ele foi humilde e obedeceu a Deus até à morte, morte de cruz" (Filipenses 2:6-8, BLH).

Jesus podia morrer. Jesus podia sentir emoções humanas. Jesus podia sentir fome e dores. Ele podia agonizar na possibilidade da dor e da morte. Sim, Deus podia morrer. Mas só tornando-se num ser humano físico. Isto, Ele o fez. E quem foi Ele? Foi a mesma pessoa que Ele sempre tinha sido, tendo mesmo memórias da Sua passada eternidade com o Pai.

Repare-se na prece de Jesus em João 17:5: "E agora glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse" (João 17:5). Aqui Ele fala abertamente das Suas experiências e memórias passadas com o Pai, confirmando tudo o que João escreveu nos primeiros versículos do seu Evangelho.

Sim, o sacrifício de Jesus foi de proporções *virtualmente inimagináveis*. E sabendo quem Ele era e do que voluntariamente renunciou, deve fazer toda a diferença para si e para mim quando nos encaramos com a enorme magnitude do Seu sacrifício.

O Deus que se Tornou um Ser Humano

"E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós" (João 1:14)

Como é que alguém que é espírito, tendo vivido toda a eternidade no passado, se torna humano? Foi Jesus um ser humano tal qual nós? E, quando foi um ser humano, era Ele ainda Deus?

Jesus foi profetizado ser "Deus connosco" (Mateus 1:23). Jesus foi um ser humano e também era Deus. Nunca houve tempo algum em que Ele cessasse de ser o que sempre foi. A Sua identidade não mudou. Quando estava no ventre de Maria, Ele era Deus. Quando era bebé, deitado na manjedoura, Ele era Deus. Quando era jovem, crescendo em Nazaré, Ele era Deus. E quando estava morrendo, Ele era Deus.

Como um ser espiritual, antes do Seu nascimento humano, o seu conhecimento, poder e presença eram infinitos [Ele era omnisciente, omnipotente e omnipresente]. Como Deus Ele saberia tudo e tinha poder ilimitado para agir, em qualquer lado, sobre qualquer objecto. Mas como humano não poderia fazer todas as coisas. Ele seria limitado às normais capacidades que qualquer normal ser humano tem. Ele não poderia ser infinito e finito ao mesmo tempo.

Um corpo físico com limitações físicas

Quando Jesus se tornou carne, Ele ainda era Deus em termos da Sua identidade, mas renunciou tudo, pois Ele foi um ser humano em todo o sentido da palavra.

Jesus tinha um corpo físico. O Seu mais íntimo discípulo atesta que Ele era uma pessoa física: "O que era desde o princípio, *o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram* da Palavra da vida—Porque a vida foi manifestada, e nós a vimos, e testificamos dela . . ." (1 João 1:1-2). João está estabelecendo a humanidade de Jesus Cristo quando diz que ouviram, viram e tocaram Jesus.

Ele tinha um corpo completamente humano. Nasceu, cresceu e desenvolveu-se como qualquer outra criança.

Jesus esteve sujeito às mesmas limitações físicas como qualquer outro ser humano, porque tinha um corpo com a mesma natureza. Sentiu fome quando jejuou (Mateus 4:2) e sede (João 19:28). Sentiu cansaço numa longa caminhada (João 4:6).

Jesus sofreu fisicamente e morreu. Hebreus 2:10 (BLH) diz-nos que

Ele foi feito "perfeito por meio do sofrimento." Fisiologicamente, Ele foi um ser humano sujeito à morte como nós somos. "E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas, para que, pela morte, aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo" (Hebreus 2:14). Ele foi tornado carne "para que . . . experimentasse a morte" (versículo 9, NVI).

Jesus sofreu terrivelmente quando morreu, como é evidente nos relatos da crucifixão. Quando a lança foi projectada à Sua ilharga, água e sangue derramaram dEle. O Seu corpo era como o nosso. Não pode haver dúvida de que Ele sentiu sofrimento físico, tão genuinamente quanto nós, quando foi espancado e flagelado, quando a coroa de espinhos foi enfiada na Sua cabeça e quando os cravos foram espetados e pregados nos Seus pulsos e pés.

Jesus sentiu emoções humanas

Jesus também sentiu muitas das mesmas qualidades emocionais e intelectuais que nós sentimos. Ele pensou, considerou e sentiu toda a extensão das emoções humanas. Ele teve grande afeição pelo povo (João 11:5; 13:23; 19:26). Ele sentiu compaixão e piedade pelos famintos e pelos física e espiritualmente aflitos (Mateus 9:36; 14:14; 15:32; 20:34).

Ele podia sentir-se angustiado e inquietado, como foi evidente para os Seus discípulos quando Ele percebeu o Seu eminente sofrimento e morte (Lucas 12:50; João 12:27). Ficou profundamente perturbado quando considerou que um dos Seus discípulos O iria trair (João 13:21). Sentiu pesar e chorou no luto da família e amigos de Lázaro, quando Lázaro morreu (João 11:33-35).

Jesus ficou "profundamente entristecido e angustiado" e não quis ficar a sós quando estava lutando com os Seus pensamentos e sentimentos mesmo antes de ser preso (Mateus 26:37-40). Obviamente Jesus possuiu as mesmas faculdades humanas de sentir pena e angústia tão intensamente quanto nós sentimos.

Ele também sentiu alegria (João 15:11; 17:13). Ele podia zangar-se e condoer-se com as atitudes das pessoas (Marcos 3:5) e indignar-se com os Seus próprios discípulos (Marcos 10:14).

Capacidades intelectuais de Jesus

Não obstante, os Evangelhos revelam, claramente, que Jesus tinha conhecimento do passado, do presente e do futuro de um modo muito para além do que qualquer simples pessoa tem. O certo é que estas notáveis faculdades não foram coisas com Ele nascidas. Elas foram-Lhe dadas pelo Pai. Como Jesus, abertamente, disse "Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma" (João 5:30)—isto é, nada de sobrenatural de Si mesmo. Aprofundaremos mais esta ideia quando abordarmos os feitos de Jesus.

Como se manifesta que Jesus teve conhecimento para além das capacidades normais humanas? A primeira vez que observamos isto

As relações familiares de Jesus

Quando lemos cuidadosamente os Evangelhos, vemos um número de relações familiares que nos ajudam a compreender melhor certos acontecimentos.

Encontramos uma das mais importantes conexões familiares em Lucas 1:36, onde o mesmo anjo que informa Maria de que ela conceberá um Filho, igualmente lhe diz: "também Isabel, *tua prima*, concebeu um filho em sua velhice …" Esta mesma Isabel daria à luz um filho de nome João, que seria conhecido na história por João Baptista (versículos 57-60, 80)

O parentesco exacto entre Maria e Isabel não é declarado específicamente, mas, aparentemente, elas eram primas, pelo que Jesus e João foram primos. Ambos eram claramente conhecedores de cada um dos seus ministérios, e quando João viu Jesus dirigir-se-lhe para ser baptizado, exclamou: "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (João 1:29).

Conquanto fosse divinamente revelado a João que o seu primo Jesus era o profetizado Messias (versículos 30-34), o facto de João aceitar sem hesitação a verdade desta revelação sustenta testemunho de que Jesus teve de ter vivido uma vida impecável e recta.

Alguns apóstolos eram primos

Embora poucas pessoas estejam cientes disso, parece que pelo menos dois dos apóstolos eram primos de Jesus. Descobrimos isto quando comparamos a lista das quatro mulheres que viram a crucifixão de Jesus, conforme registada em Mateus 27:56; Marcos 15:40 e João 19:25. Comparando estas descrições vemos que as mulheres incluíam:

- Maria Madalena (mencionada por Mateus, Marcos e João);
- Maria, mãe de Jesus (mencionada por João);
- Uma outra Maria, identificada por João como "Maria mulher de Cleófas" e por Mateus e Marcos como "Maria mãe de Tiago e de José".

Este Tiago é identificado geralmente por Tiago o Menor, um dos doze apóstolos, também chamado "Tiago filho de Alfeu" (Mateus 10:3; Marcos 3:18; Lucas 6:15). "Cleófas" e "Alfeu" parecem ser variações do nome Aramaico "Chalphai", o qual pode ser traduzido para Grego como "Clopas" e para o Latim como "Alphaeus".

O historiador do segundo século Hegésipo diz que Cleófas era irmão de José, marido de Maria e pai adoptivo de Jesus. Se assim for, então Tiago era primo de Jesus.

- Salomé, mencionada por Marcos, também é dita "a mãe dos filhos de Zebedeu" por Mateus e, por "irmã de Sua [Jesus] mãe", por João. Sendo Salomé e Maria irmãs, seus filhos—Jesus, filho de Maria, e os discípulos Tiago e João, filhos de Salomé e Zebedeu —eram primos em primeiro grau.

Esta relação explica o incidente em Mateus 20:21, onde "a mãe dos filhos de Zebedeu" pediu para que aos seus filhos, Tiago e João, lhes fossem dadas as duas posições mais proeminentes no Reino de Cristo. O pedido parece demasiado audacioso, mas devemo-nos aperceber de que era feito pela tia de Jesus em nome dos Seus dois primos.

A sua proximidade como membros da família de Jesus provavelmente levou-os a pensar que tal pedido não seria visto como muito atrevido e também ajuda a compreender a resposta delicada, mas firme de Jesus.

Esta relação familiar também nos assiste a entender por que é que Tiago e João, juntamente com Pedro, foram os três discípulos a quem Jesus parece ter-se aproximado mais, pedindo-lhes para O acompanhar em tempos e acontecimentos significantes (Mateus 17:1-9; 26:36-37; Marcos 5:37). Jesus foi evidentemente chegado a estes dois primos em particular, e apreciou as suas companhias obviamente. Não seria de admirar pensar que tenham crescido juntos e sido amigos desde crianças.

Os irmãos e irmãs de Jesus

Os Evangelhos também nos mostram que Jesus teve muitos meios-irmãos e meias-irmãs que nasceram de José e Maria. Em Mateus 13:55-56 vemos que alguns residentes de Nazaré perguntaram: "Não é este o filho do carpinteiro? E não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos Tiago, e José, e Simão, e Judas? E não estão entre nós todas as suas irmãs?" Esta passagem nomeia quarto meios-irmãos—Tiago, José, Simão e Judas—e faz referência a meias-irmãs (plural). Portanto Jesus tinha pelos menos seis meios irmãos—quatro irmãos masculinos e duas irmãs.

Durante a vida de Jesus os Seus meios-irmãos não acreditavam que Ele fosse o Salvador e Messias (João 7:5). Todavia, depois da Sua ressurreição, Tiago tornou-se um crente proeminente. Em Actos 1:14 Tiago, juntamente com os seus outros irmãos e a sua mãe Maria, está entre os membros originais da Igreja, o mesmo grupo que recebeu o Espírito de Deus no dia de Pentecostes (Actos 2:1-4).

Mais tarde Tiago tornou-se um líder da congregação de Jerusalém. Ele exerceu um papel destacado na conferência de Actos 15 (ver versículos 13-21). Paulo mais tarde visitou-o em Jerusalém (Actos 21:18). Em Gálatas 2:9 Paulo refere-se a Tiago como uma "coluna" da Igreja. Tiago também escreveu a epístola do Novo Testamento que tem o seu nome (Tiago 1:1). Um outro irmão acima referido, Judas (Mateus 13:55) escreveu a curta epístola com o seu nome (Judas 1).

O facto destes parentes, incluindo meios-irmãos que cresceram com Ele sob o mesmo teto, aceitarem Jesus como Messias e Salvador pessoal é forte testemunho de que Ele viveu uma vida exemplar e impecável. E o facto de que se tornaram crentes depois da Sua ressurreição é um poderoso testemunho para a realidade dessa ressurreição do túmulo.

é quando Ele, com a idade de 12 anos, mostrou conhecimento muito para além da Sua idade nos debates no templo com os doutores da lei (Lucas 2:46-47).

Ele sabia os pensamentos tanto dos Seus amigos (Lucas 9:47) assim como dos Seus inimigos (Mateus 9:4). Ele sabia que a mulher Samaritana teve cinco maridos e que na actualidade estava vivendo com um homem com quem não estava casada (João 4:18). Ele sabia que Lázaro tinha morrido da sua doença conquanto Ele e os apóstolos estivessem a vários quilómetros de distância (João 11:1, 11-14).

Ele sabia qual o discípulo que O ia trair, muito antes de Judas ter tomado a decisão de entregar Jesus aos que O queriam matar (João 6:70-71). Ele disse a Pedro que ele O ia negar três vezes na noite em que Ele foi preso e que o galo cantaria após a terceira vez (Lucas 22:34).

Mas também, nem sempre Ele sabia tudo. Existia conhecimento que Ele não tinha e por isso perguntava para poder saber. Ele perguntou ao Pai da criança que tinha o espírito mudo: "Quanto tempo há que lhe sucede isto?" (Marcos 9:21). Quando Jesus proferiu as fantásticas profecias sobre o fim da era e do Seu regresso, Ele deu a conhecer que não sabia do tempo exacto da Sua vinda. "Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, senão o Pai" (Marcos 13:32).

Jesus aqui depende do Pai em mostrar-Lhe o tempo do Seu regresso. Isto ajuda-nos a entender que o Pai também Lhe deu o entendimento dos corações dos homens, acontecimentos proféticos e outras coisas que não Lhe tinham dito.

Jesus dependeu constantemente de Deus Pai para se orientar no que fazer, no que dizer e como responder, para ter discernimento dos corações dos homens e para mais o que quer que o Pai achasse necessário dar-Lhe. Ele confiou em Deus Pai Lhe dar ajuda para obedecer, para dar poder sobre os espíritos demoníacos e para Lhe dar força para resistir e vencer as tentações.

Às vezes Ele orava durante longo tempo (Lucas 5:16; Marcos 1:35). Antes de escolher os doze apóstolos, Ele orou toda a noite (Lucas 6:12-16). Na noite antes da Sua crucifixão, Ele orou repetidamente no Jardim de Getesêmane e o Pai enviou um anjo para O encorajar durante essa terrível prova (Lucas 22:41-44).

Hebreus 5:7 diz-nos: "O qual, nos dias da sua carne, oferecendo, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que o podia livrar da morte, foi ouvido quanto ao que temia." Como ser humano, Jesus confiou completamente no Pai para Lhe dar a força necessária para prevalecer contra as forças que tão ferventemente lutavam contra Ele.

Poderia Jesus pecar?

Isto põe-nos perante uma outra questão sobre a humanidade de Jesus. Seria possível para Jesus pecar? A Bíblia é muito clara dizendo que Jesus não pecou. Paulo diz que Jesus "não conheceu pecado (2 Coríntios 5:21). João confirma que "nele não há pecado" (1 João 3:5). Nenhum dos Seus inimigos podia acusá-Lo de pecar (João 8:46).

Mas *poderia* Ele ter pecado? Hebreus 4:15 diz-nos que "não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém, um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado." Se não era possível Jesus pecar, foi então genuína a Sua tentação?

É mais apropriado dizer-se que conquanto Ele *pudesse* ter pecado, certamente Ele *não o faria*. Ele enfrentou verdadeiras lutas e tentações, mas recusou render-se à tentação de pecar.

Quando Ele foi tentado pelo demónio durante 40 dias (Lucas 4:1-2), foi isto realmente tentação ou meramente um exercício supérfluo? Dificilmente se pode dizer que as Suas "orações e súplicas, com grande clamor e lágrimas, dirigidas a quem O podia livrar da morte" não eram o resultado de sentir forte tentação.

Uma tal ocasião aconteceu quando Ele suplicava sob grande pressão imediatamente antes de ser preso: "posto em agonia, orava mais intensamente. E o seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue, que corriam até ao chão" (Lucas 22:44). Jesus então incitou os Seus discípulos: "Levantai-vos, e orai, para que não entreis em tentação" (versículo:46).

Para que Jesus soubesse perfeitamente como os seres humanos têm de lidar com o pecado, ". . . convinha que, em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus e para fazer propiciação pelos pecados do povo. Pois, naquilo que ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados" (Hebreus 2:17-18, ARA).

Como podia Ele servir para nosso exemplo se não fosse humano e por conseguinte não fosse tentado exactamente como nós somos? Esta é a razão pela qual Ele *teve que ser* tentado de igual modo como nós somos. Contudo Ele ainda foi mais além. Se uma pessoa se rende à tentação, não sente todo o poder dela, pois cede enquanto ainda tem mais para resistir. Somente o que prevalece com sucesso a uma tentação e se mantém impecável conhece *toda* a força dessa tentação.

Ele era realmente Deus?

Explicámos que Jesus era Deus como a Bíblia explicitamente diz (João 1:1). Então qual era a diferença na forma em que Ele era Deus, antes do Seu nascimento humano, e quando foi um ser humano?

Paulo dirige-se a esta mesma questão em Filipenses 2. Paulo diz-nos o que Jesus abandonou e o que Ele tomou para Si, quando "embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens" (versículos 6-7, NVI).

O versículo 8 diz-nos que "humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz." Foi executado como um criminoso.

Ao tornar a forma dum ser humano, Jesus renunciou o exercício dos Seus atributos inerentes que tinha quando estava com o Pai. Isto não quer dizer que os *perdeu*, mas que, para ser completamente humano, era necessário que voluntariamente renunciasse a faculdade própria de exercê-los. E tendo renunciado esses atributos, Ele não os possuíu em forma inerente enquanto foi um homem. Na verdade, como atrás referido,

Tinha Jesus Cabelo Comprido?

A maior partes das pessoas assumem que Jesus tinha cabelo comprido. Ao fim e ao cabo, é da forma como O têm visto representado em todas as pinturas, desenhos e filmes. É o único Jesus que têm visto. Mas estas representações são corretas?

O facto é que não sabemos como Jesus se parecia, porque os primeiros desenhos e pinturas dEle só foram feitos centenas de anos depois. Por isso toda a representação que vemos a Seu respeito não é mais que imaginação artística.

Conquanto não saibamos como é que Jesus se parecia, sabemos que Ele *não se parecia* com as descrições comuns de cabelo comprido. Até porque Ele inspirou o apóstolo Paulo a escrever em 1 Coríntios 11:14 "Ou não vos ensina a mesma natureza que *é desonra para o varão ter cabelo crescido?*"

Para além desta instrução relativa a cabelo longo no homem, a Bíblia também contém evidências circunstanciais de que Jesus não teve cabelo comprido.

Talvez a mais notável seja a de Judas O ter de identificar com um beijo, quando O traiu. Esse foi o sinal previamente combinado que Judas deu para que os guardas O pudessem identificar. Porque é que Judas teve de fazer isso? Porque Jesus parecia-se como todo o homem normal desse tempo, e não O podiam identificar se Judas O não traísse com um beijo.

Este incidente mostra que Jesus se parecia como qualquer Judeu normal do Seu tempo; não havia nada que o distinguisse fisicamente. A profecia messiânica de Isaías 53:2 diz que Ele: "não tinha parecer nem formosura; e, olhando nós para ele, nemhuma beleza viamos, para que o desejássemos."

Pelo menos em duas ocasiões os Evangelhos nos dizem que Jesus escapou de entre a multidão, quando pessoas O tentaram matar (Lucas 4:30; João 8:59). Ele pôde escapar simplesmente porque se parecia com qualquer homem normal e se podia misturar com as pessoas à Sua volta.

Um artigo da Associated Press, de 24 de Fevereiro 2004 reporta: "'Jesus não teve cabelo comprido', disse o antropologista Joe Zias que estudou centenas de esqueletos encontrados em escavações arqueológicas em Jerusalém. 'Na antiguidade os homens Judeus não usavam cabelo comprido.' 'Os textos Judeus ridicularizavam o cabelo longo, como coisa Romana ou Grega,' disse Lawrence Schiffman da Universidade Nova de Nova Iorque" ("Jesus Scholars Find Fault in Gibson's 'Passion'" [Estudiosos de Jesus Encontram Falha na 'Paixão' de Gibson]). O cabelo comprido, não era nada típico, mesmo entre os Gregos e os Romanos, como atestam muitas estátuas e moedas da época.



Estes bustos de cidadãos Romanos mostram o corte de cabelo típico no Império Romano durante o primeiro século. Há incidentes apresentados nos Evangelhos que mostram que Jesus se apresentava como qualquer outro homem vulgar médio do Seu tempo.

"Junto com extensivos escritos desse período, especialistas apontam para o friso do Arco de Tito, em Roma, construído depois de Jerusalém ser tomada no ano 70, para celebrar a vitória, o qual mostra homens Judeus com cabelo curto sendo levados para o cativeiro" (Ibid.).

Jesus não era um homem delicado e efeminado, com uma aparência quase angélica, como em geral é apresentado nas pinturas. Era um carpinteiro, um construtor, um homem que sabia do negócio da construção.

Sabia como derrubar árvores e como fazer traves de madeira, como manusear rochas para construir paredes e como construir edifícios de pedra e madeira.

Os Evangelhos dão bem a entender que Ele passava muito tempo ao ar livre. Ele andou com pescadores, uma classe de pessoas que nunca respeitaria ou admiraria uma pessoa de constituição frágil. Contudo, Jesus teve 12 discípuls.os que O seguiam para todo o lado que Ele fosse e que eventualmente morreram por Ele. Eles conheciam-No como um verdadeiro homem, não como a fabricação que vemos em tantos quadros e pintura

Jesus disse claramente que não tinha em Si mesmo a capacidade de fazer obras sobrenaturais: "Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma" (João 5:30). Ele só podia exercer os atributos de divindade em submissão à vontade do Pai.

Jesus fez muitos actos maravilhosos, mas disse enfaticamente aos Seus discípulos que "As palavras que eu vos digo não as digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim, é quem faz as obras" (João 14:10). Uma e outra vez Ele disse que as obras que fazia eram do Pai e não dEle mesmo,

e disse que elas eram prova de que tinha sido enviado pelo Pai (João 10:32, 37-38).

Enquanto em séculos anteriores Jesus teve autoridade para falar como o *YHWH* do Antigo Testamento, agora falava e actuava sob a autoridade de Deus e em completa dependência dEle. "Na verdade, na verdade vos digo que o Filho por si mesmo não pode fazer coisa alguma, se o não vir fazer o Pai; porque tudo quanto ele faz, o Filho o faz igualmente" (João 5:19).

O que existiu com o Pai desde antes do princípio do universo, agora como ser humano, explica a relação: ". . . nada faço por mim mesmo; mas falo como meu Pai me ensinou" (João 8:28).

A Salvação de Jesus

Jesus pôs o Seu inteiro futuro completamente nas mãos do Pai. Agora Aquele que existia por Si mesmo, não teria vida senão através do Pai (João 6:57). Para Ele vir a ter a vida eterna novamente Ele teria de a obter como um ser humano, do mesmo modo que tu e eu podemos ter a salvação—através da submissão ao Pai e da ressurreição dentre os mortos.

Hebreus 5:9 diz que Jesus "tornou-se o Autor da salvação eterna" quando passou pelo processo da salvação como um ser humano—com uma excepção. Jesus não teve de se arrepender do pecado, pois teve de se manter sem pecado. E "embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu" (versículo 8, ARA).

Ele sempre foi obediente. Contudo a Sua obediência e carácter foram provados e fortalecidos através de dificuldades e provas. "E, tendo sido aperfeiçoado, tornou-se o Autor da salvação eterna para todos os que Lhe obedecem" (versículo 9, ARA). Ele já era perfeito antes do Seu nascimento humano. Agora fez-se perfeito como um ser humano. Foi "declarado Filho de Deus . . . pela ressurreição dos mortos" (Romanos 1:4), contudo, Ele já era o Filho de Deus em virtude de quem era (versículo 3).

Torna-se claro *"que foi preciso que Jesus se tornasse em tudo igual aos Seus irmãos"* (Hebreus 2:17, BLH).

O sacrifício enorme que Jesus fez torna-se difícil para nós de compreender quando nos apercebemos da posição em que Ele voluntariamente se colocou. A Sua própria existência estava em risco. Se Jesus tivesse pecado, então quem se sacrificaria por Ele? Se Ele tivesse escolhido pecar, uma só vez que fosse, Ele teria incorrido na pena de morte—morte para sempre. Assim o haveria requerido a própria lei que Ele próprio proclamou, como Deus, no monte de Sinai.

Podia Deus Morrer?

Algumas pessoas não gostam de contemplar a possibilidade de, quando se fala de Deus, Ele poder morrer. Como é que Deus podia deixar de existir? Como um ser espiritual infinito, imortal, não podia. Mas se Ele se ofereceu para se tornar um ser humano e possuir todos os atributos e a existência física da natureza humana, então Ele *podia morrer*. E com efeito Ele *morreu*—e quando morreu Ele *estava realmente morto*. Se Ele não tivesse realmente morrido, da mesma forma que qualquer um de nós morre se alguém nos matasse, então, a Sua vida não poderia ser uma substituição autêntica—a Sua vida pela nossa.

Teria sido uma fantasia, uma ilusão. Jesus não só morreu, como também podia ter sofrido a morte da qual não há ressurreição—a de um pecador sem redenção.

A Sua salvação foi através do Pai em quem Ele tinha completa confiança. Essa relação era tal que só podia ser descrita como de uma esperança e confiança completa, absoluta e ilimitada no Seu Pai (João 8:29). Jesus submeteu a Sua vontade a Seu Pai (João 6:38). Como ser humano não pediu nemhuma glória (João 17:5). Foi obediente até à Sua própria morte (Filipenses 2:8).

Ele pôs a Sua salvação na mesma base que a nossa. Nós temos um precursor, um exemplo, um autor de salvação, um capitão da salvação. Quem Ele viria a ser na eternidade, estava em risco durante os Seus poucos anos na terra (Filipenses 2:8-11).

Houve alguma vez alguma dúvida no resultado? Nenhuma—não porque Ele não pudesse falhar, mas porque Ele e o Pai sabiam o que cada um podia fazer e o que fariam. O poder de Deus é o maior poder que há, e a fé de Jesus foi absoluta. É pela mesma fé que nós somos salvos (Gálatas 2:20).

A Missão mal entendida do Messias

"Veio para o que era seu, e os seus não o receberam" (João 1:11).

Jesus fez milagres e sinais. Curou enfermos, ressuscitou mortos, acalmou tempestades da natureza, alimentou multidões e exerceu absoluta autoridade sobre o mundo espiritual—contudo não foi aceite como o Messias de Israel.

Pode-se supor que com aquelas credenciais Ele seria automaticamente proclamado Messias. Mas, contudo, fora-nos dito que Ele *"Veio para o que era seu [povo], e os seus não o receberam" (João 1:11).* Depois de 3 anos e ½ de ministério, somente 120 seguidores estiveram presentes no começo miraculoso da Sua Igreja (Actos 1:15).

Uma das profecias sobre o Messias predisse que Ele seria "desprezado, e o mais rejeitado entre os homens" (Isaías 53:3). As grandes obras que Jesus realizou, que Lhe deram popularidade no país, não foram suficientes para ultrapassar a desaprovação que Ele incorreu de parte das autoridades religiosas—ou suficientes para assegurar a lealdade do coração inconstante do homem comum.

A Sua missão e os Seus ensinamentos não se alinhavam com os que estavam nas altas posições da nação, e o Seu propósito foi também mal entendido pela maior parte dos que O viram e ouviram.

O que é que os Judeus esperavam?

Os Judeus eram conhecedores de muitas das profecias acerca do Messias, o escolhido ou "ungido," como assim quer dizer a palavra em Hebraico. Eles criam firmemente que o Messias seria um forte e glorioso rei terreno que os libertaria dos seus opressores Romanos e formaria outra vez um grande e independente reino Judaico. Os magos que vieram do Oriente procurar Jesus recém-nascido perguntaram em Jerusalém: "Onde está aquele que é nascido rei dos judeus?" (Mateus 2:1-2).

O rei Herodes, que, sob os Romanos, governava a Judeia, compreendeu claramente que o Messias que os Judeus aguardavam seria um outro rei e por conseguinte um rival seu. Por isso ele perguntou ao chefe dos sacerdotes e escribas "onde havia de nascer o Cristo" para assim poder eliminar a ameaça ao seu poder (Mateus 2:3-16).

Na língua Grega na qual o Novo Testamento foi escrito, *Christos* (*Cristo* em Português) tem o mesmo significado que em Hebreu a palavra *Mashiach* (*Messias* em Português) tem, isto é, "o ungido", significando aquele que era especialmente escolhido por Deus (ver "O que significam os termos 'Cristo' e 'Jesus'?" na página 72). Herodes e os governantes Judeus consideravam o título "Cristo" como sinónimo de "Rei dos Judeus," de acordo com as expectativas gerais de então (compare Mateus 2, versículos 2 e 4).

Expectativas essas de que Cristo seria um rei ajustavam-se ao entendimento Judaico de que Ele seria um descendente de David, o mais famoso dos reis de Israel e pelo qual todos os outros reis eram aferidos. Vemos isto ilustrado em Mateus 22:42, quando Jesus perguntou aos Fariseus: "Que pensais vós do Cristo? De quem é filho?" Eles responderam-Lhe: "De David."

Jesus foi tratado por "Filho de David" por dois homens cegos (Mateus 9:27), pela mulher Cananeia (Mateus 15:22) e pelo cego em Jericó (Mateus 20:30). Quando Jesus curou um homem possesso de demónio que era cego e mudo, "toda a multidão se admirava e dizia: 'Não é este o Filho de Davi?'" (Mateus 12:22-23). Na Sua entrada em Jerusalém Ele foi aclamado por: "Hosana ao Filho de Davi!" (Mateus 21:9)

O número e âmbito de milagres que Jesus fez—milagres inigualados na história de Israel mesmo pelos grandes profetas—levou o povo a concluir que Ele tinha de ser o Messias profetizado. "E muitos da multidão creram nele, e diziam: Quando o Cristo vier, fará ainda mais sinais do que os que este tem feito?" (João 7:31).

Tempo para um reino restaurado?

Quando o povo desejava o aparecimento do "Filho de David," eles esperavam Aquele profetizado que restauraria o reino de Israel sob a dinastia Davídica.

Numa ocasião, quando Jesus miraculosamente alimentou uma multidão de 5.000 pessoas, elas estavam convencidas que Ele era "verdadeiramente, o profeta que devia vir ao mundo" (João 6:14). Isto é uma alusão à profecia de Moisés sobre a promessa de "um profeta como eu," em Deuteronómio 18:15-19. Os discípulos de Jesus identificaram-nO como esse mesmo profeta, dizendo: "Havemos achado *aquele* de quem Moisés escreveu na Lei, e *de quem escreveram* os profetas: Jesus de Nazaré, filho de José" (João 1:45).

Que melhor rei se pode ter que aquele que miraculosamente nos alimentará? Este milagre causou um suporte espontâneo e rápido para o fazer rei ali mesmo. Mas, "sabendo, pois, Jesus que haviam de vir arrebatá-lo, para o fazerem rei, tornou a retirar-se, ele só, para o monte" (João 6:14-15). Ele furtou-se a isso. Tornar-se um rei humano dum Israel poderoso, naquela altura, não era parte da missão de Jesus.

Mesmo depois da Sua morte e ressurreição, os seus discípulos ainda estavam convencidos de que Ele, aí então, restauraria o reino Davídico de Israel. Eles perguntaram-Lhe: "Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?" (Actos 1:6). Eles ainda não percebiam todas as peças do jogo profético que Ele lhes estava revelando.

Compreendendo as profecias messiânicas

Estas ideias erradas eram devidas em parte ao não saberem, das suas próprias Escrituras, a ocasião em que as profecias aconteceriam. Num exame atento, Jesus falou e actuou de forma a revelar a Sua verdadeira missão para a Sua primeira vinda—a qual estava exposta na profecia Bíblica, contudo, não de um modo em que eles as entendiam.

Na verdade o Messias foi profetizado vir para o seu povo. Já mostrámos muitas das profecias que se cumpriram quando Ele veio à terra em pessoa. Ele foi um servo, sofreu durante a Sua vida e voluntariamente ofereceu-a em sacrifício. Mas existiam muitas profecias que *não* foram realizadas—pelo menos *não naquele tempo.*

Por exemplo, existem as grandes profecias de Isaías que nos falam: "acontecerá nos últimos dias que se firmará o monte da casa do SENHOR no cume dos montes, e se elevará por cima dos outeiros; e concorrerão a ele todas as nações" (Isaías 2:2).

Na profecia Bíblica, montanhas e montes são usados para representarem governos e nações. Esta profecia revela-nos um tempo em que o futuro

reino do Messias será estabelecido e reinará sobre todos os governos e nações da terra. O entendimento profético deste Reino divino estava no âmago da mensagem de Cristo, bem como o verdadeiro papel do Messias.

Quando Jesus anunciou que "o Reino de Deus está próximo" (Marcos 1:15), Ele estava referindo-se simplesmente ao futuro Reino de Deus que virá para a terra—e que Ele era o caminho para esse Reino. Muitas vezes, quando os Evangelhos dizem que eles "criam nEle," significa que eles acreditavam que Ele era o Messias que criaria um reino de Israel *nessa era!*

Porque Jesus não foi mais directo

Jesus através do Seu ministério corrigiu as concepções erradas que as pessoas faziam sobre o esperado Messias chamando-lhes à atenção o verdadeiro significado das Escrituras em que elas se baseavam mas interpre-

O que significam os termos 'Cristo' e 'Jesus'?

O termo *Cristo* deriva da palavra Grega *christos*, no Novo Testamento, e quer dizer "*ungido.*" A palavra Hebraica equivalente, no Antigo Testamento, é *mashiach* a qual foi transliterada em muitas versões da Bíblia para *messias* (João 1:41; 4:25). E, pois, quer Cristo quer Messias significam "ungido" ou "o ungido."

Qual era a implicação da unção? O dicionário *The Oxford Companion to the Bible [O Companheiro Oxford da Bíblia]* diz: "Na Bíblia Hebraica, o termo é muitas vezes usado *para reis*, cujas investiduras eram especialmente assinaladas pela unção com óleo (Juízes 9:8-15; 2 Samuel 5:3; 1 Reis 1:39; Salmos 89:20...), e a quem era dado o título de 'o ungido do Senhor' (ex., 1 Samuel 2:10; 12:3; 2 Samuel 23:1; Salmos 2:2; 20:6; 132:17; Lamentações 4:20)" (*Bruce Metzger e Michael Coogan, editors, 1993, "Messiah" [Messias], p. 513*).

Esta fonte diz-nos que a unção "era largamente praticada no antigo Médio Oriente; as cartas de Amarna [encontradas em tabletes de barro, no Egipto central] sugerem que a unção era um rito real na Síria-Palestina no século catorze a.C., e … [uma história do tempo dos Juízes] assume a sua familiaridade (Juízes 9:8, 15)" ("Anoint" [Ungir], p. 30).

Contudo, como esta e outras fontes apontam, não eram só os *reis* que eram ungidos nas Escrituras. Os *sumo-sacerdotes* de Israel eram ungidos (Êxodo 29:7; Levítico 4:3, 5, 16), bem como alguns *profetas* (1Kings 19:16).

Na prática bíblica, unção é um acto de *consagração*—de separação para a obra santa de Deus.

tavam erradamente. Os Judeus do Seu tempo interpretaram tão mal as profecias do Antigo Testamento que não puderam reconhecer que o Messias que eles esperavam aparecer, a qualquer momento, já estava entre eles!

Interessantemente Jesus não apregoou aos quatro cantos do mundo dizendo que Ele *era* o Cristo. Ele proibiu os demónios que Ele expulsava dos possessos de dizerem que Ele O era (Lucas 4:41). Quando Pedro, em resposta à pergunta directa de Jesus "quem dizes que Eu sou?" respondeu que Ele era o Messias, Jesus ordenou estritamente aos discípulos que não dissessem a ninguém que Ele era o Cristo (Mateus 16:15-16, 20).

Ele respondeu à pergunta do encarcerado João Baptista ("És tu aquele que havia de vir, ou esperamos outro?") dirigindo-o para as provas das Suas afirmações messiânicas—os Seus ensinamentos e as Suas obras (Mateus 11:2-6).

Mas houve algumas ocasiões em que Ele afirmou abertamente a Sua

Simbolizava o derramar do Espírito Santo sobre alguém (compare Isaías 61:1; Romanos 5:5)—nos casos citados, representando o poder e intervenção de Deus para com alguém a exercer as funções do cargo para o qual era consagrado. O próprio *Jesus foi ungido* "com o Espírito Santo e com virtude" (Actos 10:38).

Os Judeus do tempo de Jesus esperavam ansiosamente uma figura profética referida em diversas escrituras como o Messias ou o Ungido, um grande rei da linhagem de David que, pelo poder de Deus, restauraria Israel e governaria o mundo. Jesus de Nazaré foi esse Ungido—e Ele ainda cumprirá estas profecias.

E o que se pode dizer sobre o nome "Jesus"? Como recebeu Ele este nome, e o que é que significa?

Em Mateus 1 vemos que Maria engravidou durante o seu noivado com José. José estava considerando como melhor resolver a difícil situação.

"E, projetando ele isto, eis que, em sonho, lhe apareceu um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber a Maria, tua mulher, porque o que nela está gerado é do Espírito Santo. E ela dará à luz *um* filho *e chamarás o seu nome JESUS, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados"* (Mateus 1:20-21).

O nome Grego "Jesus" é uma transliteração do nome Hebraico *Yehoshua* ou *Yeshua*, que em Português se pode dizer "Josué" e que literalmente quer dizer *Deus é a salvação*. Assim, a mensagem do anjo a José foi: "Chamarás o Seu nome '*Deus é salvação'*, porque Ele salvará o Seu povo dos seus pecados". Este nome diz-nos o propósito de Jesus no plano de Deus—de que é através dEle que Deus leva a efeito o Seu plano para salvar a humanidade da morte, dando-nos a vida eterna na Sua família.

identidade messiânica. Por exemplo, Ele revelou quem Ele era à mulher Samaritana, junto ao poço. "Eu sei que o Messias vem" disse-Lhe ela, ao que Jesus disse-lhe: "Eu o sou, eu que falo contigo" (João 4:25-26). Mesmo no início do Seu ministério Ele aceitou o reconhecimento dos Seus primeiros discípulos quando reconheceram ser Ele o Messias (João 1:41-50).

Em ocasiões, privadamente, Jesus aceitou as designações de "Messias" e de "Filho de Deus," mas publicamente evitou-as. Porque o que Ele entendeu por estes títulos e o que os Judeus entendiam eram duas coisas diferentes. Jesus não podia negar quem era nem o que Ele tencionava fazer, mas era cauteloso ao explicar a natureza do futuro Reino e ao dissipar interpretações falsas acerca da Sua missão.

Jesus compreendia o que o Seu povo aguardava de um Messias. É, provavelmente em parte, por esta razão que Ele comummente se detinha de reclamar o título para Si e desencorajava os outros de o usar. Para cumprir a missão da Sua primeira vinda, Ele não quis provocar uma revolta popular dos Judeus, ansiosos por estabelecer o seu próprio reino independente, contra o odiado governo Romano de então.

Mais ainda, se Jesus se tivesse proclamado como Messias, teria provocado confrontação imediata entre Ele e as autoridades Judaica e Romana, trazendo sobre Ele mesmo execução prematura. Contudo, em seu devido tempo, Ele afirmou a ambas as autoridades quem Ele era.

Jesus o Rei

No julgamento de Cristo, o sumo-sacerdote perguntou-Lhe: "És tu o Cristo, Filho do *Deus* Bendito?" Jesus respondeu: "Eu o sou, e vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-poderoso e vindo sobre as nuvens do céu" (Marcos 14:61-62). O sumo-sacerdote acusou imediatamente Jesus de blasfémia e merecedor de morte (versículo 64).

Sim, Jesus foi sem dúvida o Messias enviado por Deus e nascido para ser rei. Ele foi claro no que diz respeito a este facto quando perante Pilatos. Contudo, Jesus pregara o Reino de Deus e não o reino de Israel.

Os Judeus acusaram-No perante Pilatos de Ele afirmar ser "Cristo, o Rei" o que O fazia uma ameaça directa à autoridade Romana (Lucas 23:2).

Pilatos, preocupado com esta alegação, interrogou Jesus sobre a acusação. Jesus respondeu dizendo: "O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, lutariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus; mas, agora, o meu Reino não é daqui" (João 18:36). Pilatos pressionou Jesus inquirindo se Ele era na verdade um rei. Jesus respondeu: "Tu dizes que eu sou rei. Eu para isso nasci, e para isso vim ao mundo" (versículo 37).

No entanto, Pilatos ficou com a impressão de que o reino de César não estava sob ameaça de Jesus. Mesmo assim os Judeus convenceram Pilatos a executá-Lo na base de que Ele afirmava ser rei (João 19:12). Pilatos, quando Cristo foi crucificado, até encimou o título "REI DOS JUDEUS" por cima da cabeça de Jesus (versículos 19-22).

Depois de ter ordenado Jesus ser flagelado, Pilatos trouxe-O perante a multidão e anunciou: "eis aqui o vosso Rei," aparentemente pensando que a horrível punição que Ele tinha sofrido os satisfaria. "Mas eles bradaram: Tira! Tira! Crucifica-o! Disse-lhes Pilatos: Hei de crucificar o vosso Rei? Responderam os principais dos sacerdotes: Não temos rei, senão o César" (João 19:14-15).

Eles não reconheceram o seu próprio Rei.

O Futuro Reino

Jesus claramente disse a Pilatos que o Seu Reino não era nem para essa altura, nem lá. Não seria um dos reinos deste presente mundo—desta era presente do homem. *Mas há uma era futura a vir, na qual o Seu Reino será estabelecido na terra para governar todas as nações*.

Muitas profecias acerca da missão de Jesus como Messias foram cumpridas, sem dúvida, por Ele, durante 3 anos e ½ do seu ministério. Mas o cumprimento de muitas mais—das relativas ao estabelecimento do Reino de Deus em toda a terra—*ainda estão por ser cumpridas* por Jesus Cristo.

Quando Jesus começou a falar sobre o Reino de Deus, as pessoas não perceberam completamente. No pensar da maior parte dos Judeus do primeiro século, não havia distinção entre as profecias da primeira vinda do Messias e as da segunda vinda.

Para a gente dos Seus dias, as profecias sobre o Messias e sobre o Reino Messiânico eram como se estivessem a olhar para as estrelas. Todas parecem estar à mesma distância sobre nós na abóbada celeste. Mas na realidade há enormes distâncias entre as estrelas. A olho nu não podemos dizer quais as mais próximas e quais as mais afastadas. As profecias Messiânicas assim pareciam aos Judeus. A maior parte esperava que todas se cumprissem numa só vinda do Messias.

A Sua segunda vinda

Conquanto a maior parte das pessoas não notou a primeira vinda de Jesus, *ninguém* deixará de notar a Sua segunda vinda. Jesus disse que todas as pessoas da terra "verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória" (Mateus 24:30).

Mas, quando Ele vier a segunda vez, será então aceite? O que é que o povo espera? Pensarão os Judeus que Ele virá só para eles? Pensarão os Cristãos que serão levados da terra? Pensará o mundo que Ele é um invasor extraterrestre?

Jesus facultou uma visão ao apóstolo João, registada para nós no livro do Apocalipse. Nele, Jesus completa as profecias que deu durante o Seu ministério terreno. É interessante notar que *Ele não será aceite pelo mundo na segunda vez*, tal como não foi aceite na Sua primeira vinda. Quando Ele vier a segunda vez, não virá como quem *anuncia* o Reino de Deus, mas virá como Monarca para *estabelecer* o Reino de Deus!

Não se equivoque, as nações rejeitá-Lo-ão outra vez. Ele fala do tempo do seu regresso como sendo "o grande dia da Sua ira," quando as nações estão furiosas contra a intervenção de Deus (Apocalipse 6:16-17; 11:17-18). Os chefes de todas as nações se "congregarão para a batalha, naquele grande dia do Deus Todo-poderoso," na qual eles lutarão contra Ele (Apocalipse 16:14).

Na sua segunda vinda Ele apresenta-se como quem "julga e peleja" (Apocalipse 19:11). Ele "ferirá as nações" com espada e pisará "o lagar do vinho do furor e da ira do Deus Todo-poderoso" (versículo 15).

Tais passagens mostram claramente que o mundo não vai receber Cristo de braços abertos, quando Ele regressar. Esta é uma outra faceta acerca de Cristo que não é hoje muito falada. Quando Ele regressar vai-se defrontar com uma recepção hostil do mundo—tal como aconteceu da primeira vez.

Isto leva-nos a perguntar: conhecemos realmente o verdadeiro Jesus? Sabemos, na verdade, o que Ele está a fazendo? Estamos a preparar-nos para sermos recebidos e premiados por Ele quando Ele estabelecer o Seu Reino? Mas do que trata o Reino? Abordaremos estas questões cruciais no próximo capítulo.

Qual foi o Evangelho de Jesus?

"É necessário que eu anuncie . . . o evangelho do Reino de Deus, porque para isso fui enviado" (Lucas 4:43).

"E, depois que João foi entregue à prisão, veio Jesus para a Galiléia, pregando o evangelho do Reino de Deus e dizendo: O tempo está cumprido, e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no evangelho" (Marcos 1:14-15).

Com estas palavras, Jesus começou o Seu ministério anunciando o Reino de Deus. O tempo que Ele tinha em mente para ser "cumprido," era provavelmente uma referência à profecia em Daniel 9:24-25 onde é dito que o Messias deveria vir 483 anos a contar do decreto da reconstrução de Jerusalém. O ano 27 d.C. seria quando os 483 anos especificados na profecia terminariam ("Profetizado: O Ano Exacto do aparecimento do Messias," na página 21). O ano 27 é importante porque é o ano em que Jesus começou o Seu ministério. Ele começou a pregar na Galileia, a mensagem do Reino de Deus.

Como vimos no capítulo anterior, as pessoas e mesmo os próprios discípulos de Cristo, tinham muitas idéias erradas acerca do Messias e da Sua missão. Ainda hoje as pessoas compreendem mal, mas de uma forma totalmente diferente. Muitos não entendem que o futuro Governo Mundial, profetizado em tantos lugares no Antigo Testamento, estava no centro da mensagem e ensinamento de Jesus.

Um governo literal na terra

A maior parte das pessoas não entendem que o Reino de Deus é literalmente um reino, um governo que é divino e soberano sobre todos os paízes da terra. Não se trata dum governo meramente simbólico ou espiritual, um sentimento que só existe no coração humano. Como veremos é muito mais que isso. Jesus simplesmente continuou as profecias sobre o Reino que começara a ser revelado no Antigo Testamento.

Em Daniel 2 pode-se ler uma profecia graficamente apresentada sobre este futuro Reino. Nesta profecia foi mostrada uma imagem a Nabucodonosor, rei da Babilónia, que representa os maiores reinos ou impérios que dominariam o Médio Oriente. A imagem representa primeiro o reino da Babilónia e depois três reinos sucessivos que governam até ao Reino de Deus ser "instaurado". Este Reino de Deus porá fim ao governo dos reinos antecedentes.

Repare-se na descrição deste reino final, o Reino de Deus, no versículo 44: "nos dias desses reis, o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído; e este reino não passará a outro povo; *esmiuçará e consumirá todos esses reinos e será estabelecido para sempre."*

A estátua que Nabucodonosor viu representava os reinos sucessivos existentes desde o tempo de Daniel até ao tempo em que o Reino de Deus é estabelecido, quando serão destruídos pelo Reino de Deus. O Reino de Deus "não será jamais destruído" e "subsistirá para sempre."

Tal como estes são autênticos reinos, cada um com um rei, governo, leis, cidadãos e território, assim também será o Reino de Deus. O seu Rei será Jesus Cristo (Apocalipse 11:15). O seu governo e leis serão governo e leis de Deus (Isaías 2:2-4). Os seus cidadãos e território serão todas as nações da terra (Daniel 7:14). O Reino de Deus governará sobre a terra inteira!

Vejamos algumas das mais conhecidas profecias que descrevem o mesmo Reino de que Jesus falou.

A famosa profecia de Isaías 9:6-7 descreve o Seu governo: "Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu, e *o principado está sobre os seus ombros*, e o seu nome será Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz. *Do aumento deste principado e da paz, não haverá fim*, sobre o trono de Davi e no seu reino, para o firmar e o fortificar com juízo e com justiça, desde agora *e para sempre."* Este é o reino mundial de que Jesus falou e que ainda não veio.

A profecia de Isaías 2, parcialmente referida no capítulo anterior, será cumprida com o regresso de Jesus. Repare-se nos versículos 3-4: "E virão muitos povos e dirão: Vinde, subamos ao monte do SENHOR, à casa

do Deus de Jacó, para que nos ensine o que concerne aos seus caminhos, e andemos nas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém, a palavra do SENHOR. E ele exercerá o seu juízo sobre as nações e repreenderá a muitos povos; e estes converterão as suas espadas em enxadões e as suas lanças, em foices; não levantará espada nação contra nação, nem aprenderão mais a guerrear."

A Salvação é a Entrada no Reino de Deus

A missão de Jesus na terra é tipicamente caracterizada do seguinte modo: "Jesus veio para morrer por nós para sermos salvos." Mas deixar o propósito de Cristo reduzido a isso é incompleto.

Raramente é explicada a salvação da maneira como Jesus a explicou. Jesus expressou a ideia da salvação e da vida eterna em termos de *entrada no Reino de Deus.*

Jesus ensinou: "Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos fizerdes como crianças, de modo algum *entrareis* no Reino dos céus." (Mateus 18:3)

Repare-se o ensinamento de Jesus no capítulo 19 do Evangelho de Mateus. O jovem rico dirigiu-se a Jesus e perguntou: "que bem farei, para conseguir *a vida eterna?"* (versículo 16). Jesus respondeu: "Se queres, porém, *entrar na vida,* guarda os mandamentos" (versículo 17). Ele continuou a explicar aos Seus discípulos que "é difícil *entrar* um rico *no Reino dos céus*" (versículo 23) e que "é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que *entrar* um rico *no Reino de Deus"* (versículo 24). Os discípulos de Jesus ouvindo os Seus comentários "admiraram-se muito, dizendo: 'Quem poderá, pois, salvar-se?'" (versículo 25).

Jesus ensinou claramente, e os discípulos claramente entenderam, que vida eterna, e ser salvo e entrar no Reino de Deus, têm o mesmo significado!

Na mesma passagem (versículos 27-29), quando Pedro refere que deixaram tudo para seguir a Jesus e pergunta como isto será recompensado, Jesus responde: " . . . quando, na regeneração, o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel . . . *e todo aquele . . . herdará a vida eterna*."

O apóstolo Paulo elabora no ensinamento de Cristo acerca da entrada no Reino de Deus: "*agora digo isto, irmãos: que a carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus . . .*" (1 Coríntios 15:50). "Eis aqui vos digo um mistério: Na verdade, nem todos dormiremos, *mas todos seremos transformados,* num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, *e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados*" (versículos 51-52).

"A última trombeta" soará quando Jesus Cristo regressar para reinar no Seu Reino. O próprio Jesus inspirou esta profecia em Apocalipse 11:15: "*E tocou sétimo anjo trombeta*, e houve no céu grandes vozes, que diziam: *Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre*."

Quão importante é acreditar no evangelho do Reino de Deus? Jesus, em Marcos 1:15, diz, que se quiser ser salvo, tem de acreditar no evangelho do Reino de Deus!

A salvação que Cristo pregou tem de ser entendida em termos de entrada no Reino de Deus. Isto diz-nos claramente o que é a salvação ou a vida eterna, e que isso inclui uma responsibilidade de liderança baseada em actos de serviço no Reino de Deus, o qual substituirá todos os outros reinos humanos e se tornará o reino governante nesta terra (Mateus 20:25-28; Apocalipse 20:4, 6).

Todo o propósito e ensinamento de Jesus tinha a ver com o estabelecimento futuro do Reino de Deus.

Jesus começou o Seu ministério com o simples depoimento: "Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus" (Mateus 4:17). Ele estava oferecendo aos Seus seguidores um lugar naquele Reino.

Pedro, André, Tiago, João e o resto dos primeiros discípulos de Jesus, ao deixarem tudo para trás, pesaram as decisões que tomaram à luz da oportunidade única de fazerem parte da "base" do Reino de Deus. Eles sabiam que o Reino de Deus era um reino verdadeiro; apenas não sabiam *quando* seria estabelecido. Eles sabiam que tinham de tomar uma decisão, que aparece uma vez na vida, de uma vez por todas.

A mesma mensagem ainda é pregada e a oportunidade ainda existe para os que consigam entender a visão do que Jesus quis dizer.

Para conhecer o verdadeiro Jesus, é necessário compreender claramente o que é o Reino de Deus. Para estar com Ele, tem de acreditar na mensagem que Ele pregou. (Se deseja aprender mais acerca deste Reino, peça ou descarregue do nosso site http://portugues.ucg.org/estudos a nossa publicação gratuita *O Evangelho do Reino de Deus.)*

O Reino de Deus erradicará a guerra

Quando Jesus tantas vezes falava do Reino de Deus, simplesmente estava dando continuidade à mensagem dos profetas do Antigo Testamento. Jesus referiu-se, inequivocamente, muitas vezes, ao seu regresso à terra para estabelecer o reino que estes profetas tinham profetizado. Na Sua mais longa profecia, dada em resposta à pergunta dos Seus discípulos "que sinal

haverá da tua vinda e da consumação do século?" (Mateus 24:3, ARA), Ele descreve o fim da era dos governos da humanidade e a chegada do Seu reino divino à terra.

Ele respondeu especificamente à pergunta dos discípulos no versículo 30: "Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; e todas as tribos da terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória."

Só neste capítulo, Ele fala oito vezes da Sua vinda para a terra de modo muito diferente daquele como quando veio da primeira vez. Da primeira vez, Ele proclamou a boa-nova do Reino de Deus. Da segunda vez virá *como seu omnipotente Rei para estabelecer o Seu Reino sobre a terra inteira.*

"E, quando o Filho do Homem vier em sua glória, e todos os santos

anjos, com ele, então, se assentará no trono da sua glória; e todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas. E porá as ovelhas à sua direita, mas os bodes à esquerda. Então, dirá o Rei aos que *estiverem* à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o Reino que vos está preparado desde a fundação do mundo" (Mateus 25:31-34).

De que reino está Ele a falar? Do Reino de Deus sobre o qual Ele tantas vezes ensinou! Este reino estava sendo planeado e em preparação "desde a fundação do mundo". Jesus, "o Filho do homem," será o Rei deste Reino. Isto foi o que Jesus veio anunciar—isto era o âmago da Sua mensagem!

A parábola dos talentos por Jesus

Por causa de erros de interpretação sobre o Reino, Jesus profe-

Outros Nomes do Reino de Deus

Conquanto a maior parte das vezes seja chamado "Reino de Deus," acontece que ocasionalmente outros termos são usados para descrever o Reino. Três dos evangelistas—Marcos, Lucas e João—usam a expressão "Reino de Deus" para se referirem ao Reino.

"Reino dos céus" é a expressão usada exclusivamente por Mateus, com 32 referências na sua descrição da vida de Jesus Cristo. Contudo, alternadamente, ele usa as duas expressões: "Reino de Deus" e "Reino dos céus." Em Mateus 19:23-24 ele serve-se de ambas as expressões em versículos consecutivos, implicando claramente que elas são sinónimas. Muitas vezes ele simplesmente diz "o reino."

Por que Mateus o chama "reino dos céus"? Porque, ele estava escrevendo primariamente para uma audiência Judaica. De acordo com o artigo "reino de Deus," na *Enciclopédia Judaica,* a expressão *"Malkut Shamayim,"* significando "Reino dos céus," é a forma como os Judeus de então designavam o Reino de Deus. Eles entendiam isso de duas maneiras. Uma era o Reino literal, como profetizado em Daniel 2, onde este Reino é representado por uma pedra que "vem do céu" e esmaga os reinos deste mundo e cresce enchendo toda a terra. Na verdade, o céu é o lugar de onde Jesus virá para estabelecer o Reino na terra. Em resumo, é o Reino *dos* céus porque ele *vem do céu* (não porque é, como alguns agora contendem, um reino que *está no céu*).

Uma outra maneira é que os Judeus, do tempo de Cristo, entendiam que o Reino de Deus se referia ao "reino ou soberania de Deus em contraste com o reino do poder mundano" (Ibid.). Por outras palavras, quando alguém se submetia à obediência total das leis de Deus e à Sua revelada forma de vida, estava-se submetendo à autoridade do "Reino de Deus" ou do "Reino dos céus" em contraste com todas as outras autoridades humanas ou mundanas. Por vezes, e em certos contextos, Jesus pareceu usar a expressão com esse sentido.

Um outro factor, como é apontado em alguns comentários, é que por causa da relutância que os Judeus tinham em pronunciar ou usar o nome de Deus, Mateus substituiu "reino de Deus" por "reino dos céus." Isto é aparente quando se comparam passagens como Mateus 4:17 com Marcos 1:15 e Mateus 5:3 com Lucas 6:20, onde Mateus usa a expressão "reino dos céus" enquanto que Marcos e Lucas usam a de "reino de Deus" ao citarem Jesus referindo-se aos mesmos acontecimentos. Contudo, devemos entender que os Judeus, por vezes, usavam a expressão "reino de Deus" ou "reino do Senhor" e não somente "reino dos céus." Propriamente Jesus, evidentemente, usou essas formas alternadamente. O apóstolo Paulo, nas suas epístolas, vulgarmente, usa a forma "reino de Deus." Contudo, reconhecendo o papel de Jesus Cristo como Rei do Reino e a maneira pela qual entramos nesse Reino, ele também lhe chama "o Reino de Cristo e de Deus" (Efésios 5:5). Paulo também expressa a profunda relação de amor entre Deus Pai e Jesus Cristo ao dizer "o Reino do Filho do Seu amor" (Colossenses 1:13).

O apóstolo Pedro, reconhecendo também a importância central do papel de Cristo no Reino, ao referir-se a ele como "o Reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (2 Pedro 1:11). Presentemente, Jesus Cristo é o nosso Senhor e Mestre, e reinará supremo no Reino vindouro (Apocalipse 17:14; 19:16). Como Salvador da humanidade, Ele é "a porta" e "o caminho" pelos quais temos acesso a Deus Pai e salvação no Reino de Deus (João 10:9; 14:6).

riu uma parábola na qual Ele torna claro que o Seu reino envolverá realmente um reino com domínio no mundo físico, bem como no espiritual.

"E, ouvindo eles essas *coisas,* ele prosseguiu e contou uma parábola, porquanto estava perto de Jerusalém, e cuidavam que logo se havia de manifestar o Reino de Deus" (Lucas 19:11). O povo estava aguardando pelo estabelecimento do Reino de Deus com Jerusalém como centro do governo sobre as nações, sendo os Judeus o povo proeminente do Reino, como os profetas tinham profetizado.

Por isso Jesus explicou isto deste modo: "Certo homem nobre partiu para uma terra remota, a fim de tomar para si um reino e voltar depois" (versículo 12). Jesus, o homem nobre da parábola, instruiu que enquanto Ele estivesse ausente (no céu), por um tempo indeterminado, os Seus servos continuariam onde estavam (na terra) praticando os negócios do seu Senhor até ao Seu regresso, quando seriam recompensados (versículos 13-27). Qual é o prémio nesta parábola? É o de ter autoridade sobre cidades—cidades físicas verdadeiras; com homens, mulheres, rapazes e raparigas (versículos 17, 19).



Jesus Cristo regressará como Rei dos Reis para governar o mundo num Reino de paz, prosperidade e propósito para todos. Este Evangelho do Reino de Deus estava no centro do Seu ensinamento.

A parábola dos talentos, em Mateus 25:14-30, é semelhante, dando a mesma espécie de mensagem. O cenário básico é o mesmo ". . . O Reino do Céu será como um homem que ia fazer uma viagem. Ele chamou os seus empregados e os pôs para tomarem conta da sua propriedade" (Mateus 25:14 BLH).

A recompensa para os que aumentaram os seus talentos (uma denominação de dinheiro que aqui simboliza meios espirituais) é o de "governar sobre muitas coisas" (versículos 21, 23). O Reino de Deus, quando for estabelecido por Jesus no Seu regresso, será um governo de facto, governando na terra e funcionando não só em assuntos espirituais do homem, mas também nos seus assuntos da vida terrestre.

Este é o Reino que Jesus anunciou que viria. Ele começou por convidar alguns a "arrependerem-se e a crerem no Evangelho"—a boa nova da Sua mensagem—porque "o reino de Deus está próximo" (Marcos 1:15). Ele estava então a anunciar esse Reino, e eles tinham a oportunidade de se prepararem para fazer parte do Reino de Deus no Seu regresso.

Ensinamento de Jesus Sobre a Lei de Deus

"Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim ab-rogar, mas cumprir" (Mateus 5:17).

Por ventura as controvérsias mais frequentes acerca dos ensinamentos de Jesus relacionam-se com a Sua atitude para com as leis de Deus registadas no Antigo Testamento.

No entender da maior parte das igrejas e denominações, relativamente a Jesus, Ele trouxe um novo ensino, diferindo consideravelmente das instruções do Antigo Testamento. O parecer comum é de que o ensino de Cristo, no Novo Testamento, anulou e substituiu os ensinamentos do Antigo Testamento. Mas é mesmo assim?

A ideia que Jesus se demarcou do Antigo Testamento também é uma assumpção comum entre o Judaísmo. Jacob Neusner, no seu livro *A Rabbi Talks With Jesus [Um Rabi Fala com Jesus]*, explica porque é que os Judeus em geral não seguem Jesus e rejeitam qualquer possibilidade de que Ele possa ser o Messias. Ele diz: "Os Judeus crêem no Torá de Moisés, … e essa crença requer ao Judeu fiel discordar dos ensinamentos de Jesus na base deles contradizerem o Torá, em pontos importantes" (1993, pg. XII).

Aqui está um erro sério que quer o Cristianismo quer o Judaísmo cometem sobre os ensinamentos de Jesus. Ambos erradamente sustentam que Jesus se demarca do Antigo Testamento, especialmente no que respeita à lei.

Como veremos, os registos mostram que conquanto Jesus discordasse com os líderes religiosos, Ele não discordava com as Escrituras do Antigo Testamento. Os mesmos registos mostram que o Cristianismo tradicional não segue os ensinamentos de Cristo.

Para conhecermos o verdadeiro Jesus temos de perguntar: O que é que Ele realmente disse? No fundo, o que se diz *sobre* Ele não importa. Nem realmente interessam as interpretações que dão do que Ele disse. O que verdadeiramente importa é *o que Ele na realidade disse* e *se cremos o que Ele disse.*

Depoimento Claro no Sermão da Montanha

O Sermão da Montanha é um bom lugar para começar. Posto que este é o depoimento mais longo registado dos ensinamentos de Jesus Cristo, devemos esperar encontrar nele o Seu parecer para com as leis de Deus

registadas no Antigo Testamento. Com efeito encontramo-lo ali.

Uma das razões para alguns dos depoimentos de Jesus no Sermão da Montanha é que algumas pessoas criam que a Sua intenção era subverter a autoridade da Palavra de Deus e substituí-la pela Sua, porque o Seu ensinamento era muito diferente do dos Fariseus e Saduceus. Mas a sua verdadeira intenção era a de demonstrar que muitas das coisas que os Fariseus e os Saduceus tinham ensinado ao longo dos tempos eram contrárias aos ensinamentos originais do Torá de Moisés, os primeiros cinco livros da Bíblia.

Jesus refutou as ideias erróneas que as pessoas tinham criado em relação a Ele, com três declarações enfáticas sobre a lei. Vejamo-las.

"Eu não vim ab-rogar, mas cumprir"

Jesus explica o Seu ponto de vista da lei imediatamente após proferir as beatitudes: *"Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim ab-rogar, mas cumprir" (Mateus 5:17).*

Por isso, imediatamente vemos que Jesus não tinha intenção alguma de destruir a lei. Ele até nos diz mesmo para *nem pensar* em tal coisa. Longe de ser antagónico às Escrituras do Antigo Testamento, Ele diz que veio *cumprir* "a Lei e os Profetas" e prosseguiu confirmando a autoridade de ambas as coisas. "A Lei e os Profetas" eram uma expressão comunmente usada em referência às Escrituras do Antigo Testamento (ver Mateus 7:12).

"A Lei" referia-se aos cinco primeiros livros da Bíblia, os livros de Moisés, nos quais as leis de Deus foram escritas. "Os Profetas" referia-se não só às escrituras dos profetas bíblicos, como também aos livros históricos do que veio a ser conhecido por Antigo Testamento.

Em capítulos anteriores vimos como Jesus cumpriu "os Profetas." Mas o que quis dizer Jesus quando falou em cumprir a lei?

Lamentavelmente, o significado de "cumprir a lei" tem sido distorcido por muitos que invocam o nome de Jesus, mas que realmente não entendem o que Ele ensinou. Eles dizem que posto que Jesus disse que cumpriria a lei, nós jamais precisamos de a guardar e que ela jamais tem imposição nos seus seguidores.

Um outro ponto de vista sobre "cumprir a Lei" é que Cristo "preencheu por completo" o que *faltava* na lei, isto é, completou-a; cancelando-a em parte e adicionando-lhe parte, formando o que é por vezes referido como "lei de Cristo" ou "ensinamento do Novo Testamento." A implicação deste ponto de vista faz com que o Novo Testamento traga uma mudança nos requisitos para a salvação e de que as leis dadas no Antigo Testamento são obsoletas. Mas, reflectem corretamente, qualquer uma destas opiniões, o que Jesus disse?

Opinião de Jesus sobre o cumprir a lei

A palavra Grega *pleroo,* traduzida por "cumprir" em Mateus 5:17, quer dizer "pôr cheio, encher, completar, … encher por completo" (*Thayer's Greek-English Lexicon of the New Testament [Dicionário Grego-Inglês do Novo Testamento]* edição de 2002, número 4137 de Strong). Ou seja, Jesus disse que veio para completar a lei e fazê-la perfeita. Como? Mostrando a *intenção espiritual e a aplicação* da lei de Deus. Este significado é clarificado, quando estudamos o resto do capítulo, onde Ele mostrou o propósito espiritual de certos mandamentos específicos.

Alguns distorcem o significado de "cumprir" ao dizerem que Jesus "não veio para destruir a lei, mas para a terminar por a ter cumprido." Isto é inconsistente com as Suas próprias palavras. Através do resto do capítulo, Ele mostra que a aplicação espiritual da lei a torna ainda *mais* difícil de se guardar, e não de que a lei fosse anulada ou já não mais necessária.

Jesus, ao explicar, expandir e exemplificar a lei de Deus, cumpriu uma profecia Messiânica que se encontra em Isaías 42:21: "Foi do agrado do SENHOR, por amor da sua própria justiça, engrandecer a lei e fazê-la gloriosa" (ARA). A palavra Hebraica *gadal* traduzida por "engrandecer" literalmente significa "ser ou tornar-se grande" (William Wilson, *Wilson's Old Testament Word Studies [Estudos de Wilson de Palavras do Antigo Testamento]).*

Jesus fez exactamente isso, quando demonstrou a santa intenção espiritual, o propósito e o alcance da lei de Deus. Ele cumpriu os requisitos da lei obedecendo-a perfeitamente em intenção e feito, quer na letra quer no espírito.

Tudo será cumprido

O segundo maior depoimento feito por Jesus, exactamente no mesmo contexto, clarifica ainda mais que Jesus não veio para destruir, anular ou abrogar a lei. "Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei sem que tudo seja cumprido" (Mateus 5:18).

Com estas palavras, Jesus compara a continuação da lei à permanência do céu e da terra. Ele diz que a lei é imutável, inviolável e inalterável e só pode ser cumprida, nunca abrogada.

Devemos reparar que neste versículo é usada uma palavra grega diferente para "cumprido": *ginomai,* significando "vir a ser", "vir a existir" ou "vir a acontecer" (dicionário de *Thayer's,* número 1096 de Strong). Assim, o significado de Mateus 5:18 é: Até quando o plano de Deus de glorificar a humanidade no Seu Reino seja completamente "cumprido"—isto é, enquanto houver seres humanos físicos—é necessária a codificação física da lei de Deus nas escrituras. Jesus explicou que isto é tão certo quanto a existência do universo.

Seus servos têm de cumprir a lei

A terceira declaração importante de Jesus, é que Ele pronúncia que o nosso destino depende na nossa atitude e respeito para com a santa lei

de Deus. “Qualquer, pois, que violar um destes menores mandamentos e assim ensinar aos homens será chamado o menor [*pelos que estão*] no Reino dos céus; aquele, porém, que *os* cumprir e ensinar será chamado grande no Reino dos céus” (Mateus 5:19). “*Pelos que estão*” foi adicionado como esclarecimento pois, tal como explicado em outras passagens, os que persistem em transgredir e em ensinar a transgressão da lei de Deus

Jesus Cumpria a Lei de Outros Modos Importantes

A lei requeria perfeita obediência e pronunciava sentença de morte a quem a quebrasse. Paulo diz-nos que “o salário do pecado é a morte . . .” (Romanos 6:23).

Por um momento, consideremos a penalidade que cada um de nós trouxe sobre si mesmo através do pecado. Não é o purgatório, o inferno ou outro lugar, ou estado de ser ou consciência (peça ou descarregue o nosso livro gratuito *Céu e Inferno: O que Realmente Ensina a Bíblia?*). É a morte, o oblívio eterno, o nada, o completo desaparecimento da existência do qual jamais poderíamos escapar, não fora a promessa de Deus da ressurreição.

Paulo continua em Romanos 6:23 “ . . . mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus, nosso Senhor.” Posto que todos pecamos, a lei só pode exigir de nós a morte. Ela não tem provisão para nos dar vida eterna. Como pode pois alguém ter esperança de vida para além da sepultura?

Jesus também cumpriu a lei no sentido em que satisfez os requisitos da lei pagando a penalidade que cada um de nós incorreu por desobediência, a qual é a morte. Jesus, que nunca pecou, nunca trouxe sobre Si a penalidade da morte que era requerida pela lei. Mas, como Criador da humanidade e perfeito sacrifício pelos nossos pecados, Ele pode satisfazer as condições da lei que requeria a nossa morte. Assim, Ele se “manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo” (Hebreus 9:26). Pelo que “em seu sangue nos lavou dos nossos pecados” (Apocalipse 1:5), tornando possível receber de Deus o dom da vida eterna.

A secção sobre a “Lei”, na Bíblia, os cinco livros de Moisés, contém vários tipos de leis. Para além do que podemos chamar as leis morais que governam o comportamento humano (tal como os Dez Mandamentos), esta secção também *contém várias leis sacrificiais requerendo sacrifícios pelos pecados*, mas nem elas [as leis sacrificiais] nem eles mesmos [os sacrifícios] *jamais removeriam a penalidade da morte por causa do pecado.*

Hebreus 10:1-14 diz-nos que este sistema sacrificial “nunca, pelos mesmos sacrifícios que continuamente se oferecem cada ano, pode aperfeiçoar os que a eles se chegam. Doutra maneira, teriam deixado de se oferecer, porque, purificados uma vez os ministrantes, nunca mais teriam consciência de pecado. Nesses sacrifícios, porém, cada ano, se faz comemoração [recordação (ARA)] dos pecados, porque é impossível que o sangue dos touros e dos bodes tire pecados. Pelo que, entrando no mundo, diz: Sacrifício e oferta não quiseste, Mas corpo me preparaste . . .

“Eis aqui venho, para fazer, ó Deus, a tua vontade. . . . Na qual vontade temos sido santificados pela oblação do corpo de Jesus Cristo, *feita* uma vez. . . . mas este, havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, está assentado para sempre à destra de Deus, . . . Porque, com uma só oblação, aperfeiçoou para sempre os que são santificados.”

O que isto nos diz é que Jesus cumpriu com tudo prescrito nas ofertas por pecado na lei dos sacrifícios. Jesus confirmou integralmente a lei tornando-se o sacrifício pelo pecado.

Se Cristo não se tivesse apresentado como uma oferta pelo pecado, os sacrifícios que prefiguraram o “único sacrifício pelos pecados” teriam sido uma incumprida profecia ou penhora, posto que apontam para Ele.

Jesus disse que não veio para destruir a Lei ou os Profetas, mas para os cumprir. Ele fez isso em diversos e diferentes níveis e modos. Ele mostrou a completa intenção espiritual da lei, vivendo-a na perfeição para exemplo nosso. Os profetas tinham previamente anunciado a Sua pessoa, a Sua missão e muitos detalhes do seu nascimento, vida, morte e ressurreição, os quais Ele realizou. Os sacrifícios da lei prefiguraram a Sua morte sacrificial pelos pecados da humanidade, que só Ele podia cumprir.

O que Jesus estava dizendo é que o Antigo Testamento em todas as suas circunstâncias e elementos, morais e proféticos, se referia a Ele e era cumprido por Ele. Ele cumpriu todos os aspectos que a Lei e os Profetas requeriam, substanciando e executando o que ela exigia e eles anunciaram.

de modo algum serão admitidos no Reino.

Jesus é claríssimo; os que O seguem e aspiram ao Seu Reino têm a obrigação perpétua de obedecer e manter a lei de Deus. Ele diz que não podemos omitir dela nem mesmo um “jota” ou um “til”—o equivalente a cruzar um ‘t’ ou um acento no ‘i’!

O valor que Ele dá aos mandamentos de Deus é inconfundível, bem

como a alta estima para com a lei que Ele requer de todos os que ensinam em Seu nome. A Sua reprovação cai sobre os que desprezam o menor dos mandamentos da lei e a Sua estima será concedida aos que os ensinam e os obedecem.

Posto que Jesus obedeceu os mandamentos de Deus, também pois, os seus servos têm de os cumprir e ensinar aos outros a fazer o mesmo (1 João 2:2-6). É deste modo que os verdadeiros ministros de Cristo são identificados—eles seguem o Seu exemplo pois: "… eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também" (João 13:15).

Tem de exceder os escribas e os Fariseus

Com a declaração seguinte no Sermão da Montanha, Jesus não deixa a menor dúvida no que respeita ao que Ele quiz dizer nas três declarações anteriores. Sem dúvida alguma, Ele dizia aos seus discípulos para guardarem a lei de Deus e requeria que a obedessem sob um padrão para *além* de qualquer outro jamais ouvido. "Porque vos digo que, se a vossa justiça não *exceder* a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus" (Mateus 5:20).

Quem eram os escribas, e os Fariseus? Os escribas eram os mestres de mais nomeada da lei—os intérpretes da lei, os entendidos, os especialistas. Os Fariseus eram um grupo relacionado com os escribas normalmente visto como os modelos mais exemplares do Judaísmo. Formaram uma seita do Judaísmo que estabeleceu um código de normas morais e rituais mais rígidas que as da lei de Moisés, baseando muitas das suas práticas em anos de tradições. Quer os escribas quer os Fariseus eram alta e estritamente respeitados no Judaísmo (Actos 26:5).

Enquanto os escribas eram os peritos, os Fariseus professavam a prática mais pura da justiça. Por isso, quando Jesus disse que a justiça de alguém tinha de ultrapassar a dos escribas e Fariseus, isso foi uma declaração que causou espanto!

Os fariseus eram olhados como alguém que atinge o pináculo da rectidão pessoal, e o povo comum supunha que tal nível de espiritualidade estava para além do seu alcance. Mas Jesus afirmou que a justiça dos escribas e Fariseus *não era suficiente* para lhes dar direito a entrar no Reino de que Ele falava! Que esperança, então, tinham os outros?

Jesus condena a hipocrisia religiosa

O facto é que havia um problema real com a rectidão dos escribas e Fariseus. O âmago da questão era que a justiça deles era defeituosa posto que era *somente uma fachada*. Eles *pareciam* obedecer à lei, para quem os visse, mas, intimamente, onde não podiam ser observados por outros, quebravam a lei de Deus.

Note-se a denúncia destruidora de Jesus da hipocrisia deles em fazerem um espectáculo da religião: "Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que limpais o exterior do copo e do prato, mas o interior está cheio de rapina e de iniquidade . . . por fora realmente parecem formosos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda a imundície. Assim também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas interiormente estais cheios de hipocrisia e de iniquidade" (Mateus 23:25-28).

Estes auto-nomeados mestres religiosos enfatizavam aspectos menores da lei enquanto negligenciavam assuntos de maior importância. "Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que dizimais a hortelã, o endro e o cominho, e desprezais o mais importante da lei, o juízo, a misericórdia e a fé; deveis, porém, fazer estas coisas, e não omitir aquelas" (versículo 23). Jesus preocupava-se com que todas as partes dos correctos requisitos fossem obedecidas e indignava-se de que eles fossem cegos para com as mais importantes—os principais aspectos espirituais—da lei.

Enquanto eram fastidiosos com as suas tradições cerimoniais, ao mesmo tempo davam-se à liberdade de desobedecer os mandamentos directos de Deus. Em certas situações elevavam as suas tradições acima dos claros mandamentos de Deus (Mateus 15:1-9).

Por de trás das suas acções havia o motivo base da elevação e interesse pessoais. Punham-se em público com o que devia ser a mais privada devoção deles para com Deus—oração, jejum e dar esmolas—tudo para poderem ser vistos e tidos por outros como justos (Mateus-6:1-6; 23:5-7).

Os líderes religiosos não guardavam a lei de Deus

Imediatamente depois da Sua afirmação de que não tinha intenção de acabar com a lei de Deus, Jesus prosseguiu dando exemplos de tradições e ensinamentos dos líderes Judeus religiosos que falhavam por completo o ponto ou até contradiziam a intenção espiritual das leis de Deus.

O primeiro exemplo que Ele deu foi o Sexto Mandamento: "Não matarás." Tudo o que os Fariseus entendiam por este mandamento era que o acto de matar era proibido. Todavia Jesus ensinou o que devia ter sido óbvio, que a intenção do Sexto Mandamento não era só proibir o acto literal de matar, mas também toda a má atitude do coração e da mente que *conduz à* morte—incluindo cólera injusta e insolências (Mateus 5:21-26).

De igual modo lidou com a limitada compreensão que tinham do Sétimo Mandamento: "Não cometerás adultério." Os Fariseus de então entendiam por esse pecado o acto físico de relações sexuais com uma mulher fora do casamento. Porém, deveriam ter sabido, como no caso do Sexto Mandamento, que quem deseja sexualmente uma mulher peca porque ao desejar já falta ao mandamento no seu coração.

Isto são exemplos da "justiça dos escribas e Fariseus" que Jesus caracterizou como "o limpar exterior do copo e do prato," enquanto "o interior está cheio de rapina e de iniquidade" (Mateus 23:25).

Jesus instruiu os Seus discípulos que a lei de Deus tem de ser na verdade visivelmente obedecida, mas também tem de ser obedecida *em espírito e na intenção do coração*. Quando Jesus ensinava uma tal obediência às leis

de Deus era fiel ao que o Antigo Testamento ensinou: "porque o SENHOR não vê como vê o homem, pois o homem vê o que está diante dos olhos, porém o SENHOR olha para o coração" (1 Samuel 16:7).

O profeta Jeremias viu um tempo futuro em que Deus estabeleceria um novo acordo no qual Ele prometeu: "Porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração (Jeremias 31:33). A intenção original de Deus para com a Sua lei foi que o povo a observasse com os seus corações (Deuteronômio 5:29). A falha dos seres humanos em obedecer às leis de Deus "no íntimo" (Salmos 51:6) inevitavelmente conduziu à desobediência externa.

Jesus não mudou a lei

Jesus prefaciou o seu contraste—da mesquinha interpretação da lei dos escribas e Fariseus com a verdadeira intenção espiritual da lei—usando as palavras: "ouvistes que foi dito … Eu, porém vos digo . . ." (Mateus 5:21-22, 27-28).

Alguns pensam erradamente que a intenção de Jesus era contrastar o Seu próprio ensinamento com o de Moisés e, por conseguinte, declarar-se a Si próprio como a verdadeira autoridade. Assumem que Jesus ou se estava a opor à lei Mosaica ou modificando-a de algum modo.

Porém é difícil imaginar que Jesus, logo depois de proferir a mais solene e enfática proclamação da permanência da lei e enfatizar o Seu próprio alto respeito por ela, *debilitaria insidiosamente* agora a sua autoridade com *outras* declarações. Jesus não era inconsistente, Ele honrou e sustentou a lei em *todas* as suas afirmações.

Nesta passagem Ele não se está a contrapor à lei Mosaica, nem a reclamar uma espiritualidade superior. O que *estava* a fazer era a *refutar as más interpretações* perpetuadas pelos escribas e pelos Fariseus. É por isso que Ele diz que a justiça de uma pessoa tem de *exceder* a dos escribas e a dos Fariseus. No pensar dos Seus ouvintes, Jesus estava a restaurar ao seu ponto original a pureza e o poder dos preceitos Mosaicos. (Para uma melhor compreensão destas leis peça ou descarregue gratuitamente a publicação *Os Dez Mandamentos*).

Também deveria ser óbvio que, em virtude do Autor do Antigo e do Novo Testamentos ser o mesmo Deus, não pode haver conflito vital entre eles e que as leis fundamentais da moralidade sublinhando ambos têm de estar e estão em completo acordo. Deus diz-nos em Malaquias 3:6 "Eu, o SENHOR, *não mudo* …"

Jesus e o Sábado

Entre os que dizem que seguem Jesus não há mandamento bíblico que levante mais controvérsia que o Quarto Mandamento—a instrução de Deus para nos lembrarmos do Sábado e guarda-lo santo (Êxodo 20:8-11). Aqui, em especial, vemos que a interpretação das pessoas sobre o ensino de Jesus é variadíssima.

Alguns argumentam que Jesus anulou todos os Dez Mandamentos, mas nove foram reinstituídos no Novo Testamento—todos excepto o Sábado [o Quarto Mandamento]. Há quem creia que Jesus substituiu o Sábado

Novo Mandamento de Cristo

Jesus disse: "Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis" (João 13:34). Jesus substituiu as claras definições do Decálogo com um novo princípio religioso de que só o amor pode conduzir as nossas vidas?

Sobrepõe-se este novo mandamento aos Dez Mandamentos e substituiu todas as outras leis bíblicas? Jesus responde claramente a esta questão fundamental, quando diz: *"Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas"* (Mateus 5:17).

Contudo, muitas pessoas que crêem em Cristo como seu Salvador também crêem que este novo mandamento as liberta de qualquer obrigação para com as leis de Deus.

Elas confundem o que Jesus disse e quis dizer. As Sagradas Escrituras, no Antigo e Novo Testamentos, ensinam que nós devemos amar uns aos outros (Levítico 19:18). Jesus não introduziu o amor como um *novo* princípio. Isso *já estava* na Bíblia e era uma parte fundamental da instrução de Deus ao antigo Israel.

Então, o que era novo no "novo mandamento" de Cristo? Repare-se nas suas palavras. Ele disse: "Que vos ameis uns aos outros; *como eu vos amei a vós* …"

O que havia de novo era o Seu próprio exemplo de amor! O mundo inteiro tem um modelo perfeito do amor de Deus, no perfeito exemplo da obediência amorosa de Cristo. Cristo amou-nos tanto que até sacrificou a Sua própria vida por nós. Ele mesmo explicou: "Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos" (João 15:13).

Jesus veio como a luz do mundo para iluminar a aplicação e prática da lei real do amor. Não temos desculpas para dizer que não compreendemos o que fazer ou como fazê-lo. Jesus demonstrou, por completo, o que é obediência carinhosa.

"Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; do mesmo modo que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e permaneço no seu amor" (João 15:10).

Nós cumprimos com o novo mandamento de Jesus quando obedecemos a todos os mandamentos de Deus de uma maneira amorosa genuína e estamos dispostos a dar a nossa própria vida pela de outros.

por Si mesmo e que *Ele* agora é o nosso "repouso." Outros acreditam que agora não há necessidade de Sábado algum, que podemos descansar ou adorar em qualquer dia ou ocasião que escolhamos. Independentemente de qualquer argumento que se use, a maioria esmagadora do Cristianismo tradicional crê que o Domingo, *o primeiro* dia da semana, substituiu o Sábado, o *sétimo* dia da semana.

A Nova Aliança Anula os Mandamentos?

A Bíblia diz-nos que Cristo veio como o Mediador de uma superior aliança (Hebreus 8:6, ARA). A crença popular de que a Nova Aliança anula a lei de Deus reflecte uma má compreensão de ambos as Alianças. Deus diz-nos que alterou a aliança e fez "uma melhor aliança que está confirmada em melhores promessas" (versículo 6, ACF). Mas não foi estabelecida em leis diferentes. *A lei manteve-se a mesma.*

Houve, contudo, um defeito, ou falta, na aliança original. Essa falta estava com *o povo,* não com lei. "Eis que virão dias, diz o Senhor, em que com a casa de Israel e com a casa de Judá estabelecerei uma nova aliança" (versículo 8, ACF). Foi por causa do povo " . . . não foram fiéis à aliança que fiz com eles, e por isso, diz o Senhor, eu os desprezei" (versículo 9, BLH).

Na Antiga Aliança Deus gravou a lei *em pedra*. Era exterior, não era parte do pensamento e dos motivos do povo. Estava na sua literatura, mas não nos seus corações. Na Nova Aliança, Deus escreve a lei *no entendimento, e no coração do Seu povo* (Hebreus 8:10; Jeremias 31:33-34).

Para possibilitar ao povo incorporar a Sua lei—amá-la e obedecê-la fervorosa e desejadamente—Deus faz esta promessa: "e vos darei *um coração novo* e porei dentro de vós *um espírito novo*; tirarei o coração de pedra da vossa carne e vos darei um coração de carne. *Porei dentro de vós o meu Espírito,* e *farei que andeis nos meus estatutos,* e *guardeis os meus juízos, e os observeis"* (Ezequiel 36:26-27). O Espírito de Deus possibilita ao Seu povo *obedecer* às suas leis!

As pessoas que não têm o Espírito Santo são incapazes de obedecerem devotadamente. Porquê? "Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser. Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus" (Romanos 8:7-8).

É nisto que a Antiga e a Nova Aliança diferem. Paulo explica: "Porquanto o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do

Podemos encontrar apoio para estes pontos de vista na prática ou ensino de Cristo? À luz do claro ensino de Jesus sobre a permanência das leis de Deus o que é que encontramos no que se relaciona à Sua atitude para com o dia de Sábado?

Estudando os Evangelhos, uma das primeiras coisas que devemos observar é que o costume de Jesus era o de ir à sinagoga, ao Sábado,

pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne, para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito" (Romanos 8:3-4; ver também 1 João 3:4).

O *International Critical Commentary [Comentário Crítico Internacional]*, referindo-se a Romanos 8:4 diz: "o propósito de Deus em 'condenar' o pecado era de que a condição da Sua lei fosse cumprida em nós, isto é, de que a Sua lei possa ser estabelecida no sentido de por fim ser verdadeira e sinceramente obedecida—o cumprimento das promessas de Jeremias 31:33 e Ezequiel 36:26"

Numa nota de rodapé referente a Jeremias 31:33-34 o *Comentário* diz que esta passagem "é muitas vezes confundida como uma promessa de uma nova lei para tomar o lugar da velha ou então como uma promessa de uma religião sem lei alguma. Mas a coisa nova prometida no versículo 33 é, de facto, não uma nova lei nem libertação da lei, mas um desejo intimamente sincero e determinação da parte do povo de Deus em obedecer à lei já a ele dada …" As passagens do Novo Testamento que se seguem, confirmam quer explicitamente quer por exemplo, que Jesus e os apóstolos viam os Dez Mandamentos como necessários para uma vida verdadeiramente Cristã.

- *Primeiro Mandamento:* Mateus 4:10; 22:37-38.
- *Segundo Mandamento:* 1 João 5:21; 1 Coríntios 6:9; 10:7, 14; Efésios 5:5.
- *Terceiro Mandamento:* Mateus 5:33-34; 7:21-23; Lucas 11:2; 1 Timóteo 6:1.
- *Quarto Mandamento:* Lucas 4:16; Actos 13:14, 42, 44; 16:13; 17:2; 18:4; Hebreus 4:4, 9.
- *Quinto Mandamento:* Mateus 15:3-6; 19:17-19; Efésios 6:2-3.
- *Sexto Mandamento:* Mateus 5:21-22; 19:17-18; Romanos 13:9; Gálatas 5:19-21; Tiago 2:10-12.
- *Sétimo Mandamento:* Mateus 5:27-28; 19:17-18; Romanos 13:9; 1 Coríntios 6:9; 10:8; Efésios 5:5; Gálatas 5:19-21; Tiago 2:10-12.
- *Oitavo Mandamento:* Mateus 19:17-18; Romanos 13:9; Efésios 4:28.
- *Nono Mandamento:* Mateus 19:17-18; Romanos 13:9; Colossenses 3:9; Efésios 4:25.
- *Décimo Mandamento:* Lucas 12:15; Romanos 7:7; 13:9; Efésios 5:3, 5.

para adorar (Lucas 4:16). Isto era *a Sua prática regular*. Nesta ocasião particular ele até anunciou a Sua missão como Messias aos que estavam na sinagoga nesse dia.

É interessante tomar nota que, mais tarde vemos que o costume de Paulo era também o de adorar e ensinar na sinagoga no Sábado (Actos 17:2-3). Nem ele nem Jesus jamais alguma vez deram a entender que não necessitavam de lá estar ou que deveriam adorar num dia diferente!

Confrontos sobre como guardar o Sábado (e não, sobre se deviam guardar o Sábado ou não)

Onde muitas pessoas tiram conclusões erradas acerca de Jesus e do Sábado é nos Seus confrontos com os escribas e os Fariseus. Contudo, esses confrontos nunca foram sobre *se deviam guardar* o Sábado—mas aliás *como guardar* o Sábado. Há uma diferença crucial entre as duas coisas!

Por exemplo, Jesus desafiou os Judeus corajosamente, no respeitante à interpretação deles referente à observância do Sábado, quando fez curas milagrosas no Sábado (Marcos 3:1-6; Lucas 13:10-17; 14:1-6).

De acordo com os Fariseus, praticar assistência médica a alguém, salvo em caso de vida ou morte, era proibido aos Sábados. Posto que nenhuma das curas envolveu situação de vida ou morte, eles pensaram que Jesus estava desobedecendo o Sábado. Mas Jesus, como Salvador, entendeu que o propósito do sábado era uma ocasião perfeitamente apropriada para trazer a Sua mensagem de cura, esperança e redenção à humanidade e de viver essa mensagem através das Suas acções.

Para demonstrar o Seu ponto de vista, Jesus retorquindo perguntou aos Fariseus: "É lícito no sábado fazer bem, ou fazer mal? salvar a vida, ou matar?" (Marcos 3:4). Ele expôs a hipocrisia deles no que eles não viam nada de mal em libertarem um animal que caísse num poço num dia de Sábado, ou em dar de beber a um animal nesse dia, contudo O condenavam por Ele ajudar num Sábado a um ser humano—cujo valor era muito maior que o de um qualquer animal (Lucas 13:15-17; Mateus 12:10-14).

Ele estava correctamente indignado pela inabilidade deles em não verem que punham as suas próprias tradições e interpretações acima do verdadeiro propósito da observância do Sábado (Marcos 3:5). Eles eram mesmo tão espiritualmente cegos que O odiavam por Ele lhes expor as suas distorções dos mandamentos de Deus (versículo 6).

Numa certa ocasião discípulos de Jesus, caminhando num campo no Sábado, colheram manadas de espigas para comer. Eles não estavam a ceifar a colheita, estavam meramente a pegar alguma coisa para matar a fome. Mas os Fariseus insistiam que isso não era legal. Jesus usou um exemplo das Escrituras para mostrar que o espírito e a intenção da lei não foram quebrados e que a lei de Deus permite misericórdia (Marcos 2:23-26).

Foi neste contexto que Jesus mostrou o verdadeiro propósito do Sábado. Ele disse: "O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado" (versículo 27). Os Fariseus tinham mudado as prioridades da lei de Deus. Eles tinham acrescentado tantos e tão meticulosos regulamentos e tradições ao mandamento do Sábado que tentar guardá-lo, como eles impunham, tornara-se num enorme fardo para o povo em vez da bênção que Deus tinha intenção que fosse (Isaías 58:13-14).

Jesus Cristo e os Festivais da Bíblia

Para além do dia de Sábado bíblico, Jesus observou os festivais bíblicos registados no Antigo Testamento. Os Evangelhos jamais O mostram violando a observância dos Dias Santos. João 7 regista-O ensinando no templo durante a Festa dos Tabernáculos. Todos os Evangelhos registam as Suas acções até e durante a Sua última Páscoa com os Seus discípulos, na noite antes de ser crucificado.

A Igreja que Ele fundou começou no dia de Festa de Pentecostes (Actos 2:1-4). Depois da Sua morte e da Sua ressurreição, os apóstolos continuaram a guardar estas festas bíblicas (Actos 18:21; 20:6; 1 Coríntios 5:6-8; 16:8).

Uma vez que Jesus, os apóstolos e a Igreja primitiva observaram estes festivais bíblicos, porque é que as igrejas de hoje não os guardam nem ensinam acerca deles? Pelo contrário, substituíram os Dias Santos da Bíblia por outros dias feriados.

Se Jesus tivesse desejado que a Sua Igreja observasse festivais diferentes dos que Ele observou, não deveria Ele ter deixado instruções para isso? Para com os seus discípulos Ele foi claro e enfático nas Suas instruções. É difícil imaginar que Jesus tenha dado o exemplo da observância do Sábado bíblico e dos festivais, mas mais tarde inspirasse a Sua Igreja a desfazer-se deles e substituí-los por outras observâncias originadas no paganismo.

O Natal e o Domingo de Páscoa em nenhum lado são ensinados na Bíblia, contudo tornaram-se os mais festivos dias santos do Cristianismo popular. De igual modo o Domingo tornou-se o maior dia de adoração em vez do Sábado, o sétimo dia da semana. Mas porquê e como? Se desejar saber mais acerca dos verdadeiros festivais bíblicos e como eles foram substituídos por outros que nada têm a ver com o Cristianismo ou a Bíblia, peça ou "descarregue" os nossos livros gratuitos *"Feriados e Dias Santos: Importa que dias observamos?"* e *"O Plano dos Dias Santos de Deus: A Promessa de Esperança para toda a Humanidade"*.

Então, Jesus reclamou a autoridade para dizer como o Sábado deve ser observado: "Assim o Filho do homem até do sábado é Senhor" (versículo 28). Aí Ele toma o Seu justo lugar como Aquele que *deu* esta lei do Sábado em primeiro lugar. Porque, sendo Ele o próprio Criador, como previamente vimos em Colossenses 1:16 e João 1:3, *Ele é Quem criou o Sábado ao descansar nele* (Génesis 2:2-3). Por isso é ridículo argumentar que Jesus aboliria ou anularia alguma coisa que Ele tinha pessoalmente criado para benefício de todo o ser humano!

Essencialmente o que Jesus está dizendo aqui aos Fariseus é: *Vós não tendes o direito de dizer ao povo como guardar as leis de Deus. Eu sou quem as deu ao homem em primeiro lugar, por conseguinte sei porque elas foram dadas e como se intencionava que fossem observadas.*

Quando Jesus falou fê-lo com a autoridade que inerentemente possui como o grande Legislador. Ele nunca abrogou a Sua própria lei! Mas sem dúvida corrigiu, sem hesitar, as perversões da lei destes líderes religiosos. (Se quiser saber mais acerca do Sábado bíblico, peça ou descarregue uma cópia gratuita da nossa publicação *De Pôr do Sol a Pôr do Sol: O Sábado de Repouso de Deus*).

O Judaísmo abandonou Moisés, o Cristianismo abandonou Cristo

Quando nos referimos a Jesus e à lei, temos de concluir que a religião "Cristã" nos dececionou por não conservar os ensinamentos originais de Cristo, visto que Ele reteve os ensinamentos originais das Escrituras do Antigo Testamento. Assim, tal como os líderes religiosos Judeus corromperam os ensinamentos de Moisés, do mesmo modo, os mestres que ensinam acerca de Cristo—isto é, os *falsos* mestres—corromperam os ensinamentos de Jesus. Porque na realidade, Jesus e Moisés concordam.

Deixem-nos fazer uma pergunta agora. Se Jesus estivesse aqui hoje, que dia de semana guardaria Ele como o Sábado de descanso? Ele guardaria o dia que Ele ordenou nos Dez Mandamentos, o sétimo dia!

O verdadeiro Jesus guardou a lei e esperava que os seus discípulos fizessem o mesmo. Ele foi bem claro na Sua atitude acerca de alguém que tirasse um jota ou um til da lei. Qualquer pessoa que não a guarde, só usa o bom nome de Cristo sem fazer o que Ele disse.

Ele avisa-nos: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? E em teu nome não expulsamos demónios? E em teu nome não fizemos muitas maravilhas? E então lhes direi abertamente: *Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade"* (Mateus 7:21-23).

Temos de perguntar: As igrejas que dizem representar a Cristo, representam-No tal com Ele é?

Jesus assinalou muitas vezes que o seu ensinamento era baseado nas Escrituras do Antigo Testamento. Quando desafiado com respeito ao que ensinava Ele respondia: "Não tendes lido …?" antes de apresentar, a quem O desafiava, as Escrituras que apoiavam o que Ele tinha dito (Mateus 12:3, 5; 19:4; 22:31).

Os que dizem que Jesus se afastou do Antigo Testamento estão simplesmente errados. Neste capítulo demonstrámos que, quer muitos Judeus, quer a maior parte da Cristandade, estão incorrectos na avaliação que fazem dos ensinamentos de Jesus, pois Ele ensinou fielmente a palavra escrita do Antigo Testamento.

Vimos que Jesus foi de facto *Deus* no Antigo Testamento. Deus não muda a Sua maneira de ser. Ele é eterno. Não inspiraria muita fé saber que Ele requereu uma coisa no Antigo Testamento, mas, então, mudou o Seu pensar e surgiu com um conjunto de requisitos completamente diferente no Novo. Jesus Cristo é invariável, e "é o mesmo, ontem, e hoje, e eternamente" (Hebreus 13:8).

Quem Matou Jesus?

"Porém ele estava sofrendo por causa dos nossos pecados, estava sendo castigado por causa das nossas maldades. Nós somos curados pelo castigo que ele sofreu, somos sarados pelos ferimentos que ele recebeu. Todos nós éramos como ovelhas que se haviam perdido; cada um de nós seguia o seu próprio caminho. Mas o Deus Eterno castigou o seu servo; fez com que ele sofresse o castigo que nós merecíamos" (Isaías 53:5-6 BLH).

A morte de Jesus é a mais notável da história. O assassinato sancionado pelo estado, passado quase há 2.000 anos, ainda hoje é notícia. Nenhum outro crime contra inocente permaneceu tão espalhado na consciência da humanidade por tanto tempo. Este vive como história contada vez após vez.

A injustiça da prisão, julgamento e morte de Jesus é profunda na medida em que jamais alguma pessoa fora tão inocente, tão impecável, tão imaculada, tão imerecida de tal punição. Pedro testifica dizendo: ". . . não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano" (1 Pedro 2:22). Foi o homem mais virtuoso que jamais viveu.

Jesus desafiou os seus inimigos: "Qual de vocês pode provar que eu tenho algum pecado?" (João 8:46 BLH). O centurião, o oficial a cargo da Sua execução, estava convencido que tinha executado um homem justo (Lucas 23:47). Um dos malfeitores que foram crucificados com Ele

entendeu que Jesus não tinha feito nada de mal e não merecia morrer (Lucas 23:41).

Pilatos, o governador que emitiu a ordem final para se proceder com a execução, disse duas vezes aos Judeus que não encontrava falta em Jesus (João 18:38; 19:4). Contudo a acção foi levada a cabo, com todo o seu horror e intensidade, não poupando este Homem inocente.

Ele nada fez que merecesse a horrenda morte a Ele imposta, porque Ele era: "santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores" (Hebreus 7:26). Na verdade, como o centurião reconheceu, Ele era o Filho de Deus (Marcos 15:39). Esta não foi a injustiça do século, ou do milénio, mas *a injustiça da história da humanidade.*

Justificação do genocídio

A história do assassinato de Jesus é por si própria bastante dramática. Mas os esforços para considerar alguém responsável pela Sua morte, têm conduzido pessoas a actos horríveis de depravação espiritual. O povo Judaico tem carregado a maior parte da culpa. A implicação judaica na morte de Cristo tem resultado, através dos séculos, numa perseguição ímpia do povo Judeu. "Assassinos de Cristo!" foi o epíteto a eles atirado, e para muitos judeus foram as últimas palavras que ouviram antes de serem brutalmente assassinados.

Há pouco mais de sessenta anos, durante a Segunda Grande Guerra, os Nazis citaram isto para justificarem o genocídio de 6 milhões de Judeus. Sem terem qualquer respeito aos ensinamentos de Cristo, Hitler e os seus seguidores declararam que a raça Judaica era individualmente e colectivamente responsável pela morte do Filho de Deus. Esta doutrina venenosa fez uma lavagem ao cérebro dos seguidores do Führer levando-os a crer que os Judeus deviam ser exterminados por terem morto o Salvador da humanidade.



A crença venenosa de que os Judeus foram os únicos responsáveis pela morte do Filho de Deus tem conduzido a horrível perseguição e brutalidade, incluindo o assassinato de 6 milhões de Judeus na II Guerra Mundial.

A ideia de que o povo judaico é únicamente e totalmente responsável pela morte de Cristo não é suportada pela Bíblia. Mas, tristemente, este conceito não originou com os Nazis. A tendência predominante do Cristianismo tradicional, Católico e Protestante, tem tomado esta mesma posição ao longo de 2.000 anos—muitas vezes acompanhada de brutalidade mortífera.

O plano para matar Jesus

Culpar outros pode ser, e muitas vezes é, nada mais que uma tentativa para a absolvição da própria culpa. A questão que de há muito se devia ter posto—e ainda hoje se deve pôr—é: quem causou realmente a morte de Jesus Cristo?

Jesus criou muitos inimigos. Ele modificou a situação existente do poderoso, dos bem-posicionados de então. Muitos tinham razões para O verem eliminado. Não foi o povo comum que desejou a morte de Jesus, mas os líderes civis, sumo-sacerdotes, escribas e Fariseus, foram vez após vez, identificados como estando determinados a matar Jesus.



Jesus orou em agonia, entre as oliveiras de Getsêmani, nas encostas baixas do Monte das Oliveiras, sabendo do terrível sofrimento e morte que Ele dentro em breve teria de suportar em nosso nome.

Mas os instigadores principais foram capazes de manipular o público para convencer Pilatos a declarar e levar a cabo a sentença de morte (Marcos 15:11).

Aqueles a quem Jesus falou, entre os quais ensinou e praticou milagres, desiludiram-se e pediram mesmo a Sua morte—os mesmos que dias antes O aclamaram nas ruas de Jerusalém como o Messias profetizado, o Filho de David (Mateus 21:9).

Os Romanos também foram culpados na morte deste Homem inocente. Pilatos sentenciou-O sabendo que Ele era inocente das acusações trazidas contra Ele. Os Romanos levaram a cabo a sentença em moldes tipicamente romanos—espancamento brutal, flagelação e crucifixão. Foi um soldado Romano que pregou os cravos nos Seus pulsos e nos Seus pés. Foi uma lança romana que perfurou o Seu flanco.

Quem tem a culpa?

Semanas mais tarde, Pedro foi pronto a dizer quem fora implicado na morte de Jesus: " . . . verdadeiramente contra o teu santo Filho Jesus, que tu ungiste, se ajuntaram, não só *Herodes, mas Pôncio Pilatos*, com *os gentios* e *os povos de Israel*" (Actos 4:27). Não parece que muitas pessoas fossem excluídas.

É fácil atribuir a culpa da morte de Jesus a um pequeno grupo de pessoas—os hipócritas religiosos e os chefes civis que pretendiam conservar as suas posições parecem ser os mais implicados. Também parece ser fácil atribuir a culpa desta morte a uma raça inteira de povo. Também é verdade que podemos implicar o estado Romano. Mas não é assim tão simples.

Pode-se dizer, com segurança, que se Jesus tivesse vindo para *qualquer* sociedade e cultura e lhe expusesse os seus defeitos e hipocrisias Ele não teria sido aceito por ela. Se Jesus tivesse exposto qualquer sociedade, que fosse igualmente distante dos seus ideais, ela tê-Lo-ia morto também.

Esta é a horrível verdade que todos nós queremos evitar. O que os primeiros discípulos de Jesus nos dizem é que *ninguém é inocente deste crime. Todos* fomos cúmplices na morte de Cristo. Paulo estava convencido da sua culpa pessoal: "Esta é uma palavra fiel, e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal" (1 Timóteo 1:15).

Um mundo ignorante e inconsciente

Paulo, ex-Fariseu, diz de si mesmo: ". . . dantes fui blasfemo, e perseguidor, e injurioso; mas alcancei misericórdia, porque o fiz ignorantemente, na incredulidade" (1 Timóteo 1:13). Esse é o problema. Eramos ignorantes de tudo isto. Paulo diz-nos que: "Cristo, estando nós ainda fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios" (Romanos 5:6). O mundo não sabe mesmo o que está fazendo!



Jesus enfrentou voluntariamente sofrimento e morte agonizante em nosso nome, mas isso foi necessário por causa dos nossos pecados.

Mas Deus sabe e um dia todos nós também saberemos. Era Seu propósito desde o princípio. Jesus veio ao mundo sabendo que iria ser morto (João 12:27). Jesus inspirou os profetas do Antigo Testamento não só a profetizar a Sua morte como também a descrevê-la detalhadamente. O sistema sacrificial dado a Israel prefigurou o sacrifício perfeito que estava para vir.

Em diversas ocasiões Jesus profetizou a Sua morte aos seus discípulos, mas a maior parte das vezes eles recusaram aceitar o que Ele dizia. Era-lhes mais confortável crer que Ele estabeleceria o Seu Reino nessa altura, e assim todas as preocupações deles acabariam.

Paulo fala da ". . . sabedoria de Deus, oculta em mistério, a qual Deus ordenou antes dos séculos para nossa glória; a qual nenhum dos príncipes deste mundo conheceu; porque, se a conhecessem, nunca crucificariam ao Senhor da glória" (1 Coríntios 2:7-8).

Em Actos 3:17 Pedro diz: "irmãos, eu sei que o fizestes por ignorância, como também os vossos príncipes." Depois segue com o versículo 18: "Mas Deus assim cumpriu o que já dantes pela boca de todos os seus profetas havia anunciado: que o Cristo havia de padecer."

Não se mantenha na ignorância

Porém, Deus não deseja que permaneçamos na ignorância. O crime foi de tal forma impensável e sem paralelo, que a história continua a repetir-se e não nos podemos ver livres disso.

Sim, os líderes Judeus iniciaram a sua execução, e os Romanos levaram--na a cabo. Mas, porque todos nós pecámos, Ele morreu por cada um de nós. Não há nada de complicado acerca disso. É o que Ele quer que nós vejamos. Se nós não tivéssemos pecado, se *eu* não tivesse pecado, Ele não teria de ter morrido. Se não fôssemos tão insensíveis o seu sofrimento e morte não teriam de ter sido tão horrendos. Nenhum de nós está inocente deste crime. É isto o que Pedro, Paulo e João nos procuram dizer.

Lemos descrições da inveja e ódio para com Cristo e silenciosamente podemos dizer para nós mesmos: "*Eu* não teria feito isso se *eu* estivesse lá". Enganamo-nos em duas questões.

Há realmente diferença do modo como expressamos ciúme, inveja, avareza, cólera e ódio para com outros e o que aquelas pessoas fizeram com Jesus? O Próprio Jesus explica: "Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizeste . . ." (Mateus 25:40-45).

Pecado é pecado; não está em questão quem é a vítima. Se Ele não tivesse tomado o nosso lugar na morte, essa seria a penalidade com que nos defrontaríamos. Por isso, por que tentar culpar outrém da morte de Cristo, quando todos nós tomámos parte nela?

Segundo, faríamos realmente melhor se lá tivéssemos estado?

Judas, Seu ardente discípulo no princípio, traiu-O por uma soma de dinheiro. Pedro, o Seu mais franco defensor, até negou conhecer Jesus, mesmo quando Jesus estava a ser julgado. Todos os outros discípulos, os quais expressaram a sua lealdade até à morte (Mateus 26:35), desapareceram na noite, depois dEle ser preso.

Ninguém cuidou em defender Jesus no Seu julgamento. Ninguém O apoiou; ninguém ficou do Seu lado. Pilatos sabia que Ele era inocente, mas para manter favores aos olhos de outros—a um custo tão alto e devastador—ele anuiu condenar um Homem inocente a uma morte abominável. Os chefes religiosos da época simplesmente não consentiam que alguém lhes complicasse a vida. Por fim, o povo tornou-se parte da multidão.

A vontade de Deus e a nossa culpa

Façamos novamente a pergunta: Quem matou Cristo? *Todos nós somos culpados, por causa dos nossos pecados.* Contudo, numa última análise, não somos totalmente responsáveis pela morte de Jesus, porque a nossa redenção do pecado e da sua penalidade através do sofrimento da morte de Cristo foi de acordo com a vontade de Deus Pai e do Próprio Cristo.

Devemos ter presente que Deus "*deu* o seu Filho unigénito" (João 3:16). "Todavia, *ao SENHOR agradou* o moê-lo, fazendo-*o* enfermar; quando a sua alma se puser por expiação do pecado" (Isaías 53:10). Jesus disse: "*Dou a minha vida...* Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou . . . Esse mandamento recebi de meu Pai" (João 10:17-18). Isto quer dizer que nimguém poderia ter causado a morte de Jesus Cristo por si próprio—sem o Seu consentimento e do Seu Pai; e Eles coordinaram todos os acontecimentos necessários para o Seu sacrifício expiatório. Na verdade, este foi o plano de Deus desde o princípio.

Está claro, este fato não nos desculpa da nossa responsibilidade na morte de Cristo. O assassínio de Cristo foi um pecado, embora tenha sido predestinado. E, novamente, foram os pecados de todos nós que fizeram necesssário o sacrifício de Cristo.

É desejo de Deus que nós estejamos atormentados pela culpa da morte de Cristo? Inicialmente nós devemo-nos sentir culpados do que temos feito, de tal modo que nos dê motivação de nos aproximarmos de Deus e implorarmos perdão, assim como ajuda para nos mudarmos. Mas depois o nosso objectivo precisa de ser um de gratidão pela grande misericórdia de Deus. Através do mesmo plano que necessitou a morte de Jesus, nós somos perdoados e libertados da culpa da nossa participação na Sua morte quando nos arrependemos. Por isso, todos nós precisamos, então, de nos arrependermos e de aceitarmos o perdão de Deus através de Cristo.

Jesus Cristo a Sabedoria de Deus

" . . . Falamos a sabedoria de Deus, oculta em mistério, a qual Deus ordenou antes dos séculos para nossa glória" (1 Coríntios 2:7).

Vimos os factos, agora precisamos de compreender as implicações por detrás deles. Precisamos de compreender a importância da crucifixão de Cristo.

Se Jesus é exactamente quem Ele disse que era, então tudo o que Ele disse é verdade. Todo o nosso futuro depende de acreditarmos nisso. E se vamos acreditar o que Ele ensinou; se vamos obedecer e seguir os Seus passos em tudo, dependerá de se estamos convictos deste facto.

A história verdadeira da vida, morte, ressurreição e futuro regresso de Jesus é demasiado importante para a descartarmos.

Com certeza, ela assim foi planeada para que *prestássemos atenção!* Foi planeada para ter impacto em cada um de nós, não importa quanto tempo após o acontecimento.

Aqui, enfrentamos um assunto que deve afectar-nos a todos ao nível mais profundo. Na história de Jesus Cristo temos algo nunca ouvido na história do homem e da religião: *O próprio Deus Criador vem à terra como um ser humano.* Ele abandona os privilégios e poder que tinha na Sua auto-existência anterior, põe a Sua vida e Sua futura inteira existência nas mãos do Pai, nasce numa família numa nação ocupada para viver uma vida que revela Deus totalmente, e depois morre por nós.

Jesus, a revelação de Deus

Jesus disse: "Todas as coisas me foram entregues por meu Pai, e ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar" (Mateus 11:27). Jesus invoca ser o *único Revelador de Deus*. Ele declarou: "Quem me vê a mim vê o Pai" (João 14:9). Paulo diz que Jesus "é imagem do Deus invisível . . ." (Colossenses 1:15).

Hebreus 1:1-3 diz que "Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho, . . . o qual sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa . . ." (Hebreus 1:1-3).

Isto diz-nos que, há muito tempo, Deus revelou-nos a sua vontade através de homens dos quais Ele se serviu para falarem por Ele, mas agora revela-se Ele mesmo e a Sua vontade através de Jesus que Ele enviou do Seu próprio trono no céu.

Jesus disse: ". . . tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho feito conhecer" (João 15:15). Mas Ele não só *falou* a vontade de Deus, Ele veio à terra e *viveu-a* sob as circunstâncias mais duras, como testemunho para toda a humanidade.

A glória de Deus, a verdade de Deus e Deus Próprio foram revelados a todos os seres humanos na pessoa de Jesus Cristo. Porque, como Jesus disse: *"Quem me vê a mim vê o Pai . . ."* (João 14:9).

Jesus representou o Pai perfeitamente. Quando vemos Jesus, vemos reflectido nEle o amor de Deus Pai e o Seu perfeito e justo carácter. Através do ministério de Cristo durante a sua vida física, o completo e eterno amor de Deus foi manisfestado excelentemente a toda a humanidade.

A revelação de Deus contra outras religiões

Ravi Zacharias, no seu livro *Jesus Among Other Gods [Jesus Entre Outros Deuses]*, dá uma nova visão às diferenças entre Jesus e os fundadores de outras religiões do mundo: "No centro de todas as maiores religiões existe um representante principal. Conforme o esclarecimento é estudado, uma coisa muito significante emerge. Surge uma bifurcação, ou uma distinção entre a pessoa e a doutrina—Maomé para o Corão;

Buda para o seu Nobre Caminho; Krishna para o seu filosofar e Zoroastro para as suas éticas. "O que quer que tiremos das suas afirmações, uma realidade é inescapável. Eles são educadores que apontam para as suas doutrinas ou mostram algum caminho particular. Em todos estes aparece uma instrução, uma forma de viver . . . É Zoroastro quem tu *ouves*. Não é Buda que te livra; são as suas Nobres Verdades que te instruem. Não é Maomé que te transforma; é a beleza do Corão que te atrai.

"Em contraste, Cristo não só ensinou ou expôs a Sua mensagem. *Ele era idêntico à Sua mensagem* . . . Ele não só proclamou a verdade. Ele disse, '*Eu sou* a verdade.' Ele não só mostrou um caminho. Ele disse, '*Eu sou* o caminho.' Ele não só apresentava novas perspectivas. Ele disse, '*Eu sou* a porta,' '*Eu sou* o Bom Pastor,' '*Eu sou* a ressurreição e a vida,' '*Eu sou* O QUE SOU'" (2000, pg. 89).

A Rotura do Véu do Templo

Mateus regista diversos acontecimentos que se deram à morte de Cristo. Um que inicialmente parece insignificante, mas que foi um símbolo de maior importância, encontra-se em Mateus 27:50-51: "Jesus, clamando outra vez com grande voz, entregou o espírito. E eis que o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo …".

Que significou isto? Este acontecimento foi tão importante que três dos evangelistas o mencionaram!

O templo era dividido em duas áreas, uma câmara exterior chamada o Santo Lugar na qual servia um número de sacerdotes, e uma câmara interior chamada o Lugar Santíssimo, ou Santo dos Santos. Esta câmara interior *representava a presença de Deus*. Era tão sagrada que só o sumo-sacerdote nela podia entrar e só um dia no ano para fazer expiação por si e pelo povo.

Esta câmara sagrada, o Santo dos Santos, era separada do resto do templo por uma cortina belamente bordada. De acordo com descrições Judaicas do templo, esta cortina era realmente enorme—media cerca de 9 metros de largura e 18 de altura e 76 milímetros de espessura. O seu rasgo em duas partes, de cima a baixo, no momento da morte de Jesus, foi um acontecimento chocante e desconcertante! Como podia Deus permitir que tal coisa acontecesse no seu templo?

Contudo Deus não estava só por de trás disto, Ele rasgou o véu deliberadamente para provar o Seu ponto de vista—que os pecados da humanidade, que nos tinham separado d'Ele (Isaías 59:2), podiam ser agora perdoados através do sangue derramado de Jesus Cristo.

Comparando o que o sumo-sacerdote previamente podia fazer uma só vez no ano ao transpor o véu para oferecer expiação dos pecados, Hebreus 10:19-22 explica que agora, o novo Sumo-Sacerdote, Jesus Cristo, pelo Seu próprio sacrifício substituiu, para sempre, este ritual e dá à humanidade acesso directo a Deus:



À morte de Cristo, o pesado véu que separava o Santo dos Santos do resto do templo rasgou-se de cima a baixo, significando que a humanidade agora tem acesso directo a Deus Pai através do sacrifício de Cristo.

"Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no Santuário, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou ['abriu,' BLH], pelo véu, isto é, pela sua carne, e tendo um grande sacerdote sobre a casa de Deus, cheguemo-nos com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé; tendo o coração purificado da má consciência e o corpo lavado com água limpa."

A lição para nós é que, segundo sincero arrependimento, podemos achegarmos-nos "com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno" (Hebreus 4:16). Devido ao sacrifício de Cristo gozamos de acesso directo ao trono do nosso misericordioso e amado Criador. (Para aprender mais, veja "Vivo Novamente, Hoje e para Sempre," começando na página 106.)

Jesus não ofereceu pão para alimentar a alma, Ele disse Eu *sou* o Pão. Jesus não foi simplesmente um mestre de ética superior, Ele *era o Caminho*. Jesus não só prometeu vida eterna, Ele disse, "*Eu sou a ressurreição e a vida*" (João 11:25).

O que se torna claro é que *só Jesus é o verdadeiro Revelador do verdadeiro Deus*. As pessoas não puderam escapar ao que viram. Deus revelou-se de tal modo que não nos deixa possibilidade de dizermos que não percebemos. Temos de enfrentar isto directamente—que Jesus foi quem disse que era e que foi enviado aqui pelo Seu Pai.

Não existe tal coisa como "*muitos caminhos vão dar a Deus.*" Jesus declarou: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; *ninguém vem ao Pai, senão por mim"* (João 14:6). É por isso que Pedro podia proclamar corajosamente: "e em nenhum outro há salvação, porque também debaixo

do céu *nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos*” (Actos 4:12).

O propósito de Deus desde o princípio

O plano de Deus para “trazer muitos filhos à glória” (Hebreus 2:10) inclui a reconciliação da humanidade com Ele através de Jesus Cristo (2 Coríntios 5:18-19). Por que é que precisamos desta reconciliação? Isaías

59:1-2 diz-nos: “Eis que a mão do Senhor não está encolhida, para que não possa salvar; nem agravado o seu ouvido, para não poder ouvir. Mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que não vos ouça.”

Os nossos pecados separaram-nos de Deus. Paulo fala de nós como inimigos em necessidade de reconciliação com Ele—uma reconciliação que vem através do sacrifício de Jesus Cristo: “Sendo inimigos, fomos

Vivo Novamente, Hoje e para Sempre

Num acto de sacrifício supremo, Jesus de Nazaré deu a Sua vida pela humanidade. Não obstante a sepultura não poderia retê-Lo; Ele foi ressuscitado à vida eterna. Como é Ele hoje?

O apóstolo João recebeu uma visão do Jesus Cristo ressuscitado e glorioso em Apocalipse 1:12-18: “E virei-me para ver quem falava comigo. E, virando-me, vi sete castiçais de ouro; E no meio dos sete castiçais, *um* semelhante ao Filho do Homem, vestido até aos pés de uma roupa comprida e cingido pelo peito com um cinto de ouro.

“*E a sua cabeça e cabelos eram brancos como lã branca*, como a neve, e os *olhos como chama de fogo*; E os seus pés, semelhantes a latão reluzente, como se tivesse sido refinados numa fornalha; e *a sua voz como a voz de muitas águas*. E ele tinha na sua destra sete estrelas; e da sua boca saía uma aguda espada de dois fios; e *o seu rosto era como o sol, quando na sua força resplandece.*

“E eu, quando o vi, caí a seus pés como morto; e ele pôs sobre mim a sua destra, dizendo-me: Não temas; Eu sou o Primeiro e o Último e o que vive; fui morto, mas eis aqui *estou vivo para todo o sempre.* Amem!”

Jesus agora vive para sempre como um ser espiritual eterno, imortal. João também nos diz que os Seus fiéis seguidores, na ressurreição *serão como Ele*—“e qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro” (1 João 3:2-3).

Jesus agora assenta-se à direita de Deus Pai “havendo-se-lhe sujeitado os anjos, e as autoridades, e as potências” (1 Pedro 3:22). Ele é a Cabeça activa da Igreja (Colossenses 1:18), e “o primogénito entre muitos irmãos” (Romanos 8:29). Continuamente, Ele ajuda a trazer muitos outros para a salvação na família de Deus.

Como serve Ele os seus irmãos e as suas irmãs na terra? Lembremo-nos que Cristo é o Mediador entre Deus e o homem (1 Timóteo 2:5). Um dos temas principais da epístola aos Hebreus é mostrar como Cristo executa a Sua sagrada função de Sumo-sacerdote (para mais informação, veja “A Rotura do Véu do Templo” página 104).

O pecado danificou gravemente a humanidade. “O pecado é iniquidade,” (1 João 3:4). O pecado separa-nos de Deus (Isaías 59:1-2) e ameaça a nossa recompensa eterna. É o inimigo implacável de todo o ser humano e tem de ser vencido. Isto não é fácil nem nunca o foi. Mas Cristo sabe o que é ter a natureza humana, o ser tentado pelo pecado, ser tentado a transgredir a lei espiritual de Deus. “Porque, naquilo que ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados” (Hebreus 2:18).

Cristo fez tudo o que foi necessário para resistir às atracções da carne e tentações de pecar. Ele nunca as subestimou. Orou e jejuou, mas acima de tudo confiou continuamente no Pai e procurou a Sua ajuda.

Por jamais transgredir, nem uma só vez, a lei de Deus, Ele “condenou o pecado na carne” (Romanos 8:3). Pelo contrário, o pecado manchou-nos e um dos nossos maiores objectivos, como Cristãos, é aprender a ultrapassar os seus embaraços. Contudo não o podemos fazer sem a ajuda do nosso Salvador que nos disse: “ . . . sem mim nada podereis fazer” (João 15:5). Veja-se Hebreus 4:14-16: “Visto que temos um grande sumo-sacerdote, Jesus, Filho de Deus, que penetrou nos céus, retenhamos firmemente a nossa confissão. Porque não temos um sumo-sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém *um* que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado. Cheguemos, pois, com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno.”

Cristo é o autor e capitão da nossa salvação. “Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder [perante o Pai] por eles” (Hebreus 7:25). Cristo está sentado à direita de Deus Pai “para agora comparecer, por nós, perante a face de Deus” (Hebreus 9:24).

Paulo diz que Jesus vive outra vez, em sentido figurativo, pelo habitar do espírito de Deus nos Cristãos convertidos (Gálatas 2:20), dando-nos poder para vivermos uma nova e devota vida de acordo com o modelo da Sua. Pelo seu sacrifício e por viver de novo em nós, nós podemos ser remidos “de toda iniquidade” e ser purificados para Ele como “um povo seu especial, zeloso de boas obras” (Tito 2:14).

reconciliados com Deus pela morte de seu Filho" (Romanos 5:10).

Pedro diz que este sacrifício mortal de Cristo "na verdade, em outro tempo foi conhecido, ainda antes da fundação do mundo" (1 Pedro 1:20). João fala de Jesus como "o Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo" (Apocalipse 13:8). A vinda de um Messias para ser um sacrifício de salvação estava planeada ainda antes do princípio deste mundo presente.

Os nossos primeiros pais, Adão e Eva, pecaram e toda a humanidade fez o mesmo. Contudo, Deus apagaria a inimizade presente nas mentes dos seres humanos contra Ele mesmo, demonstrando o seu amor para com todos eles pela única maneira que seria convincente: *o Próprio Criador viria à terra e sacrificaria a Sua própria vida por eles* (João 3:16-17).

A dinâmica do sacrifício de Cristo

Deus teve de se assegurar que os seres humanos, que entendeu tornar filhos na Sua família divina (2 Coríntios 6:18), jamais, em qualquer momento futuro, se voltariam contra Ele. (Para mais informação sobre este fantástico futuro, peça ou descarregue uma cópia grátis da brochura *Qual É o Seu Destino?*)



No fundo, a história de Jesus Cristo é uma história de amor—o amor do Pai que deu o Seu Filho unigénito e o amor do Filho que deu a Sua vida para que todo aquele que queira possa finalmente partilhar da vida eterna na família de Deus.

Posto que o primeiro homem e a primeira mulher desobedeceram a Deus e preferiram seguir a Satanás, como é que Deus se asseguraria de que tal não voltaria a acontecer? Como os poderia Deus trazê-los ao ponto de eles nunca se voltarem contra Ele? Como poderia Ele alcançar a confiança total deles?

O plano do Verbo se fazer homem e dar a Sua vida por toda a humanidade estabeleceria o amor de Deus sem dúvida alguma.

O sacrifício de Cristo não foi só para a remissão dos pecados, mas também será um testemunho eterno do amor de Deus (João 3:16-17). Deus terá um relacionamento com os Seus filhos que estarão nesta relação porque *quiseram* estar nela. Será uma relação de completa confiança.

É obvio que os primeiros seres humanos não conheciam realmente o seu Deus e o seu Criador. Antes mesmo de Jesus ser preso e morto, Ele declarou enfaticamente aos seus discípulos: "*já desde agora* O conheceis,

e O tendes visto" (João 14:7).

A declaração que Jesus fez na Sua última prece surge agora em pleno: "a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (João 17:3). O seu sacrifício seria o testemunho final, o depoimento insuperável, do amor que Deus Pai e Jesus Cristo tinham para com a humanidade. Os discípulos, pouco depois, vieram a conhecer Deus duma maneira muito profunda, e vieram a compreender que realmente "Deus *é* amor," como expressou o apóstolo João (1 João 4:8, 16).

Uma lição no maior amor

Quando se conhece, como conheceram os apóstolos, o verdadeiro Jesus e a verdadeira história, tudo se torna diferente no mundo.

Esta demonstração de amor foi tão poderosa! Conseguimos alcançá-la? "Porque *Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigénito,* para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo não para que condenasse o mundo, *mas para que o mundo fosse salvo por ele"* (João 3:16-17).

Quem não tenha gozado do amor dos que lho *deveriam* ter dado, nomeadamente dos pais ou de outros familiares, muitas vezes têm dificuldade em amar outros. Sem o exemplo de amor de outros, nós não conheceríamos o amor. Amor é algo que não nos pode ser explicado; temos simplesmente de o viver nós próprios. Não sabemos como amar até que primeiro nos seja mostrado.

Sem conhecermos por experiência a bondade de outros, não temos razão convincente para fazermos o que é correcto. Sem conhecermos por experiência o amor de Deus expresso na morte de Cristo, não teríamos razão convincente para amar outros. Se não chegamos a um conhecimento completo que Deus morreu por cada um de nós pessoal e individualmente, não podemos estar convencidos da gravidade dos nossos pecados pessoais ao ponto de não desejarmos jamais pecar de novo.

Deus Pai e Jesus Cristo sabiam como levar a cabo o Seu plano de trazer filhos para a família divina dEles—filhos que sempre desejariam permanecer nesta relação duma família sagrada e amorosa. O facto de que Jesus—o Criador de tudo e que tinha vivido eternamente—viesse a viver como um ser mortal e entre mortais e depois morrer por eles para que também podessem ter a vida eterna, não é nada menos que ser Deus Criador.

O mesmo se pode dizer com respeito ao Pai que renunciou ao Seu eterno companheiro, a Ele mais chegado que qualquer relação humana pode ser, e permitiu que Jesus experimentasse o sofrimento que passou, para o bem de toda a humanidade. Para ambos o sacrifício é inimaginável.

Nunca antes se ouviu tal sacrifício na experiência humana. A bondade humana nem de longe se lhe aproxima. Como Paulo escreveu em Romanos 5:7-8: "Porque apenas alguém morrerá por um justo; pois poderá

ser que pelo bom alguém *ouse* morrer. Mas Deus *prova* o seu amor para connosco, em que Cristo morreu por nós, *sendo nós ainda pecadores."*

Paulo conclui dizendo que Cristo é "a sabedoria de Deus" (1 Coríntios 1:24) e que a ideia de "Jesus Cristo e Ele crucificado" (1 Coríntios 2:2) está "oculta em mistério, a qual Deus ordenou antes dos séculos" (versículo 7). O plano de Deus abre o caminho para que os nossos pecados sejam perdoados, mas é também desenhado de modo que nunca jamais escolhecemos de novo o caminho do pecado.

Deus sabia como resolver o problema do pecado e predeterminou o Seu propósito antes do primeiro homem ter respirado pela primeira vez.

Seu Encontro com o Destino: Encontrar-se com o verdadeiro Jesus

"Eu vim para que tenham vida e a tenham com abundância" (João 10:10).

Compreender mal as expectativas de Jesus para os Seus seguidores é uma das maiores tragédias entre todas. Muitos, assumindo erroneamente que Jesus pagou a penalidade pelos nossos pecados para que agora possamos fazer o que quisermos, têm formado uma ideia mental de Jesus como sendo um Ser amoroso, sossegado e dócil, dando vida eterna a quem simplesmente O reconheça como Senhor e Salvador. Muitos crêem que há muitos caminhos que conduzem a Deus e a uma alegre vida após a morte.

A Bíblia revela que cada um de nós tem um encontro com o destino quando enfrentarmos Jesus e prestarmos contas das nossas acções. Surpreendentemente, a maneira como Jesus aparecerá quando regressar, e o critério que usará em determinar quem estará no Seu Reino, são bastante diferentes daquelas que a maior parte das pessoas têm sido levadas a crer. Assim como tem havido grande confusão com respeito à primeira vinda de Cristo, interpretações incorretas acerca do Seu regresso também são abundantes. Qual é a verdade—a verdadeira história—acerca do Seu regresso?

Porque virá Cristo uma segunda vez?

Jesus é representado no livro do Apocalipse como o Salvador ressuscitado, o Messias que se prepara para voltar à terra uma segunda vez. "Eu sou . . . o que vivo e fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre" (Apocalipse 1:17-18).



Jesus Cristo regressará à terra para salvar a raça humana da extinção, intervindo quando a humanidade estiver à beira da auto-destruição.

Mas *como* é que Ele vem e porquê? Em Mateus 24 Ele dá-nos a resposta sóbria. Respondendo à pergunta dos discípulos acerca do tempo do seu regresso e do fim desta era do homem, Jesus apresentou um cenário assustador que inclui proliferação de enganos religiosos, guerras, fome e desastres naturais catastróficos. Ele disse-lhes: "Essas coisas serão como as primeiras dores de parto" que apresentarão a nova era que se iniciará com o Seu regresso (versículo 8, BLH).

Quando é que Ele intervirá? *Na altura em que a humanidade se confronta com a aniquilação.* "Naqueles dias haverá um *sofrimento tão grande* como nunca houve desde que Deus criou o mundo; nunca mais acontecerá uma coisa igual. Porém Deus diminuiu esse tempo de sofrimento. Se não fosse assim, *ninguém seria salvo.* Mas, *por causa do povo que Deus escolheu para salvar, esse tempo será diminuído"* (versículos 21-22, BLH).

Por que Jesus Cristo tem de regressar? Porque as condições se terão tornado tão terríveis, tão ameaçadoras à vida que *a vida humana estará em perigo de extinção.* Ele veio à terra a primeira vez para nos salvar dos nossos pecados. Ele virá uma segunda vez *para nos salvar de nós mesmos.*

Inicialmente, pelo menos, não será um bonito espectáculo. Apocalipse 6:16-17 descreve Cristo como vindo *com ira* por causa da contínua recusa da humanidade em obedecer as Suas leis e do permanente deslize do mundo para o mal e para a autodestruição. O Seu regresso é anunciado ao som de trombetas prenunciando calamidades horríveis na terra (capítulos 8 e 9). Contudo, sem dúvida, é o Seu grande cuidado para com a humanidade que leva a esta justa indignação.

Jesus é apresentado como sendo O que regressa para governar as nações da terra inteira (Apocalipse 11:15). Ele não aceitará resistência de ninguém que se oponha ao seu justo governo e declarará guerra às nações e líderes que se lhe oponham (Apocalipse 19:15). Ele castigará e reinará *para o nosso próprio bem,* a fim de que haja paz num mundo determinado a destruir-se a si mesmo.

Esta é certamente a descrição mais importante de Jesus na Bíblia, porque este é o Jesus que o mundo inteiro encontrará em algum momento de anos vindouros—talvez num futuro não muito distante.

Destas profecias se vê que Jesus não morreu *para nós fazermos o que quisermos*. " . . . Humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um nome que é sobre todo o nome; *para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho"* (Filipenses 2:8-10).

Quando regressar, Jesus tomará o Seu justo lugar como rei da terra, como o Messias salvador. *Onde te encontrarás nessa altura?*

Estamos a passar algo por alto?

Como apontámos no início deste capítulo, muitos têm a ideia de que Jesus morreu por nós para eliminar qualquer requerimento para obedecermos a Deus—e que um Jesus gentil e dócil nos admitirá na Sua eterna presença se O aceitarmos como nosso Salvador, independentemente da maneira como vivamos.

'Ora Vem, Senhor Jesus'!

O nosso mundo de hoje está cheio de terror de toda a espécie: terroristas suicidas, antraz, bombas "sujas" radioactivas, epidemias mortais, sequestros, quadrilhas, violações, assassinatos, guerras.

Para onde quer que olhemos a tendência é a de queda. A desumanidade do homem para com o seu semelhante piora, e mesmo o mais optimista acha cada vez mais difícil lutar contra os sentimentos de mau presságio de que o nosso mundo está numa rota de auto-destruição.

Jesus Cristo olhou através da história e predisse esta espiral de aflições conduzindo para um tempo difícil, sem precedentes, a ocorrer antes do Seu regresso (Mateus 24:7-8, 21). O Nosso



Mas acreditar nestas coisas é acreditar num falso Jesus e falhar completamente em entender a razão da Sua prometida segunda vinda. Ele tem de regressar precisamente *por* termos seguido o caminho de fazer o que queremos e rejeitando as leis de Deus—e esse caminho termina no ponto de *extinção global.*

Que caminho escolherá? É verdade que o sacrifício de Cristo demonstrou o amor de Deus e não há nada que possa constituir uma prova mais poderosa desse amor. Mas é isso a história inteira? O Cristianismo é só um assunto de tudo quanto Jesus *fez* por nós? Ou estamos nós de boa vontade seguindo a Jesus *fazendo o que Ele mandou e imitando o Seu exemplo?*

Vamos só acreditar *nEle*, ou também *na Sua mensagem*? Há uma diferença fundamental. Ele pregou o *Evangelho do Reino de Deus,* do Reino governador do mundo inteiro que ele estabelecerá no seu regresso. Estás a preparar-te para *fazeres parte* do Reino de Deus? Compreendes que o Reino de Deus é um reino literal que governará sobre toda a terra e, no seu cumprimento final, se estenderá por todo o infinito universo e pela eternidade fora?

Salvador espiritual também prometeu salvar a humanidade da destruição total na Sua gloriosa vinda (Mateus 24:22, 30). Este é o tempo em que, ao longo dos séculos, o povo de Deus tem ansiado e rogado: "*Venha o teu Reino*" (Mateus 6:10).

A João, um apóstolo de amor e compaixão profundos, foi dada a maravilhosa visão de um tempo para além de todas as inquietações, calamidades e guerras necessitadas pelo mal irreverente do homem—o tempo em que Deus enxugará todas as lágrimas, quando não houver mais dor nem choro (Apocalipse 21:4).

No fim do último capítulo do último livro da Bíblia João registou por três vezes a maravilhosa promessa de Cristo: "Eis que cedo venho" (Apocalipse 22:7, 12, 20). No versículo 20 João e todos os Cristãos respondem com profundo desejo: "Ora vem, Senhor Jesus!"



Fotos: Corbis, PhotoDisc, iStockphoto

Jesus explicou as leis do Reino de Deus no Seu Sermão da Montanha. São magnificações das mesmas leis que Ele deu no Sinai, leis que Ele viveu perfeitamente na Sua vida inteira. Jesus disse que se uma pessoa de qualquer forma as diminuir, essa mesma pessoa será vista como menor (Mateus 5:19). Contudo, tragicamente, a maior parte dos que dizem seguir Jesus descartam as Suas claras afirmações em assuntos importantes.

Parece que a instrução do Cristianismo, desde o tempo em que os apóstolos passaram da cena, concentrou-se na atraente idéia de Alguém que te ama, te perdoa, te comforta e te aceita. Poucos são os que ensinam que Jesus *exige* aos seus seguidores *obedecer* aos mandamentos do Pai, quer para o bem deles como para o benefício e bênção dos que os rodeiam (1 João 2:3-6; 5:3).

Se não entendes os mandamentos de Deus não sabes o que é o pecado, porque o pecado é a transgressão da lei de Deus (1 João 3:4). Pois, se não souberes o que é o pecado, então como podes arrepender-te? Sem arrependimento—isto é, sem te virares da *tua própria maneira pessoal* de viver e passar a viver da *maneira que Deus* vive—como podes verdadeiramente aceitar Jesus Cristo como Senhor e Salvador?

Jesus não morreu para que nos sentíssemos melhor acerca de nós próprios. *Jesus morreu para pagar o castigo dos pecados que todos nós cometemos.* Se voltamos ao pecado, depois de sabermos estas coisas, "de novo crucificamos o Filho de Deus, e o expomos ao vitupério" (Hebreus 6:6). Por que haveríamos de desprezar o Seu sacrifício e de O matar outra vez?

O que é que Ele espera de nós?

Em Lucas 6:46 Jesus apresenta uma pergunta que todos nós devemos considerar seriamente: "por que me chamais, Senhor, Senhor, *e não fazeis o que eu digo?"*

Não é suficiente chamar a Jesus simplesmente "Senhor," ou aceitá-Lo como tal. Como Jesus mesmo explicou em Mateus 7:21: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas *aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus."* Para entrarmos no Reino de Deus requer-se de nós *viver de acordo com a vontade de Deus.* Não há nemhuma outra maneira.

Ele continua nos versículos 22-23: "Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizámos nós em teu nome? E em teu nome não expulsamos demónios? E em teu nome não fizemos muitas maravilhas? E então lhes direi abertamente: *Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade."*

De que leis Ele podia estar a falar? Das mesmas que *Ele cumpriu na perfeição.* As mesmas leis que *Ele, como Deus de Abraão, Isaac e Jacob, revelou a Moisés.* As mesmas leis que *Ele instituirá para governar toda a humanidade no Seu Reino.* Ele nunca dará o maravilhoso dom da vida eterna a quem regressar ao pecado, "crucificando outra vez . . . o Filho de Deus"!

Claramente, Jesus espera que nos afastemos completamente do pecado e começemos a obedecer aos mandamentos de Seu Pai, a perfeita "lei da liberdade" que nos liberta do sofrimento e da morte que o pecado traz (Tiago 1:25; 2:12).

Uma vida abundante e gratificante

É trágico que obediência às leis de Deus seja chamada "escravidão" por muitos—ironicamente, incluindo muitos professores religiosos supostamente Cristãos. O apóstolo João diz-nos abertamente que tais mestres estão errados. "Porque este é o amor de Deus: *que guardemos os seus mandamentos;* e os seus mandamentos *não são pesados"* (1 João 5:3).

Jesus Cristo entendia que viver de acordo com o caminho de vida revelado por Deus é a chave de uma vida de sucesso, alegria e gratificante. Ele diz em João 10:10: "Eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância."

Ele diz para aqueles que O desejam seguir: "Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve" (Mateus 11:29-30). O que o mundo vê como escravidão é na verdade liberdade e alegria em Cristo. Isto é o que Deus promete aos que seguem o verdadeiro Jesus e aos Seus verdadeiros ensinamentos.

Mas essa senda não é fácil de se encontrar e apenas tu próprio podes escolher segui-la. Ele diz-nos: "Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela." Continuando Ele instrui-nos a não tomarmos o caminho fácil que a maior parte da humanidade escolhe: ". . . porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem" (Mateus 7:13-14). Se tomar a decisão de se entregar a Jesus, então entregue-se ao verdadeiro Jesus Cristo com a Sua verdadeira história em mente. Ele é um rei. Ele é merecedor de reinar a terra inteira e Ele *governá-la-á.*

Ele é o Criador da terra e Criador da própria vida. Ele assumiu completa responsabilidade pela Sua criação ao vir à terra demonstrar as Suas boas intenções para connosco e com fiel aderência à vontade de Deus para morrer por nós. Ele não falhará em completar a Sua missão para estabelecer o Seu Reino de paz sobre toda a terra.

Por isso, se O aceitar, lembre-se que O aceita como *Rei e Governante* da sua vida *agora.* Ele é Aquele a quem serve agora e a Quem servirá para sempre.

ENDEREÇOS POSTAIS

Estados Unidos da América:

(Pode pedir em Português, Espanhol ou Inglês)
Igreja de Deus Unida
P O Box 541027
Cincinnati, OH, 45254-1027
Telefone: +1 (513) 576 9796

Inglaterra:

United Church of God
P O Box 705
Watford,
Herts WD19 6FZ
Telefone: +44 (0)20-8386-8467

Brasil:

Igreja de Deus Unida
Caixa Postal 2027
Uberlândia – MG,
CEP 38400-983
Telefone: +1 (513) 576 9796

Internet:

http://portugues.ucg.org
www.ucg.org
www.ucg.org/beyond-today

e-mail: info@ucg.org

Autor: Bill Bradford
Escritores contribuintes: Scott Ashley, Tom Robinson
Revisores editoriais: John Bald, Roger Foster,
Paul Kieffer, John Ross Schroeder, Mario Sieglie
Foto da capa: Scott Ashley
Artista de layout em Português: Michelle Vautour
Tradutores: José dos Santos Martins, Luis de Andrade
Revisor da tradução: Jorge Manuel de Campos

Para Saber Mais . . .

Quem somos: Esta literatura é distribuída gratuitamente pela Igreja de Deus Unida, uma Associação Internacional, que tem ministros e congregações em muitas partes do mundo.

Nossas raízes remontam à Igreja que Jesus fundou, no início do primeiro século. Seguimos os mesmos ensinamentos, doutrinas e práticas que então foram estabelecidas. A nossa incumbência é a de proclamar o evangelho do vindouro Reino de Deus em todo o mundo, como um testemunho, e também ensinar todas as nações a observar o que Cristo ordenou (Mateus 24:14; 28:19-20).

Para saber mais acerca de Igreja de Deus Unida, visite o nosso site portugues.ucg.org e ponha o seu 'mouse' na aba 'Quem somos' or use diretamente este link: https://portugues.ucg.org/quem-somos. Também pode ler o nosso guia de estudo Bíblico sobre a Igreja de Deus Unida neste link: https://portugues.ucg.org/ferramentas-de-estudo-da-biblia/guias-de-estudo/esta-e-a-igreja-de-deus-unida-0 e o guia acerca da Igreja que Jesus edificou: https://portugues.ucg.org/ferramentas-de-estudo-da-biblia/guias-de-estudo/a-igreja-que-jesus-edificou-0

Gratuidade: Jesus Cristo disse: "de graça recebestes, de graça dai" (Mateus 10:8). A Igreja de Deus Unida oferece esta e outras publicações gratuitamente, como um serviço educacional no interesse público. Nós o convidamos a solicitar sua assinatura gratuita da revista A Boa Nova e a inscrever-se no nosso Curso de Ensino Bíblico, de 12 lições, que também é gratuito.

Somos gratos pelos generosos dízimos e ofertas dos membros da Igreja e doutros colaboradores que, voluntariamente, contribuem para apoiar esta obra. Nós não solicitamos fundos do público em geral. No entanto, são bem-vindas as contribuições para ajudar-nos a compartilhar esta mensagem de esperança com outros.

Se desejar, de livre vontade dar um dízimo ou fazer um donativo no Brasil, para ajudar esta Obra de Deus, os nossos detalhes bancários são:

Caixa Econômica Federal, Igreja de Deus Unida, Brasil
Conta Poupança 7648-8, Operação 013, Agência 3540

Aconselhamento pessoal: Jesus ordenou os seus seguidores a apascentar Suas ovelhas (João 21:15-17). Para cumprimento desta instrução, a Igreja de Deus Unida tem congregações ao redor do mundo, onde crentes reúnem-se para receberem o ensinamento das Escrituras e para se confraternizarem.

A Igreja de Deus Unida empenha-se em entender e praticar o Cristianismo do Novo Testamento. Desejamos compartilhar o caminho de vida de Deus com os que, fervosamente, buscam adorar e seguir o nosso Salvador, Jesus Cristo.

Os nossos ministros estão disponíveis para aconselhamento, e para responder a questões e dúvidas sobre a Bíblia. Caso deseje contactar um ministro, ou visitar uma das nossas congregações, sinta-se à vontade entrar em contacto com o nosso escritório mais próximo.

Informação adicional: Visite o nosso site https://portugues.ucg.org para solicitar ou baixar os nossos guias de estudo Bíblicos ou a revista A Boa Nova. Se desejar corresponder-se conosco em Português, por favor envie um e-mail para info@ucg.org ou use a aba de contato do nosso site https://portugues.ucg.org. Também pode escrever a um dos endereços listados neste guia de estudo Bíblico.